



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**Prática de Ensino Supervisionada em Educação
Pré-Escolar: O Papel da Expressão Dramática no
Brincar**

Joana Miguel Santana Marques Aleixo Rosa

Orientação: Professora Doutora Isabel Maria
Gonçalves Bezelga

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio

Évora, 2015

Agradecimentos

O presente relatório é o fruto de muito empenho e trabalho ao longo do ano. No entanto, o trabalho nem sempre foi fácil, pois este caminho que percorri fez-se de obstáculos e fragilidades em que tive de arranjar forças e estratégias para os ultrapassar. Apesar de tudo sei que este processo faz parte da aprendizagem.

Gostaria de agradecer à minha família, especialmente aos meus pais e à minha avó por me terem dado tanto apoio nos momentos mais difíceis e por partilharem comigo também os momentos de glória. Se sou a pessoa que sou hoje, em que acredito que se lutarmos pelo que acreditamos sem nunca baixar os braços caminhamos no sentido certo, é graças a estas pessoas. Agradeço a todos os que me apoiaram, para que nesta fase conseguisse chegar à meta concretizando o sonho de ser educadora de infância.

No entanto, quero fazer um agradecimento especial ao meu marido, que apesar de não ter conseguido estar sempre presente devido à sua vida profissional, sempre acreditou nas minhas capacidades e sempre me reconfortou com pensamentos positivos.

Agradeço à minha amiga Marta Bilro por sempre me ter dado incentivo a ultrapassar os obstáculos e por ter partilhado comigo a sua experiência enquanto educadora de infância, no entanto também não poderei esquecer o apoio da minha amiga Marisa Carretas que também sempre me encorajou com pensamentos positivos acreditando no meu potencial. Às minhas amigas e colegas Ana Grosso e Susana Passos, só tenho a agradecer os momentos partilhados, as palavras reconfortantes, em suma a amizade que se construiu ano após ano.

Agradeço à Professora Doutora Ana Artur, pelo apoio sempre prestado, pelos conhecimentos transmitidos e por ser sempre uma pessoa tão disponível a ajudar. Foi uma pessoa que me fez crescer alertando-me sempre no que poderia melhorar e reforçando sempre os meus pontos positivos. À Professora Doutora Isabel Bezelga, pela disponibilidade, pela preocupação e pelo cuidado que prestou enquanto orientadora deste relatório.

Outro agradecimento especial à Coopberço, por todo o apoio prestado.

A todos, muito obrigada.

Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar: O papel da Expressão Dramática no Brincar

Resumo

No decorrer do mestrado integrei na Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância na instituição Coopberço, um trabalho a nível da dimensão lúdica respeitante ao desenvolvimento das atividades dramáticas, que irá ser descrito no presente relatório de estágio.

Ao longo do relatório à medida que aprofundo o tema “O papel da Expressão Dramática no Brincar”, irei também descrever aspetos relativos à minha conduta enquanto futura educadora, pautados pelo Perfil Profissional do Educador de Infância e a Carta de Princípios para uma Ética Profissional da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).

Tenciono também demonstrar através dos momentos decorridos na PES em Creche e Jardim de Infância de que forma a expressão dramática esteve presente na brincadeira das crianças.

Palavras-chave: papel, expressão dramática, brincar, e ação educativa

Supervised Teaching practice on Pre-school education: The role of drama expression on the play

Abstract

Throughout my master's degree I have integrated in the Supervised Teaching Practice (PES) both in Daycare Center and Kindergarten on the Coopberço institution, an investigation on the playful dimension concerning the development of drama activities, which will be described in this internship report

Throughout this report, while I deepen the subject "The role of scenic expression on the play", I will also describe matters relative to my conduct as a future educator, aligned by both Preschool Teacher Professional Profile and the Letter of Principles to a Professional Ethics from the Preschool Professional Association (APEI)

I also intend to demonstrate through the moments occurred in PES in Daycare Center and Kindergarten how scenic expression was present on child's play.

Key-words: role, drama, play, educative action

Índice

Índice de Imagens	V
Índice de Apêndices	-VI
Lista de Siglas	VII
Introdução	- 1 -
1. Enquadramento Teórico	- 7 -
1.1-A importância da atividade lúdica no desenvolvimento da criança	- 8 -
1.2-A evolução do jogo segundo a perspectiva de Piaget.....	- 10 -
1.3-A evolução do jogo segundo a perspectiva de Vygotsky	- 14 -
1.4-A evolução do jogo segundo a perspectiva de Winnicott.....	- 16 -
1.5- A brincadeira de faz-de-conta	- 18 -
1.6- Imaginação e Contextualização.....	- 21 -
1.7- O papel do educador enquanto mediador de aprendizagens	- 23 -
2. Dimensão Investigativa da PES.....	- 27 -
2.1- Metodologia.....	- 27 -
2.1.1- Caracterização da instituição	- 28 -
2.1.2- Caracterização dos grupos	- 32 -
2.1.3- Participantes na investigação	- 38 -
2.1.4- Instrumentos e estratégias de recolha de dados	- 40 -
2.2- Apresentação e Análise de dados	- 44 -
2.3- A importância da dimensão investigativa para a intervenção no contexto da PES	- 47 -
3. Projeto “O Cabeleireiro”	- 49 -
4. A Expressão Dramática no brincar	- 85 -
5. Considerações finais.....	- 95 -
Referências Bibliográficas	- 99 -

Índice de imagens

Imagem 1 - Sof. afixa o espelho na parede onde vai ser a área do cabeleireiro	- 53 -
Imagem 2 - Espalmar de uma face da caixa para que outra caixa encaixe dentro desta	- 55 -
Imagem 3 - Recorte dos cantos da caixa para que outra encaixe nesta, fazendo de gaveta...	- 55 -
Imagem 4 - Recorte de uma meia lua para fazer de puxador	- 55 -
Imagem 5 - Continuação da imagem anterior.....	- 55 -
Imagem 6 - Colagem das partes da caixa que se encontram soltas	- 55 -
Imagem 7 - As duas crianças ajudam-se mutuamente a fazer o recorte	- 55 -
Imagem 8 - T. cola partes da caixa que se encontram mais frágeis	- 56 -
Imagem 9 - Gui. e o M. colam partes da caixa que se encontram mais frágeis.....	- 56 -
Imagem 10 - G. coloca cola nas partes frágeis da caixa	- 56 -
Imagem 11 - T. pressiona o cartão para que a cola adira ao mesmo	- 56 -
Imagem 12 - Marg. pressiona a cola para que adira ao cartão	- 57 -
Imagem 13 - Sof. ajuda F. R. a por cola na caixa	- 57 -
Imagem 14 - L. S. coloca cola nas partes frágeis da caixa.....	- 57 -
Imagem 15 - San. coloca cola nas partes frágeis da caixa	- 57 -
Imagem 16 -- Sof. e A. F. recortam a meia lua pelo contorno	- 57 -
Imagem 17 - Sof. e Ir. pressionam a cola para esta aderir à caixa ..	- 58 -
Imagem 18 - Sof. e F. R. pressiona as duas caixas uma na outra para que a cola adira às mesmas..	- 58 -
Imagem 19 - Visita ao salão de cabeleireiro.....	- 62 -
Imagem 20 - A. F. e o F. R. pintam a estante de vermelho	- 63 -
Imagem 21 - M. e La. pintam umas das caixas com tinta ..	- 63 -
Imagem 22 - M. e La. pintam umas das caixas com tinta verde	- 63 -
Imagem 23 - A. C. e S. pressionam as caixas uma na outra para colarem uma à outra.....	- 64 -
Imagem 24 - A. C. coloca cola branca em cima das caixas	- 64 -
Imagem 25 - Realização de um convite com a Marg. para convidarmos a sua avó a vir à nossa sala	- 65 -
Imagem 26 - A avó da Marg. exemplifica como se puxa o cabelo com uma agulha para fazer madeixas	- 67 -
Imagem 27 - A avó da Marg. fala da sua profissão	- 67 -
Imagem 28 - A avó da Marg. exemplifica como se fazem rolos.....	- 67 -
Imagem 29 - A avó da Marg. mostra materiais de cabeleireiro	- 67 -
Imagem 30 - A avó da Marg. mostra várias cores de cabelo	- 67 -
Imagem 31 - A avó da Marg. exemplifica como se lava o cabelo ...	- 67 -
Imagem 32 - A Marg. arruma os materiais que avó nos ofereceu....	- 68 -
Imagem 33 - A Marg. mostra um livro com várias cores de cabelo	- 68 -
Imagem 34 - A L. O. penteia a boneca	- 68 -
Imagem 35 - Apresentação de imagens às crianças de vários tipos de cabelo	- 69 -
Imagem 36 - A mãe da L. O. arranja as unhas à Ir.	- 70 -
Imagem 37 - A mãe da L. O. apresenta os produtos com que arranja as unhas	- 70 -
Imagem 38 - A mãe da L. O. e a educadora arrancam as unhas às crianças	- 71 -
Imagem 39 - J. M. faz a dobragem do chapéu para a inauguração da área do cabeleireiro...	- 73 -
Imagem 40 - As crianças pintam os chapéus para a inauguração da área do cabeleireiro.....	- 74 -
Imagem 41 - As crianças finalizam a realização do livro dos penteados	- 77 -
Imagem 42 - La. cola imagens para o mapa	- 78 -

Imagem 43 - Gui. recorta imagens de utensílios de cabeleireiro para colar no mapa da área do cabeleireiro.....	- 78 -
Imagem 44 - Mapa da área do cabeleireiro com os cartões dos nomes das crianças	- 79 -
Imagem 45 - As crianças afixam o mapa para a área do cabeleireiro	- 79 -
Imagem 46 - A Sof. cola imagens de materiais de cabeleireiro para se organizarem as gavetas	- 80 -
Imagem 47 - As crianças modelam massa de cor para fazer as letras para o nome do cabeleireiro.....	- 80 -
Imagem 48 - As crianças recortam o desenho de uma escova de cabelo para colarem as letras com o nome do salão	- 81 -
Imagem 49 - Mar. tapa o boneco na cama.....	- 86 -
Imagem 50 - H. coloca chupeta a um boneco.....	- 87 -
Imagem 51 - Mar. E. coloca-se dentro da caixa e Mar. fecha a tampa como se fosse uma porta	- 87 -
Imagem 52 - Crianças exploram frascos sensoriais.....	- 88 -
Imagem 53 - Conto de histórias através de fantoches de dedo e de adereços. Exploração de lenços	- 89 -
Imagem 54 - Exploração de manga plástica	- 90 -
Imagem 55 - Representação de papéis de cabeleireiro e cliente na área do cabeleireiro.....	- 92 -

Índice de Apêndices

Apêndices I- Fichas de Observação do Envolvimento da Criança

Apêndices II- Entrevista à educadora de Jardim de Infância

Apêndices III- Análise das Planificações da PES I em Creche

Apêndices IV- Análise das Reflexões da PES I em Creche

Apêndices V- Análise dos vídeos da PES I em Creche

Apêndices VI- Análise das Planificações da PES I em Jardim de Infância

Apêndices VII- Análise das Reflexões da PES I em Jardim de Infância

Apêndices VIII- Análise dos vídeos da PES I em Jardim de Infância

Apêndices IX Análise das Planificações da PES II em Creche

Apêndices X- Análise das Reflexões da PES II em Creche

Apêndices XI- Análise dos vídeos da PES II em Creche

Apêndices XII- Análise das Planificações da PES II em Jardim de Infância

Apêndices XIII- Análise das Reflexões da PES II em Jardim de Infância

Apêndices XIV- Análise dos vídeos da PES II em Jardim de Infância

Lista de Siglas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias

ME – Ministério da Educação

Introdução

O presente relatório de estágio realizou-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar nas unidades curriculares da Prática de Ensino Supervisionada em Creche e em Jardim de Infância, da Universidade de Évora.

Este relatório de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, contém reflexões de observação participante e de intervenção educativa que retratam as minhas aprendizagens que ao mesmo tempo dão a conhecer um pouco da minha evolução ao longo da PES em Creche e Jardim de Infância. Nesta introdução abordarei a motivação para a temática, farei uma breve descrição dos grupos de Creche e Jardim de Infância, das observações que realizei, uma explicação dos períodos em que estive na instituição, uma breve introdução ao projeto do Cabeleireiro, e uma explicação dos capítulos vindouros deste relatório.

O que me motivou a escolher este tema durante a realização do estágio foi a possibilidade de poder compreender como as crianças brincam em diferentes faixas etárias. Sempre me estimulou observar a maneira como as crianças interagem entre elas e com os objetos. Através das observações que realizei quis perceber como afectava o decurso da sua brincadeira, a interacção que eu estabelecia com elas, entrando no jogo e desafiando-as. Considero excepcional a capacidade que as crianças têm em transformarem o espaço e os materiais de acordo com o que elas desejam, dando novos significados e funções a acções e objectos do quotidiano e também quando encarnam diferentes personagens.

Na valência de Creche verifiquei juntamente com a educadora, que as crianças mais velhas brincavam muito com os lençóis da cama das bonecas explorando-os, fazendo jogos de imitação, tapando as bonecas ou colocando-lhes a chupeta e representando que lhes davam de comer. Em relação às crianças mais novas verificámos: que exploravam os objetos levando-os à boca; batiam com brinquedos uns nos outros ouvindo o seu som; colocavam objetos dentro de outros e depois esvaziavam. O tipo de brincadeira que varia em função da idade foi o meu objeto de estudo nesta valência, o que norteou a minha intervenção.

No que concerne à valência de Jardim de Infância verifiquei que as crianças apreciavam brincar em todas as áreas da sala, mas tinham um interesse especial em

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

dramatizar situações de cabeleireiro quando estavam na área da casa, pois penteavam os cabelos umas às outras incluindo a mim, colocavam ganchos umas nas outras ou mesmo quando representavam que secavam o cabelo com um secador imaginário. A partir destas observações, apoiadas por conversas que mantive com a educadora L. P. (educadora de Jardim de Infância) decidi desenvolver com as crianças o projeto de criar a área do cabeleireiro na sala, atendendo assim a um interesse das mesmas, ao mesmo tempo que enriqueci o espaço de jogo simbólico. Tanto eu quanto a educadora preocupámo-nos em melhorar as áreas da sala onde as crianças brincam em situações de dramatização, tendo sido esta tarefa bastante fácil e gratificante, pois tivemos sempre em consideração o que elas gostavam de fazer e de ter na sala e o resultado foi positivo na medida em que todas as crianças se mostraram agradadas com a mudança.

Ao longo do estágio confirmei que a partir do contexto de atividade lúdica espontânea, a expressão dramática se encontrava sempre presente tanto na valência de Creche, como na de Jardim de Infância, pois as crianças sempre que brincam dramatizam e exploram, estando assim a palavra brincar muito ligada a expressão e jogo dramático.

No primeiro semestre permaneci na instituição apenas duas manhãs, uma manhã na valência de Creche e outra manhã na valência de Jardim de Infância que decorreu entre o início do mês de Outubro e meados do mês de Dezembro. No que concerne ao segundo semestre, permaneci na instituição 6 semanas na valência de Creche, em que numa delas fui apenas observadora participante e nas restantes intervinha planificando, decorrendo este período desde o início do mês de Fevereiro até ao final do mês de Março. Nesta valência realizei a minha prática numa sala com crianças de idades compreendidas entre 6 meses e os 22 meses, tendo como cooperante a educadora C. G. Na valência de Jardim de Infância estive 9 semanas, sendo que numa delas fui apenas observadora participante e nas restantes intervinha planificando. Este período decorreu desde o início do mês de Abril até ao final do mês de Maio. Neste caso, lidei com crianças com idades compreendidas entre 3 e 4 anos de idade, tendo como cooperante a educadora L. P.

Como forma de dar continuidade e aprofundar esta temática, continuei a utilizar a Escala do Envolvimento da Criança do manual do DQP utilizada na PES.

O relatório encontra-se subdividido em seis capítulos sustentado na fundamentação teórica realizada, complementando o desenvolvimento da dimensão investigativa da PES com o projeto realizado e terminando nas considerações finais.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

O primeiro capítulo do relatório compreende a fundamentação teórica relativa à temática “O papel da Expressão Dramática no Brincar”, abrangendo conteúdo acerca da criança e do jogo, onde será feita referência à importância do brincar na aprendizagem das crianças e às diferentes teorias dos diferentes autores que sustentam a evolução do jogo na criança em diferentes fases.

No subponto 1.1 do capítulo 1, explicitarei de que forma o brincar poderá trazer benefícios na aprendizagem das crianças.

No subponto 1.2 do capítulo 1, irei abordar a perspectiva de Piaget sobre a evolução do jogo onde irei explicitar a forma como este autor concebe a evolução da brincadeira da criança nas diferentes fases de desenvolvimento.

No subponto 1.3 do capítulo 1, irei falar acerca da perspectiva de Vygotsky sobre a evolução do jogo onde irei explicitar a forma como este autor concebe a evolução da brincadeira da criança ao longo do tempo.

No subponto 1.4 do capítulo 1, irei falar acerca da perspectiva de Winnicott sobre a evolução do jogo onde irei explicitar a forma como este autor concebe a evolução da brincadeira da criança ao longo do seu crescimento.

O capítulo 2 irá abranger uma fundamentação teórica relativa à brincadeira e à aprendizagem por intermédio do jogo dramático, com recurso a referenciais desta área. Abordarei ainda o jogo dramático espontâneo; a imaginação contextualizada; a dimensão lúdica no desenvolvimento das atividades dramáticas e o papel do educador enquanto mediador de aprendizagens.

No subponto 2.1, irei mencionar no que consta a brincadeira de faz-de-conta.

No subponto 2.2, irá ser abordada a imaginação e contextualização explicando de que forma as crianças conseguem contextualizar a imaginação de acordo com o que conhecem, da observação de experiências próximas, ou de acordo com o que lhes é transmitido por um adulto. Por exemplo, no caso do projeto do cabeleireiro que desenvolvi com as crianças, apesar destas já terem algum conhecimento acerca do que é um cabeleireiro, eu, enquanto mediadora de aprendizagens quando as levei ao cabeleireiro e quando convidei a avó de uma criança para ir falar acerca da profissão de cabeleireiro mostrando os seus materiais, tive a preocupação de transmitir conhecimento e ainda possibilitei que estas realizassem aprendizagens na Área do Conhecimento do Mundo. Esta abordagem permite às crianças contextualizarem a imaginação, pois não existe imaginação sem contextualização e ambas estão interligadas.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

No subponto 2.3, abordo o papel do educador enquanto mediador de aprendizagens, onde irá constar a referência ao facto do educador, em situações de brincadeira espontânea, poder promover aprendizagens, como acontece quando entra na brincadeira das crianças de forma não intrusiva, complexificando a brincadeira e introduzindo tópicos que enriquecem o vocabulário das crianças e a brincadeira em si. Quando se atende a um interesse das crianças contextualizando-o como referi há pouco, como aconteceu no projeto do cabeleireiro que desenvolvi na valência de Jardim de Infância, tem de se perceber o que é que elas sabem já sabem sobre o assunto. Neste caso apesar de saber que as crianças já tinham uma noção do que era um cabeleireiro através das observações diretas que fiz das brincadeiras das mesmas nas áreas da sala, percebi que enquanto futura educadora não bastaria criar o cabeleireiro, pois era necessário contextualizar essa informação que as crianças já tinham, levando-as ao exterior até a um salão para perceberem o que era necessário para criarmos essa área na sala e convidando um cabeleireiro para ir à sala mostrar os seus materiais e falar da sua profissão para terem um melhor conhecimento dos materiais e como se usam, pois só assim a partir do conhecimento que têm desta realidade conseguem contextualizar a imaginação, tendo desta forma o educador um papel crucial na passagem de conhecimentos.

O capítulo 3 irá abordar a dimensão investigativa da PES, que irá abranger o subponto da metodologia, sendo este o 3.1 onde consta: a caraterização da instituição (Coopberço); a caraterização dos grupos das duas valências; os participantes na investigação; instrumentos e estratégias de recolha de dados e apresentação e análise dos dados recolhidos.

No subponto 3.1.1, descreverei a caraterização da instituição onde irei recorrer ao meu dossier da PES, visto que era algo que tinha já feito relatando a localização da instituição, a sua história, os vários espaços da instituição, o pessoal docente e não docente, bem como as situações em que presenciei momentos de expressão dramática na mesma.

No subponto 3.1.2, farei a caraterização do grupo de creche e a caraterização do grupo de Jardim de Infância, onde irão constar os nomes e as idades das crianças, bem como as aprendizagens das mesmas no âmbito do tema do relatório.

No subponto 3.1.3, irei explicitar que participantes estiveram envolvidos no meu processo investigativo durante o estágio explicando de que forma estiveram envolvidos na investigação e como me apoiaram.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

No subponto 3.1.4, apresentarei os instrumentos e as estratégias de recolha de dados para a investigação explicitando a importância: do caderno de formação no que toca ao registo das notas de campo a partir das observações diretas das brincadeiras das crianças; da realização de uma entrevista à educadora cooperante; da realização de filmagens para recolher informação com maior precisão de forma a perceber a forma como as crianças brincavam e para perceber se o envolvimento das mesmas estava relacionado com os materiais existentes apoiando-me nos dados da Escala do Envolvimento da Criança do DQP- Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias.

No subponto 3.2, irei fazer a apresentação e análise dos dados da investigação e elucidarei como esta foi feita. Na análise dos dados sublinho: a realização de uma avaliação no final de cada semestre relativamente às reflexões e planificações, retirando excertos relacionados com a temática do meu Caderno de Formação, como forma de avaliar quando e de que forma dei ênfase à mesma; a análise dos vídeos a partir da descrição do que observei e de acordo com a Escala de Envolvimento da Criança do Manual do DQP, apresentando as respetivas grelhas digitalizadas e análise dos níveis de envolvimento das crianças e a sua evolução segundo os dados recolhidos a partir das Fichas de Envolvimento da Criança do manual do DQP, cujos resultados serão descritos.

Realizo em suma, uma análise conjunta (dos dados dos vídeos, das reflexões e das planificações) que vai de encontro à temática do relatório, através de uma breve abordagem acerca do projeto – criação da área do cabeleireiro, que desenvolvi na valência de Jardim de Infância.

No subponto 3.3., irei demonstrar de que forma a dimensão investigativa foi importante para intervir no contexto da PES, explicando que a partir das observações diretas das crianças nas áreas e através da realização de filmagens percebi a forma como as crianças brincavam, quais os seus interesses e de que forma podia atender aos mesmos potenciando o enriquecimento do espaço e entrando nas suas brincadeiras. Ao nível das planificações, preocupei-me em planificar de acordo com as necessidades e interesses das crianças e nas reflexões descrevi como decorreram os momentos, o que correu melhor, o que correu pior e de que forma poderia melhorar, sustentando-se toda a minha investigação neste processo de recolha, análise e reflexão ao longo do ano.

No ponto 4, irei referir como surgiu o projeto e irei explicar as fases de desenvolvimento do mesmo acompanhando-o detalhadamente com registo fotográfico.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

No subponto 5, irei analisar como a expressão e o jogo dramático se encontrou presente no brincar no decorrer do meu estágio e em que situações se encontrou.

Por último, no ponto 6, apresentarei as considerações finais, falando das aprendizagens, das dificuldades sentidas e projetando para o futuro.

Nos apêndices irão constar: as grelhas com a análise das reflexões, das planificações e dos vídeos que incidem sobre a temática, assim como também irão constar os resultados da análise dos vídeos da PES. Irão também constar as Fichas de Observação do Envolvimento da Criança e a entrevista realizada à educadora de Jardim de Infância.

Assim, ao longo do relatório, irei desenvolver e aprofundar a temática “O papel da Expressão Dramática no brincar”, através da abordagem de três objetivos principais: Perceber como as crianças brincam; Compreender de que forma introduzem na sua brincadeira o jogo dramático e perceber como a ação do educador, em situações de jogo, pode enriquecer e complexificar a brincadeira, transformando-se esses momentos em oportunidades de novas aprendizagens.

Assim, na minha ação enquanto futura profissional, a atenção aos seus interesses e curiosidades permitem-me enriquecer o espaço de novos desafios através de um constante planeamento e avaliação da ação educativa.

Em relação ao que foi anteriormente mencionado, o presente relatório apresenta uma estrutura que pretende enfatizar a descrição de momentos de aprendizagem desenvolvidos ao longo do estágio, descrevendo e refletindo sobre a minha ação educativa em torno da temática e privilegiando a adoção de uma postura investigativa que me fez aprender. Este relatório fez-me chegar mais além, tanto a nível pessoal como profissional, sendo o retrato de uma visão focada nas situações de brincadeira à luz dos princípios da expressão e jogo dramático.

1. Enquadramento Teórico

Este capítulo irá retratar a temática do papel da expressão dramática na brincadeira das crianças, alicerçando as minhas ideias com base nas teorias dos diferentes psicólogos e metodólogos da expressão dramática relativos à mesma.

A estrutura deste capítulo baseia-se na reflexão sobre a criança e o jogo, encontrando-se o 1º item subdividido em quatro pontos que compreendem as diferentes perspetivas segundo a evolução do jogo para Piaget, Vygotsky e Winnicott e a importância da atividade lúdica no desenvolvimento da criança.

No 2º item deste capítulo iremos referir as perspetivas de autores que fundamentam a importância do desenvolvimento do jogo dramático no desenvolvimento das crianças e nomeadamente no que potencia para a realização de aprendizagens afectivas, sociais e culturais por parte das crianças. Referimos a este propósito os contributos de Aguilar (1983); Garvey (1979); Rodari (1997); Barret & Landier (1994); Ryngaert (1981); Gauthier (2000); Leenhardt (1997) e Guimarães & Costa (1986).

Durante todo o Capítulo referencio diversas vezes o meu Caderno de Formação, um valioso instrumento de trabalho indispensável para suportar a componente teórica aqui presente com a minha prática. Assim, recorrendo a exemplos vividos no meu estágio, posso reforçar as ideias teóricas com exemplos práticos, demonstrando que a teoria está também patente na prática e são indissociáveis neste contexto, havendo assim um elo de ligação entre as mesmas.

1.1- A importância da atividade lúdica no desenvolvimento da criança

A brincadeira desempenha um papel importante no desenvolvimento da criança pois através desta as crianças desenvolvem a linguagem quando ao manterem um diálogo com os pares, ou sozinhos num monólogo, no caso da brincadeira solitária enriquecem o léxico e aprendem a articular palavras (Cordazzo & Vieira, 2007), pois segundo Friedmann citado por Cordazzo & Vieira (2007) através destes diálogos a criança desenvolve a linguagem ampliando o vocabulário e o exercício da pronúncia da palavra e das frases. Ainda no caso da brincadeira solitária, as crianças testam as suas possibilidades e limites e fazem a ligação com as consequências. (Isidro e Almeida citado por Cordazzo & Vieira, 2007)

Os aspetos referentes à sociabilidade também são desenvolvidos no caso da brincadeira com pares, pois aprendem a respeitar a brincadeira dos colegas e a lidar com conflitos, pois para Isidro e Almeida citado por Cordazzo & Vieira (2007), “Além de a criança exercitar técnicas e estratégias ela também irá treinar o convívio social e as diversificadas formas de como lidar com os conflitos sociais que surgem durante a execução da brincadeira” (Cordazzo & Vieira, 2007, p.97). Adicionalmente, desenvolvem a cognição e a atenção ao transformarem mentalmente espaços e materiais em função dos seus desejos, apropriando-se de códigos culturais e papéis sociais (Wajskop citado por Cordazzo & Vieira, 2007). Na brincadeira as crianças aprendem sobre o mundo devido à capacidade de experimentação quando transformam, agem e imaginam. A brincadeira dá-lhes também liberdade de exporem os seus sentimentos canalizando medos e angústias e de vivenciarem experiências sem retaliação, que na vida real não poderiam viver por as colocar em perigo (Kishimoto citado por Cordazzo & Vieira, 2007, Almeida citado por Cordazzo & Vieira, 2007) pois segundo Cordazzo & Vieira (2007), na brincadeira os aspetos da linguagem, da sociabilidade e da cognição também são estimulados. Na brincadeira as crianças interagem entre si, podem vivenciar situações, formular estratégias e ao verificarem os seus erros podem reformulá-los sem haver punição.

A brincadeira dá também às crianças a possibilidade de vivenciarem situações que futuramente as ajudarão, pois segundo Bjorklund e Pellegrini citado por Cordazzo & Vieira (2007), a criança além de testar diferentes estratégias para o momento da brincadeira também os testa para a vida adulta. A criança ao testar diversas

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

possibilidades de interação sem intenção está a criar condições e formas de interação que a vão auxiliar mais tarde na vida adulta.

A atividade lúdica promove uma relação positiva entre o educador e a criança, na medida em que o educador ao entrar nas brincadeiras das crianças percebe a sua forma de pensamento, analisa a aquisição de aprendizagens e estabelece-se um clima de afeto onde as brincadeiras são respeitadas (Modesto & Rubio, 2014).

Apesar de todos os aspetos que mencionei sustentarem a ideia que a atividade lúdica promove aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo apenas se dará se esta atividade lúdica for de qualidade, pois segundo Modesto & Rubio (2014) p.5, “Quando há qualidade na atividade lúdica e envolvimento por parte da criança, melhor poderá ser seu desenvolvimento cognitivo.”

Hoje em dia a atividade lúdica espontânea está um pouco esquecida no que se refere ao seus contributos, pois no jardim de infância as crianças quase não têm tempo para brincar, sendo a maior parte dele ocupado com outros momentos. O mesmo acontece em casa, as crianças em vez de serem incentivadas pelos pais a brincarem, ficam a ver televisão (Modesto & Rubio, 2014). Segundo Modesto & Rubio (2014), nos dias de hoje as brincadeiras são substituídas por atividades passivas, como por exemplo ver televisão e jogos. O brincar devia ser valorizado, visto que um momento de brincadeira promove a integração da família.

Segundo a entrevista que realizei à educadora de Jardim de Infância, quando questionada acerca de como a atividade lúdica tem importância no desenvolvimento da criança esta respondeu que:

No Jardim de Infância não pode ser de outra maneira, a criança aprende brincando. Na sua brincadeira a criança apropria-se do objecto, explora o espaço e experimenta as qualidades do objecto e interioriza as suas capacidades motoras e treina as suas competências.

(P.L., 2015)

Esta afirmação reforça a ideia de que a atividade lúdica tem um forte contributo no desenvolvimento das crianças, na medida em que ao brincarem apropriam-se dos objetos e treinam as suas competências.

Indo no mesmo sentido que a resposta anterior, e nesta mesma entrevista face à questão “Considera importante que as crianças brinquem? Porquê?”, esta afirma que:

Sim, a brincadeira é essencial para qualquer criança. É na brincadeira que experimenta, que repete até ter mestria, que acomoda os novos

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

conhecimentos adquiridos e treina as suas competências. Mas principalmente tem a possibilidade de fantasiar e criar dentro do seu mundo o que lhe é estranho e novo em segurança e com afeto.

(P. L, 2015)

1.2- A evolução do jogo segundo a perspetiva de Piaget

Ao longo deste ponto do relatório irei focar a evolução das diferentes fases do desenvolvimento da criança ao nível do jogo, retirando da minha prática exemplos de registo de diferentes observações e reflexões onde constam diferentes brincadeiras entre crianças de diferentes idades. Fundamentalmente, a teoria de Piaget divide etapas ao nível do jogo por onde a criança se desenvolve. Assim, quer nas interações que mantive na sala de creche, com crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 22 meses, quer nas interações que mantive na sala de Jardim de Infância com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos de idade, eu pude observar e fundamentar-me na teoria de Piaget.

Segundo Guimarães & Costa (1986), “ (...) a criança comunica primeiro pela ação, ação esta que se vai complexificando até atingir uma forma interiorizada elaborada que se tornará pensamento ação”. (Guimarães & Costa, 1986, p.25)

Piaget, citado por Guimarães & Costa (1986), divide em 4 as etapas fundamentais da evolução da criança na expressão dramática ao longo do seu desenvolvimento: a Imitação, Jogos de Exercício, Jogo Simbólico, e do Jogo Simbólico ao Jogo Dramático.

Na etapa da Imitação, podemos abordar uma divisão em quatro tipos de imitação diferenciadas pela faixa etária aproximada. Dos 0 aos 2 meses Piaget chama de imitação reflexa, onde se dá o mimetismo em que a criança responde ao grito pelo grito. Dos 2 aos 6 meses chama de imitação funcional, em que há reprodução de gestos, sem significado, apenas efetuado pelo princípio do prazer. Dos 6 aos 12 meses a imitação anterior é acrescida de significado, por exemplo, o acenar a dizer adeus. Finalmente nesta primeira etapa temos a Imitação Diferida entre os 15 e os 18 meses, iniciando a representação mental, quando a criança imita os mais velhos. (Guimarães & Costa, 1986)

Na segunda etapa, segundo Guimarães & Costa (1986), decorrem os jogos de exercício simples, os jogos de combinação com e sem finalidade, e os jogos de exercício com pensamento. Os jogos de exercício simples estão patentes quando

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

“enche um balde de areia, vira-o, desfaz o bolo com a pá e recomeça (...) a criança atira pedras para uma poça de água” (Guimarães & Costa, 1986, p.28). Os jogos de combinação sem finalidade estão patentes quando a criança efetua uma atividade sequencial como por exemplo uma criança tira objetos de uma caixa para outra. Os jogos de combinação com finalidade são caracterizados pelos objetos terem um nome, ou finalidade, ainda que diferente da original. Finalmente nos jogos de exercício do pensamento a criança “ (...) pergunta pelo prazer de perguntar” (Guimarães & Costa, 1986, p.29)

Na terceira etapa, o jogo simbólico, a criança faz-de-conta, por exemplo, que: come os objetos à sua volta (por exemplo uma folha de papel), dizendo “que bom!”; arranha o tapete quando no lugar onde está desenhado um pássaro, depois fecha a mão como se contivesse o pássaro e vai ter com a mãe: ”Toma” (abre a mão e faz o gesto de entregar algo) “o que é que tu me trazes?” – “um pipi”.

Jean Piaget, citado por Guimarães & Costa, (1986), mostrou-nos que:

A criança limita-se a fazer de conta que exerce uma das suas funções habituais sem as atribuir ainda a outros nem assimilar os objetos entre si como se a atividade de uns fosse exercida pelos outros. Assim é que a criança “faz-de-conta” que dorme, que se lava, que come, etc.

Posteriormente a criança fará dormir, comer ou nadar ficticiamente outros objetos que não ela própria e começará assim a transformar simbolicamente uns objetos nos outros

(Piaget citado por Guimarães & Costa, 1986, p. 31)

Para Garvey (1979), referindo-se a Piaget

(...) durante o jogo simbólico a criança adquire a capacidade de codificar a sua experiência em símbolos; as imagens dos factos podem ser recordadas. A criança começa a brincar com os símbolos e suas combinações, fazendo de conta, por exemplo, que enche um ninho com ovos, ao amontoar berlindes num chapéu de boneca.

(Garvey, 1979, p.17)

Desta forma, no jogo simbólico as crianças percebem que têm poder sobre os objetos daí a sua necessidade de os transformar através da simbolização em novos objetos, de criar situações imaginárias, efetuando-se este processo de forma individual ou em interação com os pares que vai evoluindo conforme o crescimento da criança.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Para Piaget o jogo simbólico encontra-se dividido em diferentes fases, sendo estas a Fase I, Fase II e Fase III e em diferentes tipos que variam em função da idade da criança.

Segundo Guimarães & Costa (1986), Piaget divide a Fase I em três tipos, sendo elas do Tipo I, II e III, subdividindo ainda por idades e por tipos.

No decorrer do estágio no contexto de creche onde me encontrei a estagiar com crianças entre os 6 meses e 22 meses, pude observar alguns destes tipos. No que respeita, à Fase I, do Tipo IB, onde existe a “projeção de esquemas de imitação em novos objetos”, “A criança imita outras pessoas”, pude no contexto de sala observar crianças como a H. (15 m) e a M. (16 m) a imitarem a educadora colocando a chupeta aos bonecos e o S. (22 m) a dar de comer à boneca. No entanto, não se verificou nenhuma situação do tipo IA, em que existe a “projeção de esquemas simbólicos nos objetos novos” devido à incapacidade das crianças em projetarem as suas próprias condutas noutros seres.

Situações do tipo IIA e do tipo IIB também não se verificaram na minha sala de creche devido ao facto das crianças se encontrarem numa faixa etária anterior a esta aquisição. Em acontecimentos do Tipo IIA, existe já a “Assimilação simples de um objecto a um outro objecto” (Guimarães & Costa, 1986, p. 33), em que a criança transforma um objeto noutro objeto para atender aos seus desejos, notando-se assim evolução ao nível do simbolismo. Em situações do Tipo IIB, a criança faz a “Assimilação do corpo do sujeito ao de outrem ou a qualquer objecto” (*idem.*, p. 34), em que a criança se assume como sendo outro encarnando uma personagem que não ela.

No tipo III, segundo Guimarães & Costa (1986), existem situações do tipo IIIA, IIIB, IIIC e IIID, em que as situações do tipo IIIA dizem respeito a “Combinações simples” em que as crianças representam situações da vida real com um desenvolvimento mais extenso, sendo desta forma o prolongamento do tipo IIA e do tipo IIB, mas desta vez com a construção de cenas inteiras. Em contexto de sala no Jardim de Infância ocorreu uma situação deste género quando as crianças que se encontravam na área da casa a fazerem o meu bolo de anos tiraram os pratos da mesa e disseram que eu tinha como prenda ir ver as tartarugas ninja; começaram a colocar os bancos da área da casa na área da leitura para eu ir assistir a um espetáculo das tartarugas ninja e quando algumas representaram que eram as tartarugas, estando assim a decorrer o espetáculo. Outra situação onde se encontrou presente este tipo foi

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

quando as crianças que se encontravam na área da casa se encontravam a colocar dentro de sacos, toalhas, talheres e comida como preparação de um piquenique e como forma de darem continuidade à brincadeira deslocaram-se à área da leitura com os seus carrinhos de bebé para irem fazer o piquenique colocando a toalha no chão e todos os adereços que levaram e tirando os bonecos dos carrinhos colocando-os ao colo.

As situações do tipo III C dizem respeito a “Combinações liquidatórias”, em que as crianças reproduzem tal e qual as cenas em que o EU correu o risco de derrota. Em contexto de sala de Jardim de Infância ocorreu uma situação deste tipo quando a L. S. se encontrava a brincar na área da casa e dizia ao seu filho (ao boneco): “Tens de comer tudo”, ao que em contrapartida esta criança na realidade tem imensa dificuldade em comer.

Na fase II o simbolismo tende a decair, com a aproximação do real, o símbolo acaba por perder o seu carácter de formação lúdica. Três novas características diferenciam os jogos simbólicos desta fase dos jogos da fase anterior: a ordem- o jogo tem de ter uma combinação ordenada tendo uma sequência com sentido; preocupação em representar com exatidão o real; e por último o início do simbolismo coletivo com diferenciação e ajustamento de papéis.

Considero relevante aqui referir que não desenvolvi situações em que não pude observar exemplos do meu estágio, por exemplo situações tipo IIIB e IIID.

No decorrer do estágio em Jardim de Infância, as crianças envolveram-se em dramatizações no contexto da atividade lúdica espontânea. Além das brincadeiras que mantinham nas áreas da sala, também se envolveram em dramatizações que partiram de propostas emergentes, como foi o caso da área do cabeleireiro, a qual surgiu de um projeto do interesse do grupo. As crianças de 4 anos quando se encontravam a brincar nesta área tinham a preocupação em que o que se fizesse no cabeleireiro tivesse sentido, pois a Mar. preocupava-se primeiro em colocar uma toalha à criança que fazia de cliente, depois em passar-lhe a cabeça por água, depois em passar-lhe o champô, depois em passar outra vez por água e só depois em pentear a cliente, o que denota alguma preocupação em que haja uma sequência lógica dos acontecimentos. Outro aspeto que notei ainda nesta situação foi quando a Mar. perguntou à cliente que cor de penteado queria dando-lhe a revista de penteados, e a cliente ajustando o seu papel à situação respondeu que queria castanho ao mesmo tempo que apontava para a revista.

Segundo Guimarães & Costa (1986), no estágio das operações concretas, o qual decorre por volta dos 7 ou 8 anos de idade, a criança deixa de ser egocêntrica,

sendo capaz neste momento de perceber a realidade como ela é, introduzindo ordem, e nascendo assim o pensamento lógico em que a criança é capaz de captar a realidade. A criança neste momento pode ver várias perspectivas de uma situação e perceber que os efeitos estão relacionados com a causa. Devido à mobilidade que o seu pensamento adquiriu a criança pode agora ver os diferentes aspetos de uma situação ou problema e ligar os efeitos à causa. (Guimarães & Costa, 1986, p. 51)

1.3- A evolução do jogo segundo a perspectiva de Vygotsky

Segundo a perspectiva de Vygotsky para conhecermos o desenvolvimento de uma criança temos de conhecer primeiro as suas necessidades. Desta forma, o brinquedo surge para preencher as necessidades das crianças que não se realizam logo, pois Vygotsky citado por Rolim & Guerra (2008), concluiu que:

(...) o brinquedo surge dessas necessidades não realizáveis de imediato. Eles são construídos quando a criança começa a experimentar tendências não realizáveis: para resolver a tensão gerada pela não realização do seu desejo, a criança envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser. Esse mundo é o 'brincar'.

(Vygotsky citado por Rolim & Guerra, 2008, p. 178)

No entanto, esta situação só pode ocorrer entre os dois e os seis anos realizando estas os seus desejos por intermédio do brincar. Assim, os brinquedos são uma espécie de intermediário entre o que se pode realizar e o que não se pode realizar facilitando assim às crianças viverem com esta situação, pois para Vygotsky citado por Queiroz et al (2006), diz que,“ (...) se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvessem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam a experimentar tendências irrealizáveis” (Vygotsky citado por Queiroz et al, 2006, p. 106).

A brincadeira tem sempre presente algumas normas de comportamento, pois uma vez que as crianças representam, representam algo que vêem na sociedade onde estão inseridas (Vygotsky citado por Rolim & Guerra, 2008)

Por exemplo ao longo do meu estágio na sala de Jardim de Infância numa situação de jogo pude observar que as crianças que se encontravam a brincar com as bonecas conheciam as regras de comportamento maternal, pois a I. encontrava-se na

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

zona da caminha das bonecas a tirar uma boneca da cama, entretanto uma criança que se encontrava na área da casa chamou-a dizendo-lhe que estava na hora do almoço, tendo-se esta deslocado com a boneca até à área da casa. Quando a I. chegou à área da casa sentou-se num banco começou por dar de comer à boneca e só depois ela representou que comia. Pouco depois vestiu outra roupa à boneca, deitou-a e depois deu-lhe outra vez de comer e foi passear de carrinho com ela pela sala. Esta criança revelava muita preocupação em cumprir com as regras de comportamento maternal, pois tinha as mesmas atitudes que teria a mãe de um bebé.

Porém, a brincadeira nem sempre se proporciona da mesma forma, pois as crianças mais novas ainda se restringem muito ao objeto, quero eu dizer que ainda agem perante um objeto atribuindo-lhe o seu significado real. Em contrapartidas as crianças mais velhas já conseguem separar o significado real do objeto, do objeto propriamente dito, pois apesar de um objeto ser o que é, a imaginação delas permite-lhes imaginarem que é uma outra coisa. Assim, o brinquedo serve para a criança se apoiar para desenvolver a imaginação, partindo de algo concreto para algo imaginário (Vygotsky citado por Rolim & Guerra, 2008) (Oliveira citado por Rolim & Guerra, 2008).

Ao longo do estágio na Creche pude observar que os gémeos (Mar. Ed e Sam) pegaram nos lençóis da cama das bonecas e começaram a passar com os lençóis da cama das bonecas em cima da mesa da sala como quem está a limpar o pó. Estas crianças deram uma utilidade diferente ao pano.

Ao longo meu estágio no Jardim de Infância pude observar que as crianças conseguem já separar o pensamento do objeto, onde a ação das brincadeiras das crianças não surge das coisas, mas sim das suas ideias. Um exemplo de tal ter acontecido foi quando o Santi. se encontrava na área da garagem, colocando carros dentro de um recipiente e dizendo que tinha ido aos caracóis.

Na brincadeira as crianças apesar de terem a sua liberdade, elas procuram estabelecer algumas regras, designando-se este processo por “auto-controle” (Wajskop, 1995).

As regras que as crianças estabelecem devem-se muitas vezes a regras de comportamento observáveis do contexto onde se encontram as quais são transmitidas por aqueles com quem convivem que facilitam que estas adquiram aprendizagens superiores conducentes à criação de Zonas de Desenvolvimento Proximal, pois para Vygotsky citado por Wajskop (1995),

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

(...) a brincadeira cria na criança Zonas de Desenvolvimento Proximal que é a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

Vygotsky citado por Wajskop, 1995 ,p.68

Assim, se a brincadeira se desenvolver com um companheiro é mais provável que alcance níveis mais elevados de desenvolvimento, pois as crianças ao interagirem negociam regras, decidem que brincadeira levar avante, atribuem significados a diferentes objetos transformando consoante o que necessitam no momento, levantam hipóteses, resolvem problemas com que se deparam (Wajskop, 1995).

1.4- A evolução do jogo segundo a perspectiva de Winnicott

Segundo Winnicott citado por Fulgencio (2011), “ (...) Sendo extremamente imaturo o bebé é pressionado pelas suas necessidades existenciais (...) a buscar algo que ele não sabe o que é. No entanto, como nada existe para além dele, na sua perspectiva o que ele procura é algo nele mesmo” (Winnicott citado por Fulgencio, 2011, p.395).

A criança é um ser que está capacitado para procurar algo pouco específico e quando encontra alguma coisa julga que esta foi fruto da sua criação. Esta situação é denominada por Winnicott de ilusão de onipotência. (Fulgencio, 2011)

Entre o momento anteriormente referido em que a criança pensava que criava algo e um momento futuro em que a criança vê exterioridade nos objetos surgem os objetos transicionais que se caracterizam pelo facto de serem objetos criados e encontrados, começando nesta fase o início do símbolo. Estes objetos por norma simbolizam um objeto que não pode estar na posse da criança, por exemplo a mãe. No entanto, quando dizemos que este objeto é criado e encontrado significa que ele é real, mas mentalmente para fazer a criança sentir que preencheu o espaço da ausência da mãe. “este objeto interno está dependente das qualidades, da existência, vitalidade e comportamento do objeto externo” (Winnicott citado por Fulgencio, 2011 p. 24.). Porém, este objeto só tem este significado para a criança se a mãe não estiver ausente

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

caso contrário este objeto deixa de ter este significado para a criança e é visto como outro qualquer. (Winnicott citado por Fulgencio, 2011).

No decorrer do meu estágio no contexto de Creche notei que a Isa. levava sempre uma boneca, servindo esta para dormir ao seu lado no momento da sesta. Esta boneca serviu como objeto transicional para dar segurança a esta criança no momento da sesta, talvez a boneca lhe fizesse sentir a presença da sua casa ou de algum membro familiar próximo. O mesmo aconteceu no contexto de Jardim de Infância quando notei que o J. M. levava sempre um rato de peluche para dormir.

De acordo com Fulgencio (2011),

No momento em que se dá o início da existência dos fenómenos transicionais, a criança ainda não tem uma clara distinção entre o que é externo e o que é interno, o que é criado e o que é encontrado, entre as suas fantasias e os factos. Será a conquista dessas diferenciações que tornará possível as relações simbólicas propriamente ditas, não antes disso: “Quando o simbolismo é empregado, o bebé já está claramente distinguindo entre fantasia e facto, entre objetos internos e objetos externos, entre criatividade primária e percepção.

(Winnicott citado por Fulgencio, 2011, p. 19)

Para Fulgencio (2011), só depois da criança conseguir perceber o que é o mundo exterior e o que lhe pertence será possível que esta consiga dar um passo para as relações simbólicas.

1.5- A brincadeira de faz-de-conta

É por intermédio da brincadeira de faz-de-conta que a criança ao recorrer ao simbolismo dramatiza papéis, indo ao encontro um do outro, como podemos verificar no seguinte excerto de Aguilar

Encontramos no jogo de faz-de-conta que se desenvolve na criança dos três aos sete anos, o embrião e a substância do jogo dramático. O próprio fenómeno teatral ao recorrer ao “se” mágico não faz mais do que evidenciar esse filão de criatividade de cuja origem encontramos no jogo simbólico da criança.

(Aguilar, 1983, p. 47)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, o faz-de-conta permite que a criança nas atividades de jogo simbólico interaja com os outros, se conheça tomando consciência das duas reações e que a pode transformar e conheça o outro e o mundo que a rodeia.

(...) a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com os outros (...) Na interação com outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade (...)

(ME, 1997, p. 59)

A criança desenvolve situações de faz-de-conta na idade pré-escolar, pois é no contexto de Jardim de Infância que ela tem acesso a um manancial de objetos, os quais serão manipulados pela mesma autonomamente e que permitirá que esta crie situações imaginárias a partir dos mesmos (Garvey, 1979)

Na valência de Creche não se verificou nenhuma situação de faz-de-conta dada a faixa etária das crianças. No entanto, no contexto de Jardim de Infância as crianças desenvolveram atividade de faz-de-conta ao terem acesso a adereços de disfarce quando: vestiam roupas; colocavam cabeleiras; colocavam chapéus; colocavam adereços como pulseiras e colares e ao terem acesso a um espaço propício à atividade de faz-de-conta, como por exemplo a área da casa, a área da garagem; área das construções; área dos animais e por fim a área do cabeleireiro. Neste ambiente puderam encarnar personagens, apropriar-se dos objetos e dos espaços para reproduzirem situações de faz-de-conta e transformarem o mesmo através da imaginação.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

De acordo com Garvey (1979), para que num momento de brincadeira uma criança saiba que papel a outra está a representar é necessário que esta o diga, ou que altere a voz ou utilize expressões típicas dessa personagem, caso contrário a outra criança não saberá que postura tomar face à brincadeira e desta forma não desenrola a ação.

No decorrer do meu estágio em contexto de Jardim de Infância, pude constatar um exemplo de uma criança a anunciar de que está a representar um papel. O Fran. disse às crianças que se encontravam na área da casa que era um pirata.

Outro aspeto que Garvey (1979) definiu que acontecia foi o facto dos participantes numa brincadeira dizerem sempre quando termina ou começa uma representação, caso a criança não enuncie o companheiro de brincadeira então continua a desenrolar a ação face à brincadeira que estavam a ter. No meu estágio em Jardim de Infância observei este comportamento quando a A. Fi. disse: “Agora já não sou a tia do bebé, sou a mãe”. Para além de enunciar papéis, a criança também tem em consideração que tem de indicar o que os objetos significam e onde é que a criança se encontra.

Numa brincadeira, os papéis funcionais tendem a ocorrer com o desenrolar da ação e das necessidades do momento, pois se as crianças estão na área da casa uma tem de ser a cozinheira, o mesmo acontece se forem ao circo tem de haver um palhaço, surgindo os papéis em função da necessidade (Garvey, 1979). No meu estágio, em contexto de Jardim de Infância assisti a uma encenação de papéis funcionais e atribuição de tarefas, no momento em que a Lar. disse ao G. que fazia o comer, o G. disse que ia pôr a mesa.

No entanto, os papéis funcionais podem não ser utilizados isoladamente, pois uma criança pode ser a mãe e de cozinheira, por exemplo quando no meu estágio em jardim de infância a Sar. representava que fazia o jantar e era a mãe da boneca. Os papéis familiares fazem-se sempre acompanhar de um par, por exemplo quando no meu estágio observei a A. Fi. a dizer que ia buscar o filho à escola e que tinha de fazer o almoço para o marido. Os animais favoritos também costumam aparecer, sendo tratados de uma forma infantil, como aconteceu quando a Sar. levou um peluche e afirmou ser o cão da família (Garvey, 1979).

As crianças por vezes também gostam de assumir na brincadeira que comunicam com alguém ao telefone, tendo sido o que aconteceu com o J.M quando se

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

encontrava na área da casa a preparar o almoço, pois representou que falou ao telefone com uma pessoa anónima.

As crianças quando representam um papel que é semelhante à sua experiência real têm expectativas que as outras crianças aceitem os seus planos e desenvolvam a ação a partir da sua ideia que foi aceite e a ação se desenrole, por exemplo quando me encontrava a brincar com as crianças na área da casa, e estas representavam que me estavam a fazer um bolo para festejar o meu aniversário, duas delas que estavam fora da brincadeira, o S. e o M., sugeriram que o espetáculo das tartarugas ninja ia ocorrer na área da leitura, ao qual a A. Fi. respondeu que tinha uma surpresa para mim: o espetáculo das tartarugas ninja.

As crianças por norma têm tendência a adotar papéis que se relacionam com os objetos que estão ao seu alcance, por exemplo no meu estágio o facto de se ter criado a área do cabeleireiro levou a que as crianças que se encontravam na área da casa fossem arranjar o cabelo. (Garvey, 1979)

De acordo com a entrevista realizada à educadora de Jardim de Infância quando questionada sobre as brincadeiras preferidas mais frequentes, esta refere que: “As brincadeiras que mais surgem são de cozinheiros; pai e mãe; condutor; médicos; vestirem-se com a roupa das trapalhadas para assumirem vários personagens (piratas, palhaços, bombeiros, cowboys...)”.

(P.L., 2015)

Complementarmente, face à questão “Quais os papéis que vê que as crianças representam com mais frequência? Personagens da fantasia ou personagens da vida real, p.e. pai e mãe?”, esta responde que:

(...) eles assumem papéis da vida real e da fantasia. Com a ajuda das trapalhadas eles vestem e adaptam conforme o papel que querem representar. Podem ser a mãe e o pai com os seus filhos a viverem uma experiência real; podem ser fadas, princesas, bruxas, bombeiros, médicos, mecânicos, pescadores, cabeleireiras, etc.

(P.L., 2015)

Estas duas respostas consolidam a ideia de que na brincadeira de faz-de-conta as crianças representam papéis da vida real ou da fantasia consoante os seus desejos e com a ajuda de adereços dão vida a essas personagens.

1.6- Imaginação e Contextualização

A imaginação e a contextualização estão presentes nas atividades lúdicas espontâneas das crianças e estão dependentes uma da outra, pois só o conhecimento do mundo torna possível contextualizar a imaginação.

Segundo Vigotsky citado por Rodari, (1997),

(...) a imaginação encontra-se presente nas brincadeiras das crianças e esta não é uma simples recordação da realidade, mas uma reelaboração criativa da mesma, sendo um processo através do qual o indivíduo combina entre si os dados da experiência para construir uma nova realidade que responda aos seus interesses e necessidades.(...)

(Vygotsky citado por Rodari, 1997, p.125)

As crianças ao brincarem representam situações através da imaginação, ou que vivenciaram ou que lhes foi transmitido por um companheiro mais capaz, neste caso um adulto, que respondam às suas necessidades. No entanto, só o conseguem fazer caso o adulto lhes dê a oportunidade de contactar com a mesma, caso contrário a criança consegue representar uma realidade mas não evolui na brincadeira, por exemplo as crianças que se encontravam na minha sala de jardim de infância sabiam que existiam cabeleireiras, mas o facto de eu lhes ter transmitido conhecimento fez com que estas enriquecessem os momentos de representação de cabeleireiro que por vezes tinham (Rodari, 1997)

As crianças na valência de Jardim de Infância sempre demonstraram muita imaginação, pois quando falámos que poderíamos ter um cabeleireiro na sala deram ideias de como o poderiam fazer, onde poderia ficar e o que precisávamos. Tendo em consideração que esta ideia surgiu a partir da minha observação de um interesse das crianças quando representavam situações de cabeleireiro nos momentos de brincadeira livre, tive um diálogo com as mesmas sobre o assunto levando-as a querer avançar com o projeto. Primeiro tive de perceber o que é que elas sabiam acerca de cabeleireiros, depois tive de lhes perguntar se tínhamos materiais para tal e o que precisávamos, depois então lhes perguntei como poderíamos fazer e como e a quem poderíamos apresentar. Depois deste feedback por parte das crianças, percebendo que as mesmas já tinham algum conhecimento do que era um cabeleireiro vi-me na

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

necessidade como futura educadora de contextualizar este conhecimento levando-as a visitar um cabeleireiro para que observassem o espaço e os materiais do mesmo. Posteriormente, ainda como forma de contextualizar esse conhecimento convidei a avó de uma das crianças que era cabeleireira para vir mostrar os seus materiais e para demonstrar como se utilizavam, depois abordei ainda as diferenças dos vários tipos de cabelo e dos vários tipos de champôs para os respetivos, sendo uma forma de contextualizar esse conhecimento e de tornar possível a imaginação quando as crianças brincassem na área. Outra situação que surgiu paralelamente a esta foi a ideia do salão de cabeleireiro ter manicure, o que me levou também a convidar a mãe de uma criança da sala que era manicure para ir demonstrar como se arranjavam as unhas, sendo uma estratégia de passar conhecimento às crianças que apoiava a imaginação das mesmas quando encarnassem a personagem de manicure e de cliente no salão.

Desta forma, a deslocação a um salão foi uma boa estratégia para as crianças complementarem as ideias que tinham de como poderiam construir o salão, tendo o contacto com o exterior um elo de ligação com o que se passa na sala, pois Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,

Se o contexto imediato da educação pré-escolar é fonte de aprendizagens relativas ao conhecimento do mundo, este supõe também uma referência ao que existe e acontece no espaço exterior, que é refletido e organizado no Jardim de Infância. Este contacto com o exterior pode ser proporcionado pela educação pré-escolar- as deslocações ao exterior têm, muitas vezes, essa finalidade- ou recorrer a experiências e vivências realizadas pelas crianças no seu contexto social e familiar.

(ME, 1997 p. 79 - 80)

Outras situações onde se notou a presença da imaginação contextualizada foi quando as crianças transpuseram para a brincadeira de faz de conta aspetos que a educadora lhes tinha transmitido, pois esta falou-lhes no “Giraldo sem pavor” contando-lhes a sua história e várias foram as vezes em que as crianças encarnaram esta personagem vestindo roupas da área das trapalhadas que imaginavam como sendo do Giraldo sem Pavor. Outras vezes encarnavam esta personagem quando brincavam com os *playmobil* num castelo e diziam: “Sou o Giraldo sem pavor e vou proteger Évora”. Pois segundo Barret & Landier (1994): “As actividades dramáticas ensinam efectivamente a sair do convencional, a pôr em desordem as ideias recebidas, as representações mentais habituais” (p. 248)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

De acordo com a perspectiva sócio-cultural do MEM, Folque (1999) refere que:

(...) o papel da escola deverá ser o de proporcionar uma aprendizagem que tenha um significado social, através de uma troca de conhecimentos numa interação constante com a realidade. As atividades do Jardim de Infância têm um significado funcional ao constituírem-se como algo que interessa e que é útil para o grupo no seu contexto socicultural.

(Folque, 1999, p.6)

De acordo com a autora, o papel do Jardim de Infância é o de transmitir conhecimento que tenha sentido no meio em que a criança vive. Desta forma, no Jardim de Infância o educador deve transmitir conhecimentos relativos à realidade que permitam depois à criança apoderar-se dos mesmos e partir da mesma para a imaginação, tendo-se a preocupação que esse conhecimento seja contextualizado, como por exemplo foi o meu caso no projeto de criar a área do cabeleireiro na sala, pois primeiro tentei perceber o que as crianças já sabiam contextualizando-lhes assim o conhecimento na realidade e só depois parti com as crianças para o projeto, pois esta passagem de conhecimento foi necessário para que fosse mais fácil de imaginarem. (Folque, 1999)

A contextualização apoia a imaginação no decorrer das atividades lúdicas espontâneas o que contribui para a aquisição de conhecimentos relativos à área do conhecimento do mundo, para o desenvolvimento a nível do pensamento abstrato e para a complexificação das brincadeiras (Folque, 1999)

1.7- O papel do educador enquanto mediador de aprendizagens

Quando as crianças se encontram em jogo, é crucial o papel que o educador tem na promoção de aprendizagens, sendo esta ideia reforçada pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

(...) A ação do educador facilita a emergência de outras situações de expressão e comunicação que incluem diferentes formas de mimar e dramatizar vivências e experiências das crianças. Através do corpo/voz podem exprimir-se situações da vida quotidiana – levantar-se, vestir-se viajar; movimentos – vento, crescer, sentimentos ou atitudes – estar triste, alegre, cansado...

(ME, 1997 p. 60)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Ao longo do estágio em contexto de Creche intervi nalgumas situações no âmbito da atividade lúdica com o intuito de promover a aprendizagem das crianças quando, por exemplo disponibilizei lenços para as crianças explorarem livremente e brinquei com elas explorando eu mesma os lenços com o corpo, por exemplo colocando-os na cabeça, a tapar os olhos, sendo uma forma de entrar na sua brincadeira e de lhes dar a conhecer possíveis formas de utilização dos mesmos. Quando introduzi lençóis depois das crianças os terem explorado livremente, brinquei ao cu-cu com elas de forma a perceber se estas já tinham a noção de permanência de objeto procurando a minha face por detrás do lençol. Quando durante os momentos de brincadeira exploratória as crianças se encontravam envolvidas numa atividade e não conseguiam alcançar o que se propuseram a fazer eu ajudava-as, por exemplo quando se encontravam a empilhar blocos de encaixe mas não conseguiam que estes se encaixassem eu ajudava-as nesse sentido respeitando a sua brincadeira e entrando ao mesmo tempo na mesma. Outra situação que observei que as crianças se encontravam a fazer jogo de imitação foi quando pegavam nas bonecas e lhe colocavam a chupeta, eu como forma de entrar nas suas brincadeiras e de as complexificar passava-lhes uma fralda para a mão como forma de despertar a criança para que tapasse o bebé (a boneca) com a fralda.

Também no contexto de Jardim de Infância intervi da mesma maneira. Quando me encontrava na área da casa procurava complexificar a brincadeira das crianças dando sugestões, por exemplo quando as crianças se encontravam a fazer sopa eu entrava na brincadeira de forma não disruptiva como se já fizesse parte da mesma dizendo que a sopa podia ser uma canja, sendo uma forma de introduzir um tópico e de enriquecer o léxico das mesmas. O mesmo aconteceu quando me encontrava na área dos blocos e construções e na área da garagem. Quando me encontrava na área do cabeleireiro procurei também introduzir tópicos dizendo que queria lavar o cabelo com um champô para cabelo pintado, sendo uma forma de estimular a imaginação das crianças ao imaginarem que os frascos de champô podiam ser para diferentes tipos de cabelo, e também como forma de contextualizar a informação transmitindo-lhes conhecimento de que existem champôs para vários tipos de cabelo, acabando ainda por ser uma forma destas alargarem o léxico.

O adulto tem um papel crucial na brincadeira das crianças enquanto mediador de aprendizagens, daí ser positivo ser observador ou mesmo participante na brincadeira, na medida em que as questiona apoiando-as na criatividade ao estas terem

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

mais facilidade de ideias, dá segurança ao grupo e faz com que as crianças enriqueçam o léxico e desenvolvam uma melhor pronúncia de palavras (Gauthier, 2000)

Porém, o facto do educador falar com as crianças no decorrer da brincadeira pode por outro lado ter um lado menos positivo, na medida em que as crianças mais facilmente perdem o raciocínio, pois de acordo com Gauthier (2000), a maioria dos autores pensa que o animador deve fornecer um suporte verbal. No entanto, o suporte verbal nem sempre tem aspetos positivos, pois ao mesmo tempo que as crianças ao se expressarem se descontraem, por outro lado não ajudam na concentração porque estas podem ter uma escuta menos atenta.

O educador deve ter sempre em mente respeitar que as crianças sabem brincar dando-lhes liberdade para se exprimirem prestando atenção às suas brincadeiras e diálogos sem as censurar. No entanto, é necessário que lhes disponibilize os recursos necessários para que potencie a sua aprendizagem. Ao final do dia o educador poderá falar de aspetos interessantes na brincadeira sugerindo que sejam partilhadas em grupo aos colegas (Gauthier, 2000)

Também Leenhardt, (1997), é da opinião que ao educador apenas cabe ser observador para perceber que aquisições é que as crianças já possuem. Depois da análise que fizer das brincadeiras das crianças apenas poderá intervir no sentido enriquecer a brincadeira e melhorar aspetos que se encontrem menos consolidados.

Em contrapartida para a autora Guimarães e Costa (1986) o educador deve participar nas brincadeiras das crianças para que possa promover aprendizagem, pois “(...) o “Faz-de-Conta” só leva ao conhecimento da criança através duma observação, registo e reflexão sistemática e só leva ao desenvolvimento na medida em que o educador saiba integrar-se na comunidade infantil (...)” (Guimarães & Costa, 1986, p. 97)

Tendo como base uma linguagem simples e clara de forma a permitir a comunicação com as crianças, é possível reforçar a brincadeira de várias maneiras. Através de perguntas sem importância deve então o educador reforçar o jogo assim que a inspiração infantil diminui. Entrando na sua brincadeira como se já fizesse parte da mesma é outra forma de desenvolver e promover o jogo, perguntando às crianças, por exemplo: “podem-me dizer onde me encontro?”, que faz com que as crianças se situem no jogo, cheguem a uma conclusão e a uma pré-regra. A introdução de novas pistas, como por exemplo. “Vamos dizer-lhe adeus”, também faz com que as crianças desenvolvam o jogo. (Guimarães & Costa, 1986, p. 152)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Segundo a entrevista realizada à educadora de Jardim de Infância, quando questionada se considera importante um educador interagir e entrar nas brincadeiras das crianças nas áreas da sala, e porquê, esta responde que:

Sim, acho importante a educadora participar nas brincadeiras das crianças nas várias áreas que compõem o espaço da sala. Observando, escutando e interagindo com as ideias e complementando com ideias mais complexas e intencionais com fim de desenvolver e promover conhecimento. É nestes espaços ao interagir que me apercebo das necessidades e interesses diretos das crianças nesse momento e assim poder planificar tendo isso em conta.

(P.L., 2015)

Adicionalmente, sobre a questão “Quando brinca com as crianças nas áreas da sala como entra nas suas brincadeiras?” a educadora afirma que:

Depende, umas vezes peço permissão para entrar na brincadeira; outras escuto e tento entrar na brincadeira enriquecendo-a com uma nova personagem ou utilizando o brinquedo com uma utilidade diferente da que as crianças utilizaram até aquele momento; outras vezes sou convidada a entrar na brincadeira.

(P.L., 2015)

Consoante as respostas dadas pela educadora, comprova-se que o educador tem um papel crucial ao envolver-se na brincadeira da criança na medida em que pode complexificar a brincadeira com o objetivo de passar conhecimento.

2. Dimensão Investigativa da PES

Irei iniciar este capítulo por referir as opções metodológicas que realizei.

2.1- Metodologia

Ao longo do meu estágio procurei sempre fazer uma introspeção acerca da minha prática no âmbito da temática do relatório da PES, “o brincar e a expressão dramática”.

A capacidade de investigação, que assenta fundamentalmente no questionamento e na reflexão, não pode restringir-se ao que se passa fora de nós. E é bom que, desde o primeiro momento, habituemos os nossos alunos a reflectirem sobre o seu currículo pessoal, a sua aprendizagem, o seu projecto de alunos que querem vir a ser professores.

(Alarcão, 2001, p. 12)

Desta forma, a investigação foi crucial para a compreensão de problemáticas relacionadas com o tema do relatório, pois através dos instrumentos e estratégias de recolha utilizados consegui recolher dados e implementar estratégias que me permitiram que esta investigação progredisse e que me ajudaram a tirar conclusões credíveis que fossem de encontro às minhas questões. Para o desenvolvimento desta investigação defini alguns objetivos, nomeadamente:

- Desenvolver e aplicar na valência de creche as potencialidades de como se pode explorar o brinquedo;
- Observar e Perceber como as crianças em idade Pré-escolar brincam e como exploram os objetos;
- Promover das potencialidades das várias áreas da sala em situação de faz-de-conta como forma de utilização de vários contextos que estimulem a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento do jogo dramático autónomo das crianças ou da concretização dos projetos;
- Desenvolver/aplicar competências de investigação e de reflexão permanente sobre, e para a ação educativa, numa perspectiva de intervenção curricular, de co construção de conhecimento;
- Analisar o nível de envolvimento das crianças de Creche nos momentos de brincadeira exploratória, analisando se os níveis de envolvimento confirmam a presença de materiais estimulantes;

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

- Analisar o nível de envolvimento das crianças de Jardim de Infância nos momentos de brincadeira de faz-de-conta, analisando se os níveis de envolvimento confirmam a presença de materiais estimulantes;

Com estes objetivos e face às questões que coloquei na fase inicial da investigação, realizei as seguintes atividades de forma a dar-lhes resposta:

- Observação e anotação de situações de brincadeira nos momentos de brincadeira exploratória e respetiva filmagem em contexto de Creche;
- Observação e anotação de situações de faz-de-conta nas áreas da sala e respetiva filmagem em contexto de Jardim de Infância;
- Construção de vários tipos de materiais de forma a potenciar diversos tipos de exploração em contexto de creche;
- Enriquecimento do espaço de jogo negociado e co-realizado com as crianças;
- Análise reflexiva do Caderno de Formação no que respeita às reflexões de intervenção (onde constam as notas de campo que tirava ao longo do estágio relativamente a diálogos das crianças ou a aspetos que considerava pertinentes e onde consta uma reflexão acerca dos aspetos que mais me marcaram nesse dia ou nessa semana, os quais tinham de ter uma dimensão descritiva, reflexiva e projetiva).

A utilização das estratégias de recolha de dados, e a análise dos resultados obtidos foi o que me permitiu obter respostas para os objetivos da minha investigação, sendo esta descrição realizada mais adiante

2.1.1- Caraterização da instituição

A instituição Coopberço - Cooperativa de Solidariedade Social, C.R.L., situa-se num edifício antigo dentro do Centro Histórico de Évora na Rua de Aviz, com capacidade de receber 70 crianças. O edifício pertence a uma antiga casa de habitação, que iniciou atividade de Educação Infantil com as valências de Creche e Jardim de Infância no ano de 1979, todavia tem vindo a sofrer alterações com obras de conservação e adaptação.

A instituição funciona todos os dias úteis, abre às 07h00 e encerra às 18h30, encontrando-se encerrada nos feriados nacionais e concelhios, no Natal (24, 25 e 26 de

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Dezembro), no Carnaval, na 2ª feira de Páscoa, em metade do mês de Julho e Agosto ou mesmo durante todo o mês de Agosto para descanso do pessoal docente.

“A admissão das crianças nesta Instituição é alvo de análise pela Directora e pela técnica administrativa da instituição, seguindo as normas estabelecidas pelo regulamento interno.” (Projeto Educativo da Instituição)

A Instituição abrange população de todas classes sociais, porém subsiste com os subsídios do Ministério da Segurança Social, do Ministério da Educação e das mensalidades pagas pelos pais. As mensalidades são pagas consoante os rendimentos e despesas regulares do agregado familiar, obedecendo a uma fórmula segundo as capitações estabelecidas. (Projeto Educativo da instituição)

Outro último aspeto que gostaria de focar relativamente à relação entre a escola e a família prende-se ao facto de ter observado ao longo das intervenções os diálogos que se mantêm entre os educadores, crianças e pais, quando os pais levam as crianças à sala, sendo um indício que existe uma relação muito próxima entre a escola e a família.

“Os nossos objectivos a atingir com os pais e tutores são:

- Que estes se sintam com acesso livre e total à sala e a tudo o que se faz;
- Que se empenhem e participem nos projectos e actividades desenvolvidas, de forma a sentirem que aquilo que vivemos e fazemos é de todos – das crianças, dos pais e da equipa;
- Que através da observação e avaliação dos produtos de trabalho realizados pelas crianças, se apercebam do desenvolvimento e do crescimento das crianças;
- Que a relação Equipa/Pais seja cada vez mais próxima, garantindo assim um ambiente de segurança, continuidade e estabilidade para uma melhor integração e desenvolvimento das crianças;
- Que nos dêem as suas opiniões e ideias sobre o que se faz e o que se pode fazer”

(Projeto Educativo da instituição)

Todavia, para que haja um maior contacto além dos contactos informais que se mantêm com os pais, a instituição promove: reuniões com os pais através das quais

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

se transmitem informações relevantes; reuniões de trabalho e existência de diálogo para que a participação da família na instituição seja posta em prática.

“No que concerne às prioridades educativas, a instituição pretende:

- Promover o respeito por cada criança como ser único e diferente, sem excepção da raça, cor, sexo, língua, religião e origem social;
- A autonomia da criança;
- A consciencialização de si próprio e do outro, e do seu papel como ser social e cultural;
- O respeito pela família e seus valores como principal agente educativo e a sua participação activa nas actividades desenvolvidas pela instituição;
- Aprendizagens significativas diversificadas, adequadas às necessidades e capacidades das crianças;
- A segurança e bem-estar da criança;
- A integração e a inter-relação com a comunidade e o meio que as envolve.”

(Projeto Educativo da instituição)

Em relação à caracterização dos espaços, a instituição é composta por três pisos no edifício principal e por uma sala à parte (sala de berçário), que se situa na mesma rua mas num outro edifício. No que concerne ao rés-do-chão da instituição, este tem um pequeno hall de entrada que possui um quadro de cortiça com informações, como por exemplo as ementas, informações de reuniões, informações para os pais, entre outras. Ainda neste hall de entrada temos acesso à cozinha no lado esquerdo, à secretaria no lado direito e temos uma escada com um corrimão que dá acesso a duas salas e a uma casa de banho para os adultos.

Em relação ao primeiro piso, este é composto por uma sala de creche (2 anos) e outra de Jardim de Infância (3 / 4 anos), ambas com casa de banho privativa. As crianças quando sobem a escada para acederem às salas fazem-no com o auxílio de um adulto segurando-se ao corrimão.

A segunda sala de Jardim de Infância situa-se no rés-do-chão, tendo acesso pela rua e também pela cozinha. Este espaço dá acesso direto ao exterior e partilha do mesmo espaço da sala de convívio no caso de existirem crianças que chegam à

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

instituição antes do horário da educadora (horário da componente de apoio à família). Esta sala é ampla e dá acesso a um pequeno quintal, o único espaço exterior existente na instituição.

Em relação ao segundo piso, este possui uma sala polivalente onde se realizam atividades de expressão motora, de música, entre outras. Esta sala é ainda utilizada como dormitório na hora da sesta e contém uma arrecadação no seu interior onde são arrumados materiais utilizados pela instituição.

A sala de berçário onde me encontro a estagiar é constituída por: um anexo à entrada onde se realiza o acolhimento das crianças e dos pais. Neste espaço encontra-se um quadro de cortiça com informações para os pais bem como os cabides das crianças e os seus pertences. Ainda neste anexo existem dois baldes para os plásticos que se colocam nos pés antes de se entrar na sala, um dos baldes serve para os plásticos usados e o outro para os novos. Em relação à parte da sala propriamente dita, esta é composta por: uma sala de atividades; uma sala parque; um dormitório onde se encontram os berços que partilha do mesmo espaço do fraldário, tendo ainda uma casa de banho anexa para os adultos com uma sanita, com um lavatório e um espelho. Em relação ao corpo docente, existe uma educadora e duas auxiliares.

Esta sala partilha do mesmo espaço com a sala de um ano, encontrando-se a parte do berçário dividida pela parte de 1 ano por uma cancela. No entanto, este espaço apesar de se encontrar dividido conforme anteriormente referido, raras são as vezes em que as crianças se encontram separadas, pois costumam deslocar-se livremente pela sala interagindo umas com as outras. No meu ponto de vista este aspeto das salas partilharem o mesmo espaço é benéfico para que existam troca de experiências, pois apesar das crianças ainda não se poderem ajudar umas às outras como acontece na sala dos 3/ 4 anos que tem também um grupo heterogéneo, parece-me que o facto de interagirem umas com as outras permite que exista uma partilha de experiências entre as crianças mais velhas e as mais novas. Esta sala encontra-se adequada às necessidades das crianças. Penso que o único incómodo passa sobretudo pelo facto de termos de nos deslocar para ir buscar o almoço ou para tratar de outro assunto ao edifício principal da instituição.

Em relação ao espaço exterior da instituição, este é um pequeno quintal onde as crianças têm possibilidade de realizar pequenas brincadeiras. Porém, apesar do espaço ser pequeno as suas dimensões permitem que se realizem atividades de expressão motora quando está bom tempo, sendo um aspeto que não tinha tido

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

oportunidade de observar no semestre passado e que é bastante benéfico na medida em que se rentabiliza o espaço pensando no bem-estar das crianças ao possibilitar-se realizarem expressão motora ao ar livre. No semestre passado não tinha conseguido conhecer bem esta divisão da instituição, no entanto agora como tive oportunidade de a conhecer pude observar que este quintal tem: um relvado sintético; dois balancés; um escorrega; uma cobertura em rede para fazer sombra; um barco de papelão o qual foi disponibilizado pela sala dos 3 / 4 anos onde me encontro a estagiar e uma arrecadação onde se encontram guardadas bolas, andarilhas, arcos, pacotes de leite para as crianças andarem em cima equilibrando-se e latas para as crianças fazerem tiro ao alvo.

Em relação às refeições, estas são realizadas nas respetivas salas, visto que a instituição não possui refeitório.

Ao longo do ano pude observar algumas situações no âmbito da Expressão Dramática, como foi exemplo na festa de Natal a encenação da peça “Todos no Sofá” por parte dos pais e da comunidade educativa e um ensaio de “Cante alentejano” com as crianças em que estas encarnaram personagens de alentejanos, pois as meninas tinham lenços na cabeça e saias com aventais e os meninos tinham lenços no pescoço e boinas. Todos estes adereços eram acompanhados pela música que ensaiavam e pela expressão corporal típica dos alentejanos que é nada mais, nada menos do que o cruzar de braços enquanto cantam.

Em relação ao espaço da sala da valência de Creche penso é um espaço com muita luz natural e artificial, confortável, o que é bastante positivo para a execução brincadeiras exploratórias, sendo assim adequado à faixa etária em causa. Relativamente ao espaço da sala destinado à atividade lúdica espontânea na valência de Jardim de Infância posso dizer que é um pouco reduzido, o que por vezes leva a que as crianças tenham necessidade de espalhar muito os brinquedos pelo chão, o que leva muitas das vezes à desorganização das áreas. No entanto, é um espaço arejado e com muita luz natural e artificial.

2.1.2- Caraterização dos grupos

Para poder desenvolver esta caraterização dos grupos foi necessário estar atenta a três componentes: as necessidades das crianças; a forma como brincavam e quais as brincadeiras favoritas.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Quanto às necessidades das crianças, considero fundamental o educador estar atento a elas, para poder adequar a sua ação educativa ao contexto, tendo sido o que eu procurei fazer na sala de Jardim de Infância.

Quando me encontrava como observadora e participante das brincadeiras das crianças nas áreas, procurei perceber a forma como brincavam, como interagiam umas com as outras, com os objetos e no espaço.

Pelas brincadeiras observadas percebia quais as suas brincadeiras prediletas, o que me ajudou de certa forma a desenvolver um projeto de criação de uma área na sala que será mais adiante mencionado, tendo sido no âmbito da observação e participação em atividades lúdicas espontâneas onde a expressão dramática tem um papel crucial que se desenvolveu o meu trabalho.

No entanto, as restantes áreas de conteúdo também não foram esquecidas procurando articular aspetos dos vários domínios. De igual modo, na valência de creche procurei observar as condutas das crianças enquanto exploravam brinquedos na sala e quando brincavam com bonecas ou imitavam situações de experiências próximas focando-me sempre na temática da expressão dramática.

Grupo da sala de Creche

O meu estágio decorreu na instituição Coopberço, numa sala de creche, com idades compreendidas entre 6 m e os 22 m, sendo o grupo heterogéneo no que concerne à idade.

A sala de berçário/ 1 ano apresenta na totalidade um grupo de 16 crianças, das quais 8 são raparigas e 8 são rapazes.

No que respeita às relações das crianças entre si nota-se que disputam objetos umas com as outras, “ *A In (16 m) e a Ir. (13 m) envolveram-se num conflito social, pois disputaram o mesmo brinquedo no momento exploratório no tapete*” (Caderno de Formação- Reflexão de intervenção nº1) criam facilmente relações com pares indo ao encontro de colegas para brincar ou quando apenas observam as brincadeiras de um par.

Em relação à exploração de objetos, as crianças mais novas como é o caso do G. (7 m), do L. (8 m) e da Mad. (6 m) exploravam objetos levando-os à boca. Em relação às restantes crianças, apesar de também explorarem objetos com a boca já revelavam também interesse por: colocar objetos dentro de outros; baterem com os objetos uns nos outros ouvindo o seu som; folhearem livros sentados à mesa; jogarem

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

com jogos de encaixe sentados à mesa; fazer puzzles sentados à mesa; rabiscar folhas de papel com lápis de cor; rasgar folhas de revistas; modelar massa de cor; ouvir histórias no tapete; explorar lençóis na sala e lenços e revelam capacidade de ir buscar à estante objetos com que já brincaram e que por momentos se encontravam esquecidos. A Mar. (16 m), a Mar. E. (22 m), o S. (22 m) e a H. (15 m) já fazem jogo de imitação representando: que deitam as bonecas; que as tapam; que lhes limpam a cara com uma fralda; que lhes colocam a chupeta na boca; que lhes mudam a fralda; que limpam o pó com os lençóis da cama das bonecas ou quando representam que mexem com uma colher numa chávena. *“Em relação às crianças mais velhas, como é o caso da In. (16 m), da Mar. (15 m) e da H. (14 m) notei que estas já conseguem fazer jogo de imitação com mais pormenor que no semestre passado, pois seguram no boneco e imitam que lhe colocam a chupeta ao boneco, pegam num prato e fazem de conta que lhe dão de comida ou até mesmo fazem de conta que lhe mudam a fralda.”* (Caderno de Formação- Reflexão de observação participada nº1) *“Em relação à Mar. E. (21 m) e ao S. (21 m), tive oportunidade primeiramente de observar a Mar. E. (21 m) com um pano da cama das bonecas na cabeça fazendo que era um lenço. Pouco depois tive oportunidade de observar a Mar. E. (21 m) em brincadeira com o seu irmão S. (21 m) imitando que limpavam uma mesa com dois panos da cama das bonecas. Através desta observação pude constatar que estas crianças deram uma finalidade diferente ao lençol da que tinha e que talvez tenham repetido a situação de limpar o pó porque a observaram de experiências com adultos próximos fazendo deste modo jogo de imitação dos adultos.”* (Caderno de Formação -Reflexão de intervenção nº 2) Estas últimas crianças que mencionei nota-se que já desenvolviam formas mais complexas de jogo em relação ao semestre anterior, pois já partiam para a hetero-referência (situação em que a criança já tem consciência que existe um outro além dela mesma) quando faziam jogo de imitação, situação em que a criança já não bebe só ela o leite, mas dá também à boneca ou situação em que muda a fralda à boneca.

A expressão dramática apesar de estar sempre presente na atividade lúdica espontânea quando as crianças meramente exploram os objetos da sala ou quando já se envolvem em formas mais complexas de jogo, no caso das crianças mais velhas quando fazem jogo de imitação. Procurei enriquecer um pouco esta temática introduzindo lenços na sala, visto que já tinha notado que as crianças tinham necessidade de ir buscar os lençóis da cama das bonecas e explorar, *“ No momento de brincadeira exploratória vi a Mar. (16 m) e a In. (17 m) a colocarem-se dentro da*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

cama das bonecas. Pouco depois observei também a In. (17 m) e a H. (15 m) a colocarem lençóis da cama das bonecas na cabeça daí a necessidade que senti em enriquecer a área do faz-de-conta colocando lenços e lençóis na zona das bonecas.” (Caderno de Formação- Reflexão de Intervenção nº 5)

Procurei também dar um carácter mais dinâmico ao momento do conto de histórias quando contei a história “A que sabe a lua” através da utilização de adereços com um cenário de feltro onde iriam ser afixados os animais, os quais eram plastificados e eram afixados no cenário de feltro por um velcro à medida que surgiam na história. “Depois de ter marcado as presenças com cada criança aproveitei o facto destas se encontrarem no tapete e disse-lhes: “*Hoje a Joana trouxe uma história com animais*”, a qual se intitulava “*A que sabe a lua?*”. Seguidamente, afixei um cenário em pano de feltro na parede que serviu de apoio ao conto da história apresentando-se este num papel de feltro preto com uma lua e com a terra, ambos cosidos com linha. Posteriormente, sentei-me com as pernas à chinês virada para as crianças e comecei a contar a história. À medida que ia contando a história com o apoio do livro, ia afixando no cenário as imagens dos animais à medida que iam aparecendo na mesma. Estes animais eram constituídos por imagens reais de animais impressas, com cartão duro por trás, e eram plastificadas com papel autocolante transparente e tinham velcro para se conseguirem afixar ao feltro.” (Caderno de Formação – Reflexão de intervenção nº 6)

Como forma de atender ao interesse das crianças por jogos e como forma de enriquecer o ambiente lúdico, introduzi um puzzle com a figura de um menino em que as crianças tinham de juntar as peças de modo a formar o corpo do menino. “ (...) tenho a frisar que o puzzle do corpo humano que levei, o qual foi realizado por mim, surgiu do facto de eu ter observado que as crianças mais velhas já conseguem identificar as partes principais do corpo e achei que seria interessante aliar a parte lúdica a este conhecimento. Desta forma, levei um puzzle constituído por 6 peças de cartão plastificadas com a figura humana de um menino que as crianças teriam de construir em cima de uma tela de cartão como forma de identificarem as partes do corpo do menino.” (Caderno de Formação- Reflexão de Intervenção nº 4)

As interações que mantive com as crianças no decorrer dos momentos de brincadeira foram importantes na medida em que me permitiram perceber como as crianças brincavam e como evoluíram a nível do jogo simbólico. Quanto aos materiais introduzidos julgo que foram de encontro às necessidades das crianças, pois a

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

introdução dos mesmos surgiu da observação das suas brincadeiras promovendo-se assim uma aprendizagem com significado para as crianças.

Grupo da sala de Jardim de Infância

Também pertencentes à instituição Coopberço, este grupo é constituído por 20 crianças, onde, das quais 9 são raparigas e 11 são rapazes. Em relação ao género podemos afirmar que é um grupo equilibrado, pois a diferença entre o número de rapazes e raparigas não é significativa.

Este grupo revelava facilidade de interação, mesmo entre crianças de diferentes idades e a relação que mantinha com os adultos da sala era baseada no respeito, no afeto e na interação recíproca.

O grupo apresentava um espírito imaginativo quando brincava nas diversas áreas da sala dando significados diferentes a diferente personagens, quando encarnavam diferentes personagens, quando transformavam espaços criando novos espaços através da sua imaginação. Por outro lado, este grupo também demonstrou empreendedorismo quando tiveram a iniciativa de levar a cabo a criação de um cabeleireiro na sala, em que foram elas que deram as ideias para se levar avante e apoiaram as ideias umas das outras, enquadrando-se este projeto também no âmbito da brincadeira livre espontânea que se interliga com o jogo dramático na medida em que existe a representação de papéis de faz-de-conta.

Como forma de perceber a forma como as crianças brincavam e se relacionavam com os espaços e com os objetos, foi importante ter observado e ter-me integrado nas suas brincadeiras nos momentos de brincadeira livre, sendo desta forma que melhor percebi os seus interesses e necessidades. Foi neste ambiente que melhor conheci o grupo e que me entreguei de corpo e alma a esta temática de relatório.

No que respeita às brincadeiras livres espontâneas, as crianças têm preferência por brincar na área da casa representando: papéis de mãe e filha; tarefas quotidianas como por a mesa e lavar a loiça; situações que vivenciarem recentemente ou de observação de vivências próximas. Na maioria das vezes esta área serve apenas para o início de desenrolar da ação, pois muitas vezes as crianças almoçam na área da casa e depois vão ao circo que é na área da leitura. Esta área talvez seja muito requerida pelas crianças devido ao facto de estar muito enriquecida a nível de materiais, sendo muito escolhida pela: A. F.; L. S.; da Mar.; da L. O.; do Sam.; da L.; da A. C.; da Sar.; da Sof. e da I. Já em contrapartida a área do descanso, onde se

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

realizam os momentos de grande grupo são as menos requeridas pelas crianças, talvez por possuírem poucos materiais a nível de livros. No entanto, esta área para as crianças serve de apoio em complemento à área da casa, tendo em conta que as ações que decorrem na área da casa seguem para a criação de um novo espaço ou situação nesta área. A área do barco era muito requerida pelas crianças mas desapareceu da sala, pois agora o barco encontra-se no pátio exterior da instituição. No entanto, as crianças ainda representavam algumas situações de piratas quando se encontravam na área das trapalhadas. A área dos blocos é a mais requerida pelo: A.; pelo J. P.; pelo J. M.; pelo F. R.; pelo F. O; e pelo M. As crianças nesta área representavam: situações de construção de prédios quando encaixam as peças de encaixe e quando empilhavam os blocos; situações de jardim zoológico e situações de touradas quando depois de terem construído a área que delimitava o circo com blocos de construção, usavam dentro dos mesmos os animais existentes perto da área dos blocos e construções. Na área da garagem as crianças construíam pontes e representavam que os carros passavam por cima andando com os carros em cima das mesmas, ao mesmo tempo que reproduziam o som dos mesmos. Esta área era requerida pelo J. M.; pelo A.; e pelo M. *“No caso do Gui., do G., do T. e do San. já não noto tanta preferência por áreas específicas, pois várias vezes os via a brincar em áreas diferentes.”* (Dossier da PES II, 2015) Na área dos médicos, a qual decorria na área polivalente da sala, as crianças representavam papéis de médico e doente decorrentes de observação de experiências próximas.

Por fim a área do cabeleireiro era das mais requeridas pelas crianças: *“A área do cabeleireiro que surgiu a partir de um projeto do interesse das crianças era das áreas mais requeridas da sala não sei se pelo facto das crianças já gostarem de representar situações de cabeleireiro se pelo facto de ser a área mais recente da sala, pois todas as crianças tinham interesse em brincar nesta área.”* (Dossier da PES II, 2015)

Todas estas ações que descrevi anteriormente são exemplos daquilo que considero ter enriquecido nas áreas, espaços, materiais e conseqüentemente brincadeiras das crianças. Creio ter conseguido o enriquecimento das brincadeiras de jogo simbólico, através de sugestões que faziam com que estas evoluíssem e tivessem continuidade, atendendo sempre às necessidades e interesses do grupo.

2.1.3- Participantes na investigação

Tive como principais participantes desta investigação a educadora da sala de creche C. G. e a educadora da sala de Jardim de Infância P., L. Delas, obtive ajuda para preenchimento das Fichas de Envolvimento da Criança mediante a observação dos vídeos efetuados por mim nos momentos de brincadeira. O critério de escolha das crianças no contexto de creche para realização dos vídeos para a Escala do Envolvimento da Criança do DQP foi consoante as que se mostravam mais envolvidas, pouco envolvidas e sem envolvimento para que pudesse ter uma noção das diferentes situações, tal como aconteceu no primeiro semestre. As crianças escolhidas no primeiro semestre tinham idades compreendidas entre 8 m a 13 m e no segundo semestre idades compreendidas entre os 11 m e os 15 m, tendo sido escolhidas crianças diferentes nos dois semestres. Na valência de Jardim de Infância foram escolhidas crianças de forma aleatória que se encontravam a brincar em áreas distintas. As crianças escolhidas no primeiro semestre tinham idades compreendidas entre os 3 anos e 1 mês e entre os 4 anos e 10 meses e no segundo semestre tinham idades compreendidas entre os 3 anos e 6 meses e entre os 4 anos e 7 meses, tendo sido escolhidas crianças diferentes.

Tendo assim um critério de escolha, preenchi as Fichas de Envolvimento da Criança em conjunto com as educadoras. Nesta ficha cada uma de nós preenchia-a com o nome do observador, o nome da instituição onde decorria a observação, o nome da criança, a idade da criança, o horário em que decorreu o vídeo, a descrição do que acontecia no vídeo e a atribuição com uma cruz de um nível de envolvimento numa escala de 1 a 5 relativamente à envolvimento da criança na brincadeira, tendo em linha de conta os indicadores de envolvimento. Depois desta ficha preenchida comparávamos os resultados para que conseguíssemos chegar a uma conclusão mais fidedigna.

No que concerne ao Caderno de Formação, fiz uma análise da minha ação educativa, bem como dos comentários realizados pelas Educadoras Cooperantes e pela orientadora de estágio.

Procurei sempre estar atenta às necessidades das crianças, aos seus gostos de brincadeiras para que a recolha dos dados fosse feita de forma informal, em que as interações e as brincadeiras surgem espontaneamente.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Como já referido, a instituição Coopberço foi onde decorreu a minha investigação. Dela obtive toda a ajuda e colaboração, e através do meu estágio pude envolver todos os seus elementos, tirando partido para a minha investigação.

2.1.4- Instrumentos e estratégias de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados utilizados neste processo de investigação foram: a observação direta; o registo escrito das brincadeiras das crianças através das notas de campo e das reflexões (Caderno de Formação); registo fotográfico e filmagem das crianças elegidas a brincarem; a entrevista à educadora de Jardim de Infância e descrição dos níveis de envolvimento presentes e da respetiva evolução das crianças de cada valência.

Através destes percebi como intervi e de que forma essa intervenção teve frutos no ambiente educativo das salas, sendo assim uma mais-valia no desenvolvimento da temática do relatório. Esta conjuntura permitiu-me proporcionar uma aprendizagem mais rica, onde houve o equilíbrio entre o bem-estar, aprendizagens significativas para as crianças e o desenvolvimento de atividades livres espontâneas.

Sobre a análise reflexiva do Caderno de Formação, foquei as situações em que estava presente a temática do meu relatório. Este foi um alicerce importante durante a minha ação educativa, pois permitia-me regular a minha prática. A partir das reflexões e das planificações, ao pensar sobre estratégias e sobre o que eu sabia acerca das aquisições das crianças, conseguia partir para a planificação da semana seguinte. Em relação à análise deste caderno de formação pode-se dizer que foi importante porque através desta percebi quando ou se tinha refletido sobre aspetos relacionados com o tema do meu relatório. Como disse Máximo citado por Esteves (2008): “ (...) O diário é um instrumento auxiliar imprescindível ao professor-investigador. Permite registar as notas de campo, provenientes da observação dos aspetos da sala de aula ou da escola em estudo.” (Máximo citado por Esteves, 2008, p. 85)

No que concerne à análise das planificações também foram focadas as situações em que a temática do relatório se encontrava presente, sendo uma forma de perceber se me preocupava em planificar momentos relacionados com o tema do relatório ou se não dei ênfase aos mesmos como deveria ter dado.

Senti a necessidade de ter utilizado como instrumento a Escala do Envolvimento da criança do referencial DQP (Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias) no decorrer da PES, pois a partir da observação direta das crianças e da realização dos vídeos preenchi a respetiva escala que me permitiu avaliar o grau de envolvimento que a criança tem no momento e que me leva a perceber se, e de que forma, o ambiente educativo influencia o seu envolvimento, ou seja, se os materiais

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

existentes são atraentes e adequados às necessidades e à faixa etária das crianças. Esta escala serve para perceber o envolvimento da criança num dado momento e apresenta dois componentes: uma lista de indicadores de envolvimento e os níveis de envolvimento numa escala de 5 pontos. Em relação aos indicadores de envolvimento são eles: Concentração (A criança encontra-se focada na atividade sem se abstrair); Energia (A criança está interessada e estimulada. Esta energia é visível quando a criança faz pressão no objeto que utiliza e as expressões faciais são outro indicio de energia); Complexidade e Criatividade (Quando a criança por sua iniciativa utiliza as suas capacidades cognitivas para ter um comportamento mais complexo que um comportamento rotineiro. A criatividade está presente quando a criança faz algo diferente do que já existe e contribui para o seu desenvolvimento criativo. A criança nesta situação encontra-se no expoente máximo do que consegue fazer); Expressão Facial e Postura (Neste indicador podemos diferenciar uns olhos perdidos no vazio demonstrando desinteresse de um olhos brilhantes que demonstram interesse na atividade. A postura pode também demonstrar desinteresse ou tédio); Persistência (Está patente na duração da atividade. Se a criança estiver muito tempo envolvida na atividade não a abandona tão facilmente não se deixando distrair pelo ambiente que a rodeia. Caso a criança não esteja tão envolvida o tempo de duração da atividade é mais curto. Porém, o tempo investido na atividade depende da idade e da experiência da criança). Precisão (As crianças demonstram preocupação por pormenores caso estejam envolvidas, caso contrário esse aspeto não lhes interessa); Tempo de Reação (As crianças envolvidas respondem mais rapidamente a estímulos); Linguagem (Através das conversas das crianças podemos ver quais as atividades que as envolvem ou porque estas o dizem ou porque repetem muita vez essa atividade); Satisfação (As crianças envolvidas demonstram satisfação na atividade que se encontram a fazer). Os indicadores servem para quem investiga perceber melhor o envolvimento da criança, no entanto são meros indicativos do estado da criança, pois é necessário que o investigador utilize também os níveis de envolvimento, uma vez que estes se complementam.

Nível 1- Sem atividade (A atividade é simples, repetitiva e passiva. A criança encontra-se ausente e sem energia. O olhar vazio é umas das principais características);
Nível 2- Atividade frequentemente interrompida (A criança está a realizar uma atividade mas não de forma contínua, pois existem momentos em que se encontra ausente da mesma não a levando a voltar à atividade);
Nível 3- Atividade quase

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

contínua (A criança encontra-se ocupada numa atividade mas a um nível rotineiro não demonstrando um grande envolvimento. A criança pode fazer alguns progressos mas existe bastante distração); Nível 4- Atividade contínua com momentos de grande intensidade (A criança encontra-se bastante envolvida na atividade, pois mesmo quando há interrupções a criança retoma o nível de atividade. Outros estímulos não conseguem distrair a criança) e Nível 5- Atividade intensa prolongada (A criança demonstra que atingiu o nível mais elevado de envolvimento. Neste nível não é necessário que todos os indicadores estejam presentes, mas é necessário que esteja presente a persistência, criatividade, complexidade, energia e concentração. A intensidade deve estar quase sempre presente).

Atendendo a estes indicadores e a estes níveis de envolvimento foi realizada uma análise de vídeos, onde procurei focar descritivamente o que acontecia nos vídeos e o nível de envolvimento que cada criança demonstrava em cada vídeo, tendo em consideração os vários indicadores de envolvimento. Esta escala foi utilizada em contexto de Creche para auxiliar as filmagens realizadas quando as crianças se encontravam em momento de brincadeira exploratória, como forma de perceber qual o nível de envolvimento da criança e se o seu envolvimento estava relacionado com o ambiente educativo no sentido de perceber de que forma poderia intervir de modo a envolver mais as crianças e de perceber como as crianças brincavam. Da mesma forma, realizei o meu processo em contexto de Jardim de Infância, no entanto nesta valência procurei realizar as filmagens focando as brincadeiras das crianças nas várias áreas da sala.

Para apoiar as filmagens que realizei para a Escala do Envolvimento da Criança do referencial DQP (Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias), utilizei a máquina fotográfica e o telemóvel. Para apoiar as reflexões de intervenção de cada semana, utilizei também a máquina fotográfica e o telemóvel, uma vez que as fotografias serviam de complemento à reflexão, ajudavam-me a recordar o que as crianças tinham feito e podia servir como ponto de partida para poder planificar a semana seguinte.

No que respeita à valência de Creche, a avaliação do envolvimento das crianças foi feita de forma aleatória enquanto as crianças se encontravam a explorar brinquedos no tapete. Depois do momento do acolhimento, quando as crianças se encontravam a explorar brinquedos no tapete fui ao encontro de uma criança que se encontrava a explorar um copo com a boca e coloquei a máquina a filmar colocando-a

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

em direção à mesma. Noutra dia quando as crianças se encontravam de igual modo a explorarem brinquedos no tapete, fui ao encontro de uma que se encontrava a brincar com um boneco e coloquei a máquina a filmar colocando-a em direção à mesma. Noutra dia efetuei o mesmo processo com outra criança que se encontrava a tentar tirar objetos que se encontravam dentro de outro e coloquei a máquina a filmar colocando-a em direção à mesma.

No que respeita à valência de Jardim de Infância, a avaliação do envolvimento das crianças foi feita de forma aleatória na área da casa, na área da garagem e com o estojo dos médicos na “área polivalente”. Pela manhã depois do momento de grande grupo, ainda quando as crianças se encontravam sentadas no tapete, perguntei-lhes para onde queriam ir brincar e à medida que estas diziam eu solicitava-lhes que colocassem o cartão com o seu nome na área para onde iam. Depois de todas as crianças estarem distribuídas a brincar pelas diferentes áreas da sala fui primeiro ao encontro das que se encontravam na área da casa. Nesta área encontravam-se 4 crianças a brincar, apesar de inicialmente estarem 6, pois é o número limite de pessoas dessa área. Enquanto as crianças brincavam nesta área comecei a filmar com a máquina colocando-a em direção à mesma. Apesar de estarem 4 crianças a brincar nesta área, apenas 1 é que estava fortemente envolvida tendo sido a que eu procurei focar. Para avaliar o envolvimento das crianças que se encontravam a brincar na área da garagem procedi de igual modo, depois das crianças se encontrarem distribuídas a brincar pelas áreas da sala fui ao encontro das que se encontravam na área da garagem na qual estavam presentes 2 crianças e coloquei a máquina a filmar. As crianças foram analisadas em conjunto apesar de só ter sido escolhida uma para se dar enfoque observando-se o seu envolvimento. Para avaliar o envolvimento das crianças que se encontravam na área polivalente brincando com o estojo dos médicos procedi de igual modo, depois das crianças se encontrarem distribuídas a brincar pelas áreas da sala fui ao encontro das que se encontravam na área polivalente a brincar com o estojo dos médicos e coloquei a máquina a filmar. Nesta brincadeira estavam presentes 7 crianças e todas estavam envolvidas, no entanto apenas dei enfoque a uma observando-se o seu envolvimento

A entrevista à educadora de jardim de infância foi outro instrumento onde me baseei para ter o ponto de vista de um profissional da área no que toca às questões pertinentes deste relatório. No entanto, para realização desta entrevista tive de elaborar um guião onde para cada questão que tencionava colocar à educadora fiz corresponder

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

um objetivo para essa mesma questão, estando estes objetivos alinhados para obter uma opinião fundamentada para a importância da expressão dramática no desenvolvimento da criança. A escolha das questões é tão diversificada quanto a necessidade de abordar os vários aspectos da expressão dramática: interação do educador, natureza das brincadeiras, relação entre as crianças, espaços e materiais, planificação, preferências, entre outros.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, são ainda outro instrumento onde me apoiei no que toca: à articulação de conteúdos de vários domínios; aos objetivos das diferentes atividades realizadas com o grupo e no que toca aos objetivos da Área de Expressão e Comunicação relativamente à Expressão Dramática. Considero que as OCEPE são um bom instrumento de apoio na medida em que se focam mais nas indicações para o educador do que na antecipação de aprendizagens a realizar pelas crianças e por serem abrangentes no que respeita à inclusão de diversas opções educativas. Conforme refere ME (1997):

(...) Não são um programa, pois adoptam uma perspectiva mais centrada nas indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções do currículo, por serem mais gerais e abrangentes, isto é, por incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas (...)

(ME, 1997, p. 13)

2.2- Apresentação e análise de dados

Observação direta das crianças

Enquanto estratégia de recolha de dados, foram observadas as crianças da sala de Creche nos momentos de brincadeira exploratória quando se encontravam a explorar brinquedos da sala. As crianças da sala de Jardim de Infância foram observadas na sua sala interagindo umas com as outras nas diversas áreas, onde tentei observar as suas brincadeiras analisando os seus comportamentos, tendo em consideração que o ambiente educativo influencia o envolvimento das mesmas na brincadeira.

Escala de Envolvimento da Criança (DQP)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Relativamente à análise da Escala de Envolvimento da Criança do Manual DQP, utilizei a observação direta e filmagens, como forma de avaliar o envolvimento das crianças nas áreas da sala pretendidas, “área da casa”, “área da garagem” e “área polivalente” onde brincaram com o estojo dos médicos, como forma de perceber como as crianças brincavam e se o ambiente educativo continuava de igual modo rico ao ponto de as envolver em experiências significativas. Na valência de creche recorreu-se à observação direta das crianças enquanto exploravam objetos na sala, tendo sido realizadas filmagens em ambas as valências. Foram observadas e filmadas 3 crianças na valência de creche com idades compreendidas entre os 8 e 13 meses no primeiro semestre e 3 crianças entre os 11 e 15 meses no segundo semestre. Em jardim de infância foram observadas 6 crianças com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos no primeiro e no segundo semestre. Esta observação foi sustentada pela escala de envolvimento da criança do manual DQP. Para se ter uma análise mais rigorosa acerca das filmagens e dos comportamentos das crianças nelas subjacentes, recorreu-se ao preenchimento das “Fichas de observação do Envolvimento da Criança”, de modo a refletir e chegar a uma conclusão acerca do envolvimento das crianças. Relativamente à valência de Jardim de Infância, a observação e filmagem foi realizada na área da casa, na área da garagem, e na área polivalente onde brincaram com o estojo dos médicos.

Foi essencial utilizar a Escala do Envolvimento da criança outra vez no segundo semestre, para que nas valências de creche e Jardim de Infância pudesse novamente refletir e constatar se o ambiente educativo é rico ao ponto de envolver as crianças e como forma de perceber se houve evolução nas brincadeiras. Esta análise foi uma mais-valia para perceber as aprendizagens e experiências nas brincadeiras das crianças e que as minhas interações com estas nas áreas da sala correspondiam aos seus interesses e capacidades. Nos apêndices V, VIII, XI, XIV temos estas análises descritas factualmente (coluna da esquerda) e comentadas (coluna da direita). Devido ao facto de apenas ter tido oportunidade de efetuar um reduzido número de filmagens e respetivos registos, os resultados que irei comentar apenas permitem inferir sobre uma tendência.

Quanto aos resultados que obtive na valência de creche da observação das crianças utilizando a Escala de Envolvimento da Criança no primeiro e no segundo semestre respetivamente, podemos observar que no primeiro semestre as crianças têm um envolvimento médio (nível 3) mais frequente, ao passo que no segundo semestre

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

as crianças tiveram um envolvimento mais diversificado, com um número de ocorrências igual ao nível 3, 4 e 5. Julgo que este ligeiro aumento de envolvimento da do primeiro para o segundo semestre se deveu ao facto de eu ter potenciado o enriquecimento do ambiente educativo.

Nos resultados que obtive na valência de Jardim de Infância, da observação das crianças utilizando a Escala de Envolvimento da Criança no primeiro e no segundo semestre respetivamente, podemos observar que em ambas os semestres o envolvimento é elevado, tendo ocorrências apenas a nível 4 e 5.

Caderno de Formação

Considero o Caderno de Formação um suporte essencial à recolha de dados. O seu valor deve-se ao facto de nele estarem patentes o planeamento, a avaliação e a reflexão, pois nele encontram-se os registos que são escritos diariamente ao longo dos dias na sala, sob a forma de notas de campo. Estes registos são diferenciados consoante a sua importância (Esteves, 2008). Estes registos ainda tiveram o contributo das professoras e educadoras, pois as reflexões que eu elaborei foram por elas revistas e permitiram que eu progredisse nos aspetos em que me encontrava mais fragilizada, implementando as estratégias que estas me forneciam.

Ao longo da minha prática usei sempre este tipo de registos, onde são relatados acontecimentos e aprendizagens das crianças. Estes registos que se encontram sob a forma de notas de campo ajudam muitas vezes a partir da sua leitura a poder planear a semana seguinte com base no que se observou. No final da semana com estes registos efetuava as reflexões semanais onde descrevia o que mais me marcava refletindo sobre o assunto e projetando o que poderia ser diferente e de que forma poderia fazê-lo, de maneira a arranjar estratégias para a melhoria da ação educativa com as crianças. Estes registos contemplam normalmente aprendizagens adquiridas, interação entre adultos e crianças ou até aspetos do ambiente educativo.

No que concerne à entrevista à educadora, esta permitiu-me obter uma perspetiva sobre a opinião que uma educadora tem sobre a expressão dramática no brincar, e de que maneira ela julga ter influência no desenvolvimento da criança. As respostas, algumas delas já abordadas no enquadramento teórico, apoiam a minha opinião e apoia a minha investigação na medida que vai de encontro ao que eu abordei no meu enquadramento teórico.

2.3- A importância da dimensão investigativa para a intervenção no contexto da PES

No âmbito da temática deste relatório foi necessário perceber que situações poderia proporcionar às crianças no âmbito das atividades lúdicas espontâneas que fossem de encontro aos seus interesses o que me levou a ser uma observadora atenta das suas brincadeiras. Foi também necessário proporcionar momentos de brincadeira para que estas evoluíssem e pudesse responder às suas necessidades, como foi o caso da criação da área do cabeleireiro. Para isto, a Dimensão Investigativa revelou-se fundamental para a minha intervenção em PES, pois deu a perceber que a observação e a filmagem das crianças é imprescindível para perceber como brincam e de que forma as podemos envolver com materiais estimulantes no âmbito da atividade lúdica espontânea. Identifico a Escala do Envolvimento da Criança do manual do DQP e o Caderno de formação como os principais contribuintes desta perceção.

Com o apoio da Escala do Envolvimento da Criança do manual do DQP e sua consequente aplicação, obtive mudanças e melhorias nas salas de Creche e Jardim de Infância. Ao ter filmado as crianças de ambas as valências percebi: a forma como exploravam (em Creche) ou brincavam (Jardim de Infância) os objetos e áreas da sala; como se relacionavam com os colegas e com o espaço, e se o ambiente educativo era adequado às suas necessidades a ponto de as envolver.

As mudanças que a aplicação da Escala do Envolvimento da Criança do DQP teve na sala de creche foram:

- Introduzi lenços e lençóis na zona das bonecas para as crianças explorarem, tendo em atenção que estas tinham um especial interesse em tirar os lençóis da cama das bonecas e brincar com eles;
- Procurei ficar mais atenta à forma como exploravam os brinquedos e como interagiam no espaço com os outros; procurei contar histórias com o apoio de adereços;
- Procurei levar uma caixa de cartão com texturas para que estas a explorassem livremente e procurei estimular as suas brincadeiras brincando com as crianças com os brinquedos que lhe despertavam atenção.

Analogamente, as mudanças que a aplicação da Escala do Envolvimento da Criança do DQP teve na sala de Jardim de Infância foram:

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

- Introduzi novos blocos de construção na área das construções, visto que não existiam muitos;
- Implementei um livro de receitas na área da casa para atender ao seu interesse em representar que fazem sopas;
- Ao nível das interações com as crianças procurei sempre em entrar na brincadeira das crianças como se já fizesse parte da mesma para que não a destruísse;
- Tentei observar como brincavam sozinhas, a pares e em grupo e procurei atender aos seus interesses com a construção da área do cabeleireiro que ao mesmo tempo se enquadrava num projeto e numa necessidade sentida na investigação durante o momento de brincadeira livre, onde criei com as crianças os armários para os adereços (onde introduzi adereços de cabeleireiro reais os quais foram oferecidos pela cabeleireira que visitámos e pela avó de uma criança da sala que era cabeleireira).

Outros métodos que comprovam que a utilização destas escalas teve um forte contributo a nível da evolução no ambiente educativo e das aprendizagens das crianças foi através da análise das reflexões (Caderno de Formação). Nelas é possível refletir nos acontecimentos pertinentes da semana quer a nível das aprendizagens das crianças, quer a nível da reação das mesmas em relação à introdução de novos materiais, quer a nível das brincadeiras das crianças, através da análise das planificações onde se analisaram as estratégias utilizadas na implementação de materiais na sala e da interação com as crianças ao estas explorarem objetos e ao brincarem nas áreas.

Por fim, outro método foi a análise dos vídeos onde se realizou uma análise do que a criança se encontrava a fazer, da atribuição de um nível de envolvimento de acordo com os indicadores e da ligação do envolvimento da criança com o ambiente educativo.

3. Projeto “O Cabeleireiro”

O trabalho de Projeto é um bom instrumento de trabalho, na medida em que as crianças desenvolvem algo que parte do seu interesse com um objetivo, (no meu caso a construção do cabeleireiro na sala) em que é identificado o que elas já sabem, quais as suas curiosidades que serão esclarecidas através de soluções dadas pelo grupo e como poderão por em ação as soluções dadas. Segundo Katz & Chard citado por Vasconcelos (2012), “Independentemente dos modelos curriculares adoptados pelos jardins de infância ou pelas escolas do 1º ciclo, acreditamos que uma metodologia comum de trabalho de projecto em sala de actividades poderá antecipar, desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de co-construção do conhecimento. (...)” (Katz & Chard citado por Vasconcelos, 2012, p. 8).

Na sala de Jardim de Infância onde estagiei a educadora tinha por hábito utilizar a metodologia de projeto, pois muitas vezes ouvia as crianças a dizerem que queriam fazer o projeto dos cavaleiros, o dos piratas, entre outros.

Segundo o manual Qualidade e Projecto da Educação Pré-Escolar, “ (...) o termo projeto é muito utilizado na vida corrente para designar intenções individuais ou coletivas, falamos de projectos de férias, de projectos de sociedade, de projectos de lei.” (ME, 1998, p. 91)

Os grandes sentidos do projeto

O projeto tem como objetivo atender aos interesses das crianças e promover novas experiências de aprendizagem. O grande sentido do projeto foi o de atender ao interesse das crianças em representarem situações de cabeleireiro quando brincavam que faziam penteados umas às outras mexendo nos cabelos, quando penteavam os cabelos com uma escova umas às outras ou quando iam à caixa dos médicos buscar a tesoura de plástico e representavam que cortavam o cabelo umas às outras. Estas situações de brincadeira aconteciam quase sempre que as crianças brincavam nas áreas da sala o que me levou a ver nestes acontecimentos uma necessidade que as crianças tinham em representarem estas situações, que possivelmente observavam de experiências próximas de adultos.

Segundo Vasconcelos (2012), existem quatro fases que definem o desenvolvimento do trabalho de projeto. A primeira fase corresponde: “a definição do problema”; a segunda fase corresponde: “a planificação e desenvolvimento do

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

trabalho”, a terceira fase corresponde à “execução” e por fim a quarta e última fase diz respeito à “divulgação/avaliação”.

No desenvolvimento do Projeto “O cabeleireiro”, integrei as fases anteriormente mencionadas.

Fases de Desenvolvimento do Projeto

Ponto de Partida e definição do problema

Ponto de partida

O projeto que as crianças realizaram sobre a criação da área do cabeleireiro partiu do facto de ter observado que as crianças gostavam de representar situações de cabeleireiro quando representavam que faziam penteados umas às outras mexendo nos cabelos, penteando com uma escova ou quando iam à caixa dos médicos buscar a tesoura de plástico e representavam que cortavam o cabelo umas às outras. Tendo em consideração que já sabia que as crianças se interessavam por representar situações de cabeleireiro, recolhi junto da cabeleireira da rua do colégio alguns materiais de cabeleireiro como revistas, escovas, rolos e pinças e numa das manhãs em que me encontrava a observar a brincadeira das crianças nas áreas da sala aconteceu a seguinte situação: “ (...) *Quando me encontrava a observar as brincadeiras das crianças nas áreas notei que a Sof. foi buscar a caixa de brincar dos médicos e tirou de lá uma tesoura. Depois aproximou-se de mim e disse-me “Joana vou te fazer um corte ao cabelo”, tendo representado que me cortava o cabelo com a tesoura. Depois notei que algumas crianças se aproximaram e começaram a representar também que me faziam penteados e que me lavavam a cabeça. Como notei mais uma vez interesse da parte das crianças por representarem situações de cabeleireiro, introduzi adereços de cabeleireiro que tinha recolhido com o interesse de os introduzir caso o interesse das crianças se manifestasse novamente, tendo sido o que aconteceu. Depois de ter introduzido os adereços já não era apenas a Sof. e a A. F. que se encontravam a brincar comigo mas também o M., a L. O. e o T. quiseram entrar na brincadeira pegando nos rolos e colocando-me na cabeça. Ao ver que as crianças aderiram de forma positiva à introdução dos adereços integrando-me na sua brincadeira disse-lhes: “Quem é que me faz um penteado? Tenho de ir chique a uma festa!”. Neste instante as crianças representaram que me esticavam o cabelo, colocaram-me ganchos, deram-me uma revista para as mãos e disseram: “Tens de escolher o penteado”, ao que eu respondi apontando com o dedo para a revista dizendo :*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

“*Quero este*”. Depois no decorrer da brincadeira disse-lhes: “*Doem-me muito as costas, uma cliente não pode estar no chão preciso de um sitio mais confortável*”, tendo-me elas ido buscar uma cadeira. Quando já me encontrava sentada na cadeira disse às crianças: “*Mas as nossas coisas do cabeleireiro estão no chão não temos um sitio onde as por*”, ao que as crianças responderam: “*Podemos por ali em cima da mesa onde pomos os frascos dos bebés*”, ao que eu seguidamente respondi: “*Ah sim podemos por ali sim, em cima da cómoda é boa ideia*”. (Reflexão de intervenção nº 4 – nota de campo 6) A partir destes diálogos com as crianças tive a confirmação que o projeto podia-se desenvolver, pois revelavam envolvimento na brincadeira quando foram buscar uma cadeira para eu me sentar e quando disseram que podíamos colocar a tesoura e a escova em cima da cómoda. Este projeto é de intervenção tendo em consideração que serve para resolver o problema de atender à necessidade das crianças em representarem situações de cabeleireiro intervindo na sala através da criação de uma área.

Definição do problema

Numa manhã de intervenção quando as crianças se encontravam sentadas no tapete comentei com as mesmas que gostei de brincar com elas aos cabeleireiros e que já vi que elas também gostam muito de brincar. Depois perguntei-lhes se gostavam de ter um cabeleireiro na sala, tendo estas com grande entusiasmo respondido que sim. Desta forma, fui buscar uma folha de papel manteiga e comecei por escrever como título O NOSSO PROJETO “O CABELEIREIRO”. Depois perguntei-lhes o que é que achavam que já tinham para podermos fazer um salão de cabeleireiro. Ao mesmo tempo que escrevia *O que temos*, as crianças responderam:

Temos: *uma escova* (M.)

uma tesoura (S.)

rolos (F. R.)

uma revista de cabeleireiro (M.)

uma lima para as unhas (Gui.)

um pente (J. M.)

ganchos (L. O. e F. R.)

Depois de ter recolhido esta informação perguntei às crianças se achavam que o que tínhamos chegava para fazermos o salão, tendo as crianças respondido que não. Deste modo, escrevi: *O que precisamos e* perguntei-lhes o que é que precisávamos mais além do que tínhamos, tendo estas respondido:

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Precisamos de: *um secador* (J. P.)

um verniz (S.)

um pente para pintar o cabelo (F. R.)

um perfume (L. O.)

um creme para o cabelo (L. O.)

um espelho (L. P.)

um sofá para as pessoas se sentarem (Gui.)

um caixote de lixo para os cabelo (M.)

uma vassoura para varrer e pá (M.)

uma toalha (Gui.)

um pano e uma mola para não sujarmos com os cabelo e não termos comichão (F. R. e Gui.)

uma fralda para por nas costas (Gui.)

Planificação e lançamento do trabalho

Depois de se definir o problema surgiu a fase seguinte em que foi realizada uma planificação do trabalho, onde as crianças disseram os materiais que tinham, o que queriam fazer, como iriam pôr em prática o que queriam, quem iria trazer/fazer o quê.

Depois de ter recolhido este conjunto de informação acerca dos materiais com as crianças percebi que já tinham a perfeita noção do que era um salão de cabeleireiro então parti para a questão *Como vamos fazer* e perguntei às crianças como íamos fazer o salão, tendo as crianças respondido:

podemos por os acessórios numa cómoda (Gui.)

podemos por as coisas em caixas de cartão (M.)

colamos as caixas de sapatos para fazer o armário (M.)

pintamos as caixas de cartão (L. O.)

pintamos as caixas às cores (F. R.)

podemos fazer uma gaveta (L. O.)

temos de fazer os puxadores (M.)

ficava lindo gavetas às cores (A.)

podemos dizer à minha avó para vir cá (Marg.)

podemos dizer à mãe para vir pintar as unhas (L. O.)

podemos arranjar um armário para os champôs (M.)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Posteriormente, depois de ter algumas propostas por parte das crianças perguntei-lhes quem podia trazer mais coisas, ao mesmo tempo que escrevi *O que já fizemos/arranjamos*, tendo as crianças respondido:

trago caixas de sapatos (M.)

trago um chuveiro (Gui.)

trago um secador (Sof.)

trago uma toalha (Gui.)

Segundo Vasconcelos (2012,p.16):“As crianças partem para o processo de pesquisa através de experiências directas, preparando aquilo que desejam saber; organizam, seleccionam e registam a informação (...)”

Execução

Como forma de dar o primeiro passo para a ação neste projeto aproveitei o facto da educadora ter na sala uns espelhos que não são de vidro e sugeri às crianças que poderíamos afixar os mesmos, ao mesmo tempo que lhes perguntei onde os queriam afixar, tendo escolhido uma criança ao acaso para o fazer.



Imagem 1 - Sof. afixa o espelho na parede onde vai ser a área do cabeleireiro

Numa das manhãs de intervenção acordámos o sítio onde iria ficar o armário para os adereços de cabeleireiro, visto que eu e o M. tínhamos trazido caixas de sapatos e decidiu-se que ficaria por baixo do espelho. Depois da reunião nessa mesma manhã, disse às crianças que iríamos começar a fazer o armário, no entanto expliquei-lhes que iríamos trabalhar em pequeno grupo e só poderiam estar a fazer o armário duas de cada vez. Desta forma, ainda no tapete elegi duas crianças ao acaso para irem começar a fazer o armário comigo e disse às restantes que poderiam ir brincar para as

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

áreas, tendo perguntado individualmente a cada uma para que área queria ir brincar. Depois dirigi-me à sala de fora com Sof. e a A. C. e fui com as mesmas à arrecadação buscar caixas de sapatos para fazermos o armário. Seguidamente, solicitei-lhes que fossem buscar jornais e que os colocassem em cima da mesa, visto que iríamos utilizar cola para colar melhor as caixas. Depois vesti-lhes os aventais, coloquei em cima da mesa duas tesouras e estas foram buscar os pincéis e a cola branca. Como forma de as ajudar exemplifiquei como poderia ficar uma das gavetas do armário cortando a caixa em duas arestas verticais, depois meti para dentro da caixa essa parte da caixa que ficou solta e solicitei a uma criança que me fosse buscar outra caixa para a podermos enfiar dentro desta de forma a poder deslizar dentro da mesma. Posteriormente, perguntei-lhes se lembravam do M. ter sugerido fazermos puxadores para as gavetas, tendo estas respondido que sim. Deste modo, sugeri-lhes que podíamos fazer uns puxadores em meia-lua com uma abertura, pois se fizéssemos puxadores em cartão iriam deteriorar-se e como tal desenhei num dos lados da caixa de sapatos que faz de gaveta o desenho de uma meia-lua e depois dei às crianças duas tesouras para elas recortarem por cima do risco que eu tinha desenhado. “ (...) A Sof. apesar de ter recortado um pedaço do cartão comentou: “Joana o cartão é duro”. Em relação à A. C. esta recortou com mais facilidade, no entanto a Sof. não desistiu e voltou a tentar recortar, estando as duas a recortar ao mesmo tempo até que conseguiram recortar esse pedaço de cartão. Depois de terem recortado esse pedaço de cartão, de termos a gaveta e o puxador terminado disse-lhes: “Agora talvez tenhamos de colocar a tampa para não se verem os acessórios, pois isto é um armário”, deste modo cortei dois cantos de um dos lados da tampa da caixa de sapatos, dobrei essa parte da caixa para dentro para que a gaveta conseguisse abrir e encaixei a tampa da caixa de sapatos que fazia parte da caixa que foi cortada. (...)” (Reflexão de intervenção nº 5 - nota de campo 3) Depois de ter uma gaveta montada disse às crianças que poderíamos começar a colar aquela gaveta para que o armário ficasse resistente. “As crianças colocavam o pincel na cola e depois espalhavam em cima do sítio que eu tinha indicado para colocarem a cola. A. C. revelava mais cuidado ao escorrer o pincel e ao espalhar a cola na superfície, enquanto a Sof. não. Depois de terem colado as caixas de sapatos disse-lhes que poderiam ir lavar as mãos e ir brincar nas áreas onde se encontravam. (...)” (Reflexão de intervenção nº 5 – nota de campo 3)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 3 - Recorte dos cantos da caixa para que outra encaixe nesta, fazendo de gaveta



Imagem 2 - Espalmar de uma face da caixa para que outra caixa encaixe dentro desta



Imagem 4 - Recorte de uma meia lua para fazer de puxador



Imagem 5 - Continuação da imagem anterior



Imagem 7 - As duas crianças ajudam-se mutuamente a fazer o recorte



Imagem 6 - Colagem das partes da caixa que se encontram soltas

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

No dia 28/04/2015 depois do momento de Expressão Musical, continuei a construir com as crianças o armário para os adereços de cabeleireiro, tendo desta vez participado o Gui. e o M. Depois participou o T. e o G. individualmente. Depois a Marg. também participou individualmente. Depois participou o F. R. com a cooperação novamente da Sof. Depois o San. e a L. S. participaram individualmente. A A. F. participou em cooperação com a Sof. e a Ir. também participou com a Sof.



Imagem 9 - G. S. e o M. colam partes da caixa que se encontram mais frágeis



Imagem 8 - T. cola partes da caixa que se encontram mais frágeis



Imagem 11 - T. pressiona o cartão para que a cola adira ao mesmo



Imagem 10 - G. coloca cola nas partes frágeis da caixa

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 12 - Marg. pressiona a cola para que adira ao cartão



Imagem 13 - Sof. ajuda F. R. a por cola na caixa



Imagem 14 - L. S. coloca cola nas partes frágeis da caixa



Imagem 16 - San. coloca cola nas partes frágeis da caixa

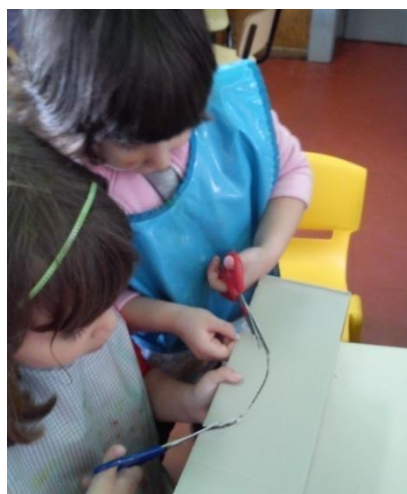


Imagem 15 -- Sof. e A. F. recortam a meia lua pelo contorno

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 17 - Sof. e Ir. pressionam a cola para esta aderir à caixa

No final desta mesma manhã em que acabámos de fazer as gavetas para o armário e em que as colámos, quando me encontrava com o F. R. e com a Sof. chegámos à conclusão que se colocássemos as 5 caixas de sapatos em cima umas das outras iria tapar o espelho então tirámos uma caixa e o armário ficou apenas com 4 caixas. Depois como tínhamos ainda 2 caixas de sobra, decidimos que se colássemos aquelas 2 que sobravam podíamos ficar com uma estante para pormos os produtos de cabeleireiro, tendo sido o que fizemos. Desta forma, o F. R. e a Sof. colocaram cola numa das faces de cada caixa e depois pressionaram uma na outra para a cola aderir. Depois para fortalecermos a caixa pusemos fita-cola nas partes onde se unem as 2 caixas.



Imagem 18 - Sof. e F. R. pressiona as duas caixas uma na outra para que a cola adira às mesmas

Na manhã de quinta-feira do dia 30/04/2015, *“Quando ainda me encontrava no tapete na área da leitura depois de se terem marcado as presenças, mostrei às*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

crianças duas cartolinas onde constava o registo escrito do que estas tinham dito acerca da criação da área do cabeleireiro, em que tinham falado no que tínhamos a nível de materiais, do que precisávamos e como podíamos construir o cabeleireiro. Depois perguntei-lhes: “Vocês lembram-se de termos registado os materiais que já tínhamos para o cabeleireiro, o que precisávamos e como podíamos construí-lo?”, ao que as crianças responderam que sim e a que eu seguidamente disse: “Então a Joana pôs os vossos registos aqui nesta cartolina, mas desta vez com estas colunas para ser mais fácil de vermos o que falta e registarmos”. Depois de ter mostrado a cartolina às crianças perguntei-lhes: “Vocês lembram-se de terem dito que era giro pintarmos as caixas de sapatos que iriam fazer de gavetas?”, ao que as crianças responderam: “Sim, às cores”, a que eu seguidamente disse: “A Joana pensou que como temos caixas com letras se pintássemos logo com cor em cima a tinta não iria tapar as letras e iria ficar a ver-se. Então pensei que se pintássemos primeiro as caixas de branco e depois então por cima pintássemos a cores a tinta ficava melhor. O que é que acham?”, tendo as crianças concordado. Depois deste diálogo com as crianças disse-lhes que iriam brincar para as áreas e só depois consoante eu as chamasse viriam pintar as caixas comigo” (Reflexão de intervenção nº 5- nota de campo 6) Depois de ter tido esta reunião com as crianças em grande grupo nomeei duas crianças ao caso para virem comigo pintar as caixas de sapatos com tinta branca. Quando me encontrava com as crianças na sala de fora solicitei-lhes que colocassem as folhas de jornal em cima da mesa, vesti-lhes os aventais, elas foram buscar pincéis e eu coloquei um pouco de tinta branca num frasco. Depois começaram a pintar as caixas e à medida que um par de crianças ia terminando de pintar uma caixa ia chamando outro para pintar, até ter todas as caixas pintadas de branco incluindo a estante.

Na semana seguinte no dia 4/05/2015, como forma das crianças terem contacto com a realidade física do que é um cabeleireiro organizei uma visita a um salão de cabeleireiro que existe na rua do colégio. “Depois das crianças terem participado na realização do bolo para oferecerem às mães e depois de terem visto a irmã da Marg. que nascera na sexta-feira passada, aproveitei o facto de se encontrarem ainda sentadas para lhes dizer: “Hoje vamos visitar um cabeleireiro para verem os materiais que lá existem e para verem o que falta no nosso cabeleireiro”. Pouco depois solicitei-lhes que se colocassem em fila à porta da sala. Quando as crianças se encontravam organizadas em fila à porta da sala, a educadora

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

colou-se à frente da fila, eu coloquei-me no meio e a ajudante de ação educativa colocou-se atrás e depois a educadora disse às crianças que poderiam começar a descer as escadas agarradas ao corrimão. Quando chegámos à porta do colégio do lado da rua, eu em cooperação com a educadora e com a ajudante de ação educativa organizámos as crianças em fila duas a duas de mãos dadas e deslocámo-nos a pé até ao salão de cabeleireiro que se encontra na rua do colégio. Quando chegámos à porta do salão a cabeleireira abriu-nos a porta e eu dei início à visita entrando no salão de cabeleireiro e orientando as crianças para entrarem. Quando todos nos encontrávamos no salão, a educadora sugeriu às crianças que se sentassem no chão, ao mesmo tempo que a cabeleireira foi buscar uma cadeira para a educadora, para mim e para a ajudante de ação educativa nos sentarmos. Depois a cabeleireira deu início à visita perguntando às crianças o que queriam saber, ao que o M. respondeu “Queriam saber como se corta o cabelo”. Deste modo, a educadora perguntou se poderia sentar na cadeira para a cabeleireira exemplificar como se lavava o cabelo, tendo esta concordado que sim apesar de não ter sugerido. Quando a educadora se encontrava sentada na cadeira para lavar o cabelo, a cabeleireira disse que o sítio onde se lavavam os cabelos se chamava calha e depois colocou uma toalha à volta do pescoço da educadora e começou a lavar-lhe o cabelo. Esta quando se encontrava a lavar o cabelo à educadora disse às crianças que massajava bem o couro cabeludo explicando-lhes que era o sítio da nossa cabeça onde nasciam os nossos cabelos. Depois de ter lavado o cabelo à educadora, a cabeleireira colocou uma toalha na sua cabeça e solicitou-lhe que se sentasse na cadeira de pentear, ao mesmo tempo que lhe colocou o penteador atando-o à volta do pescoço e que explicou às crianças que o que estava a colocar à frente da educadora se chamava penteador. Seguidamente, retirou a toalha da cabeça da educadora e esfregou-a na cabeça para secar o cabelo. Depois perguntou à educadora se podia cortar o cabelo, como esta disse que sim começou por lhe pentear o cabelo e por o dividir ao meio com um pente. Desta forma, ao mesmo tempo que dividia o cabelo ao meio começou por explicar às crianças que dividia o cabelo ao meio para ver se o que iria cortar se encontrava igual em termos de tamanho de um lado e de outro. Depois de ter cortado o cabelo disse às crianças que em cabelos muito curtos na parte detrás do pescoço se costuma utilizar uma navalha para tirar os cabelos pequeninos. Posteriormente, penteou a educadora colocou-lhe espuma e ligou o secador, ao mesmo tempo que explicou às crianças que aquele secador tinha um difusor explicando-lhes que era usado em cabelos ondulados.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Depois do cabelo se encontrar mais ou menos seco mostrou às crianças uma escova e perguntou-lhes: “Esta escova é para esticar ou ondular?”, tendo as crianças respondido que era para esticar, ao que a cabeleireira respondeu que era para as duas coisas. Depois do cabelo se encontrar seco e penteado com a escova, a cabeleireira explicou às crianças que ia colocar laca, ao mesmo tempo que mostrou o frasco da mesma às crianças. Depois da cabeleireira ter colocado laca no cabelo da educadora disse-lhe que estava pronta e neste momento a educadora levantou-se da cadeira, agradeceu à cabeleireira a sua colaboração e perguntou às crianças: “O que é que se faz depois de se arranjar o cabelo?”, ao que as crianças responderam: “Paga-se”. Depois da educadora ter encarnado a personagem de uma cliente de forma real, a cabeleireira falou um pouco acerca do nome de alguns acessórios que se encontravam no salão, como foi o caso do secador de cabelo de rolos e do esterilizador de escovas, visto que acerca dos outros já tinha falado à medida que ia arrançando e cortando o cabelo à educadora. Posteriormente, a cabeleireira ligou o secador de rolos e todas as crianças tiveram oportunidade de experimentar colocando a sua cabeça dentro do mesmo. No final da visita, a cabeleireira distribuiu por cada criança um cartão com o seu contacto que também serve para se marcar com um carimbo as vezes que já se frequentou o cabeleireiro, em que quando é totalmente preenchido o cliente tem direito a um brushing gratuito e distribuiu ainda um reбуçado como forma de agradecimento da nossa escolha em fazer uma visita ao seu salão, momento este em que a educadora solicitou às crianças que poderiam na área do cabeleireiro na sala também fazer uns cartões e ter uns reбуçados para darem aos clientes. Posteriormente, agradecemos à cabeleireira a sua colaboração e dissemos às crianças para se dirigirem para a rua de mãos dadas duas a duas como se encontravam, encontrando-me eu no meio da fila, a educadora à frente e a ajudante de ação educativa no fim da fila efetuando-se o percurso a pé até ao colégio de igual modo. (Reflexão de intervenção nº 6- nota de campo 1)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 19 - Visita ao salão de cabeleireiro

Quando cheguei ao colégio com as crianças solicitei-lhes que se sentassem no tapete na sala de dentro para fazermos o registo escrito do que viram no salão que não temos na sala, tendo M. respondido que faltava a calha para lavar o cabelo e o F. R. disse que faltava o secador de caracóis. À medida que ouvia o que as crianças diziam, iam anotando na cartolina do projeto na coluna *O que precisamos*.

Na manhã do dia 05/05/2015 como a tinta branca das caixas já tinha secado as crianças começaram a pintar as caixas com tinta de cor, *“Deste modo, o grupo que ficou na sala comigo foi brincar para as áreas enquanto eu preparei os materiais na sala de fora colocando em cima da mesa: folhas de jornal; três godés com tinta, três pincéis e aventais. Depois de ter os materiais preparados chamei duas crianças ao caso, neste caso a A. F. e o F. R. O F. R. com grande entusiasmo disse: “Vou buscar caixas lá dentro à arrecadação”. Quando este colocou as caixas em cima da mesa disse-lhes que poderiam começar a pintar. Deste modo, cada um pintou uma caixa de uma cor à sua escolha e ambos revelaram interesse no que estavam a fazer pois diziam: “Temos de por mais tinta no frasco para pintarmos mais caixas”. Quando estas crianças terminaram de pintar disse-lhes para irem lavar as mãos e nomeei mais duas como foi o caso do M. e da La. Depois vesti-lhes os aventais e imediatamente o M. foi buscar duas caixas colocando-as em cima da mesa. Estas crianças apesar de terem utilizado as tintas dos godés que estavam em cima da mesa, o M. disse: “Joana quero misturar estas cores todas para ver que cor fica e pinto com essa cor”, deste*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

modo como era um interesse seu e este já tinha utilizado outras cores de tinta disse-lhe que poderia misturar várias cores” (Reflexão de intervenção 6 – nota de campo 5)



Imagem 20 - A. F. e o F. R. pintam a estante de vermelho



Imagem 21 - M. e Lar pintam umas das caixas com tinta verde



Imagem 22 - M.e Lar pintam umas das caixas com tinta

Na manhã do dia 06/05/2015 demos início à colagem das caixas de sapatos em cima umas das outras para que ficasse um único armário de adereços do cabeleireiro, “*Enquanto a educadora marcava as presenças com as crianças, eu ia chamando as crianças duas a duas de cada vez para irem comigo para a mesa da sala de fora colar as caixas de sapatos em cima umas das outras para se fazer o armário dos adereços do cabeleireiro. À medida que ia chamando as crianças vestia-lhes os aventais e depois indicava-lhes o sítio das caixas onde deveriam colocar a cola branca. Quando as crianças se encontravam a colocar a cola na tampa das caixas, eu cooperava com as mesmas também colocando cola com o intuito das caixas ficarem com uma camada de cola suficiente que as fizesse aderir à caixa que se colava em cima. Quando me encontrava a colocar a cola nas caixas com a A. C. e com o S.,*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

notei que a A. C. se preocupava em colocar a cola em toda a face da caixa, enquanto que o S. espalhava a cola sempre no mesmo sitio ao mesmo tempo que olhava para o vazio notando-se disperso. Depois destas terem colocado a cola nas faces da caixa disse-lhes para colocarem as caixas em cima das que já se encontravam coladas e para pressionarem com a mão para a cola das caixas debaixo aderir” (Reflexão de intervenção nº 6 – nota de campo 6)



Imagem 24 - A. C. coloca cola branca em cima das caixas



Imagem 23 - A. C. e S. pressionam as caixas uma na outra para colarem uma à outra

Neste mesmo dia da parte da tarde, depois do lanche sugeri às crianças que poderíamos fazer um convite à avó da Marg. para vir falar da sua profissão e nos mostrar os seus materiais e à mãe da L. O. para nos vir pintar as unhas. Desta forma, depois da Marg. ter lanchado e tendo em conta que esta criança vai cedo para casa decidi começar a escrever o convite com esta ainda quando se encontrava sentada à mesa. Deste modo, fui buscar um pedaço de cartolina e uma caneta de feltro e comecei por perguntar à Marg. o que queria dizer à avó para a convidar a vir à nossa sala, tendo esta respondido que não sabia como tal dei-lhe a minha sugestão para o conteúdo do convite e esta concordou. Ao mesmo tempo que escrevia o convite à frente da criança lia-o em voz alta como forma desta perceber o que eu tinha escrito e como forma de perceber que o que é escrito pode ser lido. Quando todas as crianças terminaram de lanchar sugeri-lhes que fossem para a sala de dentro, pois iríamos ler o convite para a avó da Marg. e iríamos fazer o convite para a mãe da L. O. “Quando todas se encontravam sentadas na sala de dentro levei o convite da Marg. e a cartolina para fazer o convite com a L. O. e disse às crianças: “Tive a fazer o convite com a Marg. para convidarmos a sua avó para vir cá”, depois li-o em voz alta e mostrei-o ao

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

grupo. Posteriormente, sugeri à Marg. que fosse buscar lápis de cor e que fizesse o desenho como tinha dito. Seguidamente, disse: “L. queres vir fazer o convite para a tua mãe vir à sala”, tendo esta respondido “Sim”. Deste modo, escrevi a palavra convite e perguntei ao grupo o que é que podíamos dizer à mãe da L. para a convidarmos a vir à sala, tendo eu escrito o que as crianças disseram. Depois de ter feito o convite com a L. perguntei-lhe se queria fazer um desenho por baixo do convite, tendo esta concordado.” (Reflexão de intervenção nº 6 - nota de campo 7)



Imagem 25 - Realização de um convite com a Marg. para convidarmos a sua avó a vir à nossa sala

Na manhã do dia 07/05/2015 recebemos a avó da Marg. na sala para nos vir falar da sua profissão e nos vir mostrar os materiais utilizados num salão. “*Enquanto as crianças se encontravam a marcar as presenças, a avó da Marg. chegou à sala e a educadora colocou na sala de dentro uma mesa para esta colocar os utensílios de cabeleireiro que tinha levado. Depois das crianças terem terminado de marcar as presenças, a avó da Marg. começou por falar-lhes da sua profissão dizendo-lhes: “Eu sou cabeleireira, mas agora não tenho salão vou tratar dos cabelos das pessoas a casa delas e vou aos lares, pois agora trabalho na Universidade não tenho tempo”. Depois começou por chamar uma das crianças ao acaso, neste caso a A. F., para exemplificar como se lavava o cabelo e disse: “Põe-se um pouco champô nas mãos, esfregam-se as mãos com o champô e depois então se espalha no cabelo. Depois faz-se uma massagem”. Seguidamente, mostrou todos os materiais que tinha colocando-os em cima da mesa, ao mesmo tempo que dizia o seu nome, para que servissem e como eram utilizados. Quando quis mostrar às crianças como se faziam os rolos, eu, a educadora e a A. F. fomos as cobaias, pois sentámo-nos em duas cadeiras e a avó da Marg. começou por nos colocar os rolos na cabeça. Depois mostrou às crianças que*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

os caracóis também se podiam fazer com uma máquina que enrolava automaticamente ou então com um ferro de enrolar idêntico à placa de esticar o cabelo. Seguidamente, disse às crianças que também havia duas formas diferentes de se fazerem madeixas dizendo-lhes: “Podemos fazer madeixas com pratos e com uma touca com uma agulha”, ao mesmo tempo que exemplificava como se fazia. Depois mostrou às crianças que se podia esticar o cabelo com uma escova para ficar liso mas com volume e que se podia esticar com uma placa de alisamento que não ficava com volume. Posteriormente, mostrou ainda outros utensílios como por exemplo: o pincel e a taça para a tinta; prata para as madeixas; um frasco de desembaraçador; pentes; escovas de enrolar com bocal mais largo ou mais estreito; toalha; penteador; escova de pentear e um livro com as várias cores e tonalidades de cabelo. Depois de ter mostrado todos os utensílios às crianças ofereceu-lhes: escovas de enrolar e esticar; escovas de pentear; uma taça e um pincel para pintar o cabelo; uma toalha; um secador; uma embalagem vazia de tinta e ofereceu ainda um quadro para as crianças colocarem na área do cabeleireiro. Este quadro tinha como título a frase: “salão de cabeleireiro” e era composto por recortes de fotografias de vários utensílios utilizados num salão de cabeleireiro. Quando a avó da Marg. mostrou o quadro as crianças disseram: “Queremos ali ao canto”, tendo o quadro ficado no canto da sala onde se encontra o salão de cabeleireiro. Depois da avó da Marg. ter oferecido todos estes utensílios, a educadora solicitou às crianças que agradecessem à mesma a sua colaboração e a sua ajuda para o enriquecimento da área. No final da visita, as crianças tiveram ainda oportunidade de fazerem penteados a uma boneca que a avó da Marg. tinha levado que serve para provas. Depois das crianças terem tido oportunidade de fazerem penteados à boneca, a educadora sugeriu-me que uma vez que a avó da Marg. ia oferecer utensílios de cabeleireiro era uma boa oportunidade para eu introduzir o armário dos adereços de cabeleireiro. Desta forma, fui buscar o armário à arrecadação e coloquei-o no meio da roda, depois solicitei à Marg. que colocasse os utensílios dentro do mesmo, tendo sido o que esta fez.” (Reflexão de intervenção nº 6- nota de campo 9)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 27 - A avó da Marg. fala da sua profissão



Imagem 26 - A avó da Marg. exemplifica como se puxa o cabelo com uma agulha para fazer madeixas



Imagem 29 - A avó da Marg. mostra materiais de cabeleireiro



Imagem 28 - A avó da Marg. exemplifica como se fazem rolos



Imagem 31 - A avó da Marg. exemplifica como se lava o cabelo



Imagem 30 - A avó da Marg. mostra várias cores de cabelo

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 33 - A Marg. mostra um livro com várias cores de cabelo



Imagem 32 - A Marg. arruma os materiais que avó nos ofereceu



Imagem 34 - A L. O. penteia a boneca

Na manhã do dia 08/05/2015, depois da reunião em grande grupo comecei por perguntar às crianças se sabiam porque é que tinham de ir à cabeleireira, tendo estas respondido *“É para cortarmos o cabelo e ficarmos bonitas. Depois perguntei ainda às crianças: “Vocês sabiam que o nosso cabelo cresce todos os dias daí termos de ir ao cabeleireiro, senão o cabelo chegava até aos pés?”*, ao que as crianças deram respostas, como por exemplo: *“o cabelo ficava grande como o da rapunzel”* entre outras. Seguidamente, perguntei às crianças: *“Vocês acham que os cabelos são todos iguais?”*, tendo as crianças respondido que não. Posteriormente, disse-lhes: *“Existem cabelos louros, pretos, castanhos, ruivos, brancos, cinzentos e pessoas sem cabelo que se chamam carecas”*, paralelamente a este diálogo as crianças diziam que tinham pais carecas, que as mães pintavam o cabelo e comentavam quem tinha que cor de cabelo e quais eram mais claros e mais escuros. Depois de ter feito a divisão

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

das várias cores de cabelos disse-lhes ainda que dentro dos cabelos castanhos, estes podiam ser claros ou escuros e que também existiam cabelos pintados como era o caso do meu que era louro mas não era natural. De forma a trabalhar a matemática fizemos ainda a contagem do número das várias cores de cabelo existentes na sala para vermos quais existiam em maior número. Depois das crianças perceberem a distinção das várias cores de cabelo que existem disse-lhes: “Dentro destas cores de cabelo podem haver vários tipos de cabelo, pois os cabelos podem ser ondulados, lisos, encaracolados, frisados e carapinha. De forma a trabalhar a matemática fizemos a contagem do número de crianças que tinham os vários tipos de cabelo na sala para vermos quais existiam em maior número. Depois para sintetizar o conhecimento que lhes tinha transmitido, mostrei-lhes imagens das várias cores de cabelo e dos vários tipos de cabelo. Seguidamente, perguntei-lhes: “Vocês acham que os champôs são iguais para todos os cabelos?”, ao que as crianças responderam que não. Depois disse-lhes: “Pois não, existem champôs para cabelos lisos, para cabelos ondulados e para cabelos carapinha”. Depois de ter explicado às crianças que existiam champôs para os vários tipos de cabelo disse-lhes: “Como os champôs não são todos iguais, a Joana trouxe aqui alguns frascos de champôs para vocês brincarem na área do cabeleireiro que podem ser para os vários tipos de cabelo”.
(Reflexão de intervenção nº 6 – nota de campo 10)



Imagem 35 - Apresentação de imagens às crianças de vários tipos de cabelo

Dia 11/05/2015 a mãe da L. O. teve disponibilidade de ir à nossa sala mostrar às crianças como se pintavam as unhas e de mostrar os materiais que utilizava para as arranjar. “*Enquanto efetuava a marcação de presenças com as crianças, a mãe da L.*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

O. preparou em cima da mesa da área da casa os materiais de estética, nomeadamente: vernizes, lima, polidor, acetona, o creme para amolecer cutículas e pau de laranjeira. Esta preparou estes materiais em cima da mesa para nos demonstrar como se arranjam as unhas exemplificando arranjando as unhas a cada criança. Depois de ter terminado a marcação de presenças com as crianças, a mãe da L. começou por dizer-lhes o motivo que a trouxe ali explicando-lhes que veio até ali para explicar como se arranjam as unhas e para pintar as unhas. Seguidamente, a mãe da L. começou por apresentar os materiais para se arranjam as unhas, ao mesmo tempo que explicava para que servia cada um deles. Depois de ter apresentado todos os materiais, a mãe da L. começou por chamar cada criança individualmente para lhes pintar as unhas. Quando se encontrava a pintar as unhas com cada criança teve a preocupação de explicar à criança que primeiro iria limar a unha, depois iria polir, por o creme para amolecer as cutículas, por o verniz base explicando que servia para proteger a unha, depois por o verniz com pigmentação (verniz de cor) e o óleo para secar a unha. Enquanto este momento decorreu a educadora tornou-se parceira da mãe da L. e começou a pintar as unhas às crianças enquanto eu fotografava o momento e falava com as crianças que se encontravam à espera para pintar as unhas e falava com elas sobre as aprendizagens de manicure que a mãe da L. nos transmitiu. Depois das crianças terem tido todas oportunidade de pintar as unhas incluindo os rapazes que pintaram as unhas apenas com verniz transparente.” (Reflexão de intervenção nº 7- nota de campo 1)



Imagem 37 - A mãe da L. O. apresenta os produtos com que arranja as unhas



Imagem 36 - A mãe da L. O. arranja as unhas à Ir.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 38 - A mãe da L. O. e a educadora arranjam as unhas às crianças

Na parte da tarde depois do lanche quando as crianças se encontravam sentadas no tapete fui buscar: uma caixa que tinha levado; um alguidar; uma mangueira e um chuveiro que o Gui. tinha levado. Depois solicitei à La. que encaixasse o chuveiro na mangueira e ao J. M. que encaixasse o alguidar na calha. Seguidamente, aproveitámos a folha de registo dos vários tipos de cabelo e escrevemos como título *A visita da mãe da L. O.* onde as crianças disseram:

A mãe da L. veio-nos ensinar a pintar as unhas (L. O.)

Temos de por creme nas mãos para ficarem bem cheirosas e macias (L. S.)

A mãe da L. veio dizer que era preciso limar as unhas com uma lima (Marg.)

A mãe da L. meteu óleo por cima do verniz para segurar o verniz (A. F.)

O piquinho para tirar o verniz à volta da unha chama-se pau de laranjeira

(A. F.)

Os produtos eram da mãe (L. O.)

A mãe da L. é esteticista (Todos)

Depois de termos feito o registo acerca da visita da mãe da L. O. registámos na cartolina do projeto o que já tínhamos feito para criarmos o nosso cabeleireiro em que as crianças disseram: *Pusemos o espelho (F. R.)*

Pintámos caixas de sapatos, colámos e encaixámos (J. P.)

Pintámos as caixas de sapatos com vermelho, verde, cor-de-laranja e roxo

(A. F., A. C. e Gui.)

Fomos ao cabeleireiro (A. C.)

Um penteador

A calha (M.)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

O borrifador (M.)

Um pincel para pintar o cabelo e uma taça de tinta (Sof.)

Um secador (F. R. e L. O.)

Um pincel para tirar os cabelos pequeninos do pescoço (A. F. e M.)

A avó da Marg. trouxe escovas (M.)

Uma escova para pentear o cabelo que faz caracóis (A. F.)

Uma touca para fazer madeixas (J. P. e M.)

Um quadro com os acessórios de cabeleireiro (S. e F. R.)

Um pente (Sof.)

Uma prateleira (L. O.)

Champôs (Ir.)

Um penteador (La.)

Depois fizemos uma coluna ao lado onde escrevi *Como e a quem vamos apresentar* onde as crianças disseram: *gostávamos de apresentar aos meninos da sala dos 5 anos*

Gostávamos de mostrar aos pais

Gostávamos de convidar a Noélia

Gostávamos de convidar os meninos da Celia e do berçário

Convidar a avó da Marg.

Fazemos uma sala de espera na área da leitura

Temos de por balões

Um chapéu em forma de triângulo

Confetis

Pente gigante

Salão vai chamar-se “chique”

No dia 12/05/2015 antes das 10h chamei duas crianças nomeadamente como foi o caso da A. C. e do San. para fazermos a pintura da calha. Quando me encontrava com estas crianças na sala de fora coloquei jornais no chão, solicitei-lhes que fossem buscar pincéis, vesti-lhes os aventais, coloquei tinta vermelha em dois frascos e coloquei a calha em cima dos jornais que tinha colocado no chão. Depois em cooperação com as crianças comecei a pintar a calha. Quando terminei de pintar a calha com as crianças solicitei-lhes que lavassem as mãos e coloquei a calha a secar na arrecadação. Depois dei início à realização dos chapéus de dobragem de papel de jornal para a inauguração da área do cabeleireiro “ (...) pelas 10h dei início à

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

realização de chapéus para a inauguração da área do cabeleireiro trabalhando em pequeno grupo com 2 ou três crianças, enquanto as restantes se encontravam a brincar nas áreas da sala. Para dar início à realização dos chapéus para a inauguração distribui uma folha de jornal por cada criança e comecei por explicar como se faziam os chapéus exemplificando eu mesma como deveriam fazer a dobragem. Como forma de facilitar a realização da dobragem acabei por fazê-la por passos, primeiro dobrei os cantos do jornal de forma a fazer um triângulo, depois dobrei uma das folhas para a frente e outra para trás, depois coloquei o papel que sobrava para dentro e solicitei às crianças que colassem esse mesmo papel para que não se descolasse. Depois das crianças terem feito a dobragem por observação da minha dobragem e de terem colado com cola as partes que sobravam, escrevi o nome de cada criança no respetivo chapéu e depois perguntei-lhes para que área queriam ir brincar e chamei mais 2 ou 3 crianças para virem fazer a dobragem do chapéu.”
(Reflexão de intervenção nº 7- nota de campo 4)



Imagem 39 - J. M. faz a dobragem do chapéu para a inauguração da área do cabeleireiro

No dia 13/05/2015 da parte da manhã pelas 10h pinte com as crianças os chapéus para a inauguração da área do cabeleireiro, “*Depois de se terem marcado as presenças disse às crianças para irem brincar para as áreas e nomeei 3 para irem comigo pintar os chapéus para a inauguração da área do cabeleireiro para a mesa da sala de fora. Quando me encontrava com as crianças que nomeei na sala de fora comecei por revestir a mesa com papel de jornal, depois coloquei tintas em vários frascos e pincéis em cada um. Depois vesti os aventais às crianças e disse-lhes que poderiam pintar os chapéus com uma cor à sua escolha. Neste momento procurei apoiar as crianças indicando-lhes os sítios dos chapéus que não tinham tinta. Quando estas crianças terminaram de pintar os chapéus solicitei-lhes que lavassem as mãos e*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

que fossem brincar para uma área à sua escolha que tivesse ainda disponível em termos de número de crianças na área e escolhi outras três crianças para virem pintar o chapéu para a inauguração da área do cabeleireiro.” (Reflexão de intervenção nº 7- nota de campo 4)



Imagem 40 - As crianças pintam os chapéus para a inauguração da área do cabeleireiro

Divulgação

As duas últimas fases do projeto, (a divulgação e avaliação), consistem na apresentação do projeto a um público, onde estão expostos todos os procedimentos desenvolvidos até serem atingidos os objetivos a alcançar inicialmente.

No dia 14/05/2015 da parte da manhã, quando as crianças se encontravam na sala de acolhimento com as crianças dos 5 / 6 anos aproveitei para lhes entregar os convites para a inauguração da área do cabeleireiro e no momento almoço nomeei duas crianças para irem comigo à sala dos 2 anos entregar o convite. Depois disse a outras duas para irem comigo à sala do berçário. Em relação aos convites para os pais e para a avó da Marg. íamos entregando quando os pais deixavam as crianças de manhã no colégio.

No dia 15/05/2015 da parte da manhã, as crianças da sala dos 5 /6 anos vieram à nossa sala brincar com as crianças da nossa sala na área do cabeleireiro, sendo uma forma de lhes darmos a conhecer o nosso trabalho. *“Da parte da manhã depois de se terem marcado as presenças, as crianças da sala dos 5 anos vieram à inauguração do salão de cabeleireiro com a ajuda da minha colega estagiária. Quando estas crianças chegaram, as crianças da minha sala ainda se encontravam sentadas no tapete para decidirmos para que área iriam brincar. Como estas crianças chegaram comecei por perguntar a estas para que área queriam ir brincar e só depois perguntei às da minha sala. Depois das crianças se encontrarem distribuídas pelas áreas procurei interagir mais com as que se encontravam na área do cabeleireiro, visto que era o dia de inaugurar o salão com a presença das crianças da sala dos 5 /6 anos. Quando me encontrava na área do cabeleireiro com as crianças houve uma grande interação entre as crianças das duas salas, pois quando o Miguel da sala dos 6 anos disse que ia lavar o cabelo a L. aderiu à brincadeira sentando-se numa cadeira encostando-se à calha. Pouco depois a L. da sala dos 6 anos representava que tirava os cabelos à L. da minha sala colocando o pincel no pescoço como quem está a sacudir cabelos. Entretanto todas as crianças utilizaram os materiais disponíveis no armário dos adereços que fizemos para o salão. Pouco depois entrei na brincadeira como observadora participante sentando-me na cadeira em frente à calha e disse-lhes: “Quero lavar o cabelo e fazer um penteado”, pouco depois uma das crianças foi buscar o livro dos penteados para eu escolher. No entanto, eu como forma de as fazer pensar e desenvolver a sua linguagem e de os ajudar a organizarem o discurso disse-*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

lhes: “A revista é boa ideia para eu escolher o penteado mas antes acho que me deviam colocar alguma coisa à volta do pescoço para eu não me molhar a lavar o cabelo. Seguidamente, uma das crianças colocou-me uma toalha à volta do pescoço, enquanto outra começou a representar que me lavava. Entretanto o Miguel da sala dos 6 anos perguntou-me que champô eu usava para o meu cabelo o que me levou a responder-lhe: “Pode ser champô para cabelo pintado”. Depois uma das crianças da minha sala esfregou-me o cabelo na toalha representando que me estava a secar, enquanto outra da sala dos 6 anos me colocou o penteador. Posteriormente, o Miguel foi buscar novamente a revista dizendo-me para eu escolher o penteado e como tal eu apontei para a revista para um dos penteados como forma de entrar na sua brincadeira. Depois uma das crianças começou por representar que me secava o cabelo com o secador, enquanto outra do outro lado me penteava com uma escova.”
(Reflexão nº 7- nota de campo 7)

No dia 18/05/2015 pelas 16h45, os pais das crianças vieram conhecer o nosso salão de cabeleireiro. No entanto, antes da sua chegada depois do lanche coloquei os chapéus nas cabeças das crianças e à medida que os pais iam chegando ia-lhes entregando uma fatia de bolo como forma de os receber. Depois dirigi os pais e as crianças para a área do cabeleireiro onde pude observar a forma como brincavam. “ (...) Quando a mãe da L. O., a mãe da Sof. e a mãe do Gui. se encontravam na área do cabeleireiro com os seus filhos observei que iam dando sugestões do que os filhos poderiam fazer, como por exemplo a mãe do Gui. sugeriu ao filho que lhe secasse o cabelo, a mãe da L. sugeriu-lhe que esta lhe pintasse as unhas, enquanto que a mãe da Sof. sugeriu que as crianças lhe fizessem um penteado. Primeiramente eram apenas os filhos que se encontravam a brincar com os pais depois foram entrando outras crianças na brincadeira.” (Reflexão nº 8- nota de campo 1)

No dia 20/05/2015 finalizei com as crianças um livro de penteados do cabeleireiro em que as crianças já tinham encadernado as imagens que levei sobre os vários tipos de cabelo. “Pelas 10h depois de se terem marcado as presenças e das crianças se encontrarem distribuídas pelas áreas da sala nomeei 3 crianças para irem comigo para a sala de fora finalizar o livro dos penteados. Deste modo, quando chamei estas crianças para virem ao meu encontro solicitei-lhes que fossem à arrecadação buscar o livro dos vários tipos de penteados em que faltava apenas colarem-se mais algumas imagens para se preencher o espaço livre existente na capa e na contra-capas. Quando as crianças trouxeram o livro colocaram-no em cima da

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

mesa, enquanto eu coloquei em cima da mesa 3 tesouras e 3 tubos de cola. Depois distribui revistas pelas 3 crianças que nomeei e solicitei-lhes que recortassem imagens de produtos de cosmética para depois colarem na capa e contra-capas do livro. Ao longo deste momento auxiliei as crianças que tiveram mais dificuldade a recortar. Depois destas crianças terem recortado as imagens dos produtos de cosmética sugeri-lhes que os colassem. Depois de terem colado as imagens disse-lhes para irem lavar as mãos e que poderiam ir brincar para uma área que estivesse disponível.” (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 2)



Imagem 41 - As crianças finalizam a realização do livro dos penteados

No dia 21/05/2015 como forma de atender à gestão de conflitos existentes na área do cabeleireiro devido ao número de crianças que se encontravam a brincar na mesma realizámos um mapa de gestão de crianças na área como existe nas outras áreas da sala. “*Pelas 10:00 depois de se marcarem as presenças dei início à realização de um mapa para a área do cabeleireiro como forma de facilitar a gestão do número de crianças na área. Depois de ter dito às crianças que iriam brincar para as áreas da sala e destas terem dito para que área queriam ir brincar, nomeei três crianças ao acaso para irem comigo para a mesa da sala de fora fazer o mapa para a área do cabeleireiro. Quando me encontrava com as três crianças que nomeei na sala de fora comecei por lhes dizer que teríamos de primeiro dobrar uma cartolina ao meio e cortá-la para que o retângulo do mapa desta área ficasse igual aos outros das outras áreas, tendo eu dobrado a cartolina ao meio e recortado-a. Depois retirei de dentro de uma mica o título “Área do cabeleireiro” e retirei ainda de outra mica imagens de utensílios utilizados num cabeleireiro. Seguidamente, distribui tesouras por cada criança e sugeri que recortassem as imagens à volta de uma linha cor-de-laranja que eu tinha demarcado a caneta de feltro para que fosse mais fácil recortarem. Ao longo*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

deste momento procurei auxiliar as crianças a recortarem. Depois destas crianças terem recortado as imagens e as letras disse-lhes que poderiam ir brincar para uma área da sala que tivesse disponível e chamei mais três crianças para virem ao meu encontro na mesa da sala de fora. Quando estas crianças se encontravam comigo na sala de fora sugeri-lhes que recortassem os retângulos que eu tinha desenhado em cartolina e depois sugeri-lhes que colassem com cola em cima da cartolina o título da área, os retângulos que tinham recortado e as imagens que os colegas tinham recortado. Ao longo deste momento procurei auxiliar as crianças a indicar-lhes o sítio onde deveriam colar as imagens e os retângulos para que o espaço na cartolina fosse o mais aproveitado possível. Depois das crianças terem colado as imagens e o título da área, plastifiquei o mapa com papel autocolante e depois sugeri às crianças para afixarem quadrados de velcro em cima dos retângulos de cartolina. Depois do mapa se encontrar terminado sugeri às crianças que viessem comigo até à área do cabeleireiro para afixarmos o mapa na parede. Depois de termos afixado o mapa anunciámos às outras crianças que tínhamos afixado o mapa e as crianças ajudaram-me a arrumar os materiais que foram necessários para a realização do mesmo.”
(Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 3)



Imagem 43 - Gui. recorta imagens de utensílios de cabeleireiro para colar no mapa da área do cabeleireiro



Imagem 42 - Lar cola imagens para o mapa



Imagem 44 - Mapa da área do cabeleireiro com os cartões dos nomes das crianças



Imagem 45 - As crianças afixam o mapa para a área do cabeleireiro

No dia 22/05/2015 sugeri às crianças que poderíamos recortar imagens para se colarem nas gavetas do armário dos adereços de cabeleireiro para saberem onde devem guardar as coisas. *“Pelas 10h depois de se marcarem as presenças disse às crianças: “Vocês lembram-se de termos falado que devíamos ter imagens nas gavetas do armário do cabeleireiro para ser mais fácil sabermos onde arrumar as coisas?”*, tendo as crianças respondido que sim, a que eu seguidamente disse: *“Então agora a Joana vai dizer a três de vocês para virem recortar umas imagens que a Joana trouxe para depois colarem nas gavetas para identificarmos o que devemos arrumar em qual gaveta. Depois de ter nomeado ao acaso as três crianças que viriam comigo recortar as imagens perguntei às restantes para que áreas queriam ir brincar. Seguidamente, dirigi-me com as três crianças que nomeei para a sala de fora e solicitei a uma delas que me ajudasse a trazer o armário dos adereços para cima da mesa. Depois distribui pelas crianças imagens para recortarem. Depois das crianças terem recortado as imagens solicitei-lhes que as colassem nas respectivas gavetas. Depois de terem colado as imagens nas gavetas sugeri-lhes que fossem lavar as mãos e que na parte da tarde mostrassem aos colegas como tinham ficado as gavetas. Depois das crianças terem lavado as mãos disse-lhes para irem brincar para uma área da sala que se encontre disponível.”* (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 4)

O Papel da Expressão Dramática no Brincar



Imagem 46 - A Sof. cola imagens de materiais de cabeleireiro para se organizarem as gavetas

Seguidamente, como as crianças se encontravam a explorar massa de cor com as mãos aproveitei a sugestão da educadora em fazer o nome do salão em massa de cor, mas primeiro escrevi numa folha de papel as palavras “Salão Chique” e as crianças modelaram as letras que eu escrevi.



Imagem 47 - As crianças modelam massa de cor para fazer as letras para o nome do cabeleireiro

No dia 25/05/2015 realizei com as crianças o desenho de uma escova de cabelo em cartolina que as crianças tiveram de recortar, depois pintar e depois tiveram de colar as letras que fizeram em massa de cor para o nome do salão de cabeleireiro. *“Pelas 10h enquanto a educadora se encontrava a realizar uma pintura alentejana em papel cenário na sala de cima, eu encontrava-me com cerca de 3 crianças na sala a desenhar uma escova de cabelo numa cartolina. Depois de desenhar esta escova na cartolina solicitei a estas 3 crianças que pintassem as cerdas da escova com lápis de cera branco. Depois das crianças terem pintado as cerdas da escova com lápis de*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

cera branco solicitei-lhes que colassem as letras que modelaram em massa de cor na escova de cartolina com cola uhu de tubo. Ao longo deste momento apoiei as crianças a colarem as letras na cartolina para que estas não ficassem nem muito juntas nem muito separadas e fossem perceptíveis de se ler. Depois das letras estarem coladas na cartolina coloquei-as a secar em cima de uma mesa na arrecadação.” (Reflexão de intervenção nº 9- nota de campo 1)



Imagem 48 - As crianças recortam o desenho de uma escova de cabelo para colarem as letras com o nome do salão

No dia 26/05/2015, as crianças da sala dos 2 anos vieram conhecer a nossa área do cabeleireiro. *“Por volta das 10h as crianças da sala dos 2 anos vieram conhecer a área do cabeleireiro da nossa sala. Quando as crianças da sala dos 2 anos chegaram à nossa sala as crianças da minha sala encontravam-se a brincar nas outras áreas da sala, tendo a educadora da sala dos 2 anos conduzindo-as até à área do cabeleireiro onde as crianças tiveram a possibilidade de explorar todos os materiais existentes. A maior parte das crianças brincou nas outras áreas da sala, pois apenas duas crianças aderiram à brincadeira do cabeleireiro”* (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 2)

No dia 27/05/2015, sugeri às crianças que podíamos fazer cartões para darmos aos clientes do cabeleireiro. *“Depois das crianças finalizarem a realização do nome do cabeleireiro com a colocação de cola branca nas letras de massa de cor disse às crianças: “Vocês lembram-se de terem falado que gostavam de ter cartões como os do cabeleireiro da Noélia em que os clientes colocam uma cruz quando vão ao salão?”, ao que as crianças responderam que sim. Desta forma, comecei por ir buscar uma cartolina, depois utilizei um cartão que a Noélia nos deu para fazer de*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

molde para desenhar o contorno de vários retângulos que seriam os futuros cartões do salão de cabeleireiro da sala. Depois de ter desenhado estes retângulos solicitei às crianças que os recortassem à volta do contorno que desenhei e como tal distribui tesouras pelas três crianças. Ao longo do momento do recorte procurei apoiar o S., visto que ainda tem dificuldade em recortar pelo contorno. Depois das crianças terem recortado os cartões fui buscar canetas de feltro e disse às crianças “Agora vou escrever o nome do nosso salão cá em cima no cartão e vou fazer os quadradinhos para depois os clientes irem fazendo uma cruz quando forem ao salão e terem direito a arranjar o cabelo sem pagar quando tiverem os quadrados todos cheios”. Deste modo, escrevi à frente das crianças as palavras “salão chique” ao mesmo tempo que ia lendo em voz alta o que estava a escrever. Depois desenhei os quadrados e disse às crianças que aqueles quadrados eram onde os clientes iam desenhar um x em como foram ao salão.” (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 4)

No dia 28/05/2015, as crianças da sala do berçário foram explorar os materiais da área do cabeleireiro. *“Por volta das 10h de forma a cooperar com a educadora do berçário fui buscar os bebés à sala do berçário. Quando cheguei à sala com os bebés, a educadora da sala do berçário sugeriu a todas as crianças da sala que se sentassem que iria apresentar os bebés dizendo o nome de cada um. Depois de apresentar os bebés, a educadora em cooperação comigo conduziu as crianças até à área do cabeleireiro. A educadora incentivou as crianças a brincarem no cabeleireiro sentando-as num banco em frente à calha para lavarem o cabelo, mostrou os vários frascos de champô existentes e incentivou-as a verem-se ao espelho. As crianças não se mostraram muito atraídas pelo espaço de cabeleireiro, sendo a sua atração a casa das bonecas, as bonecas e a realização de jogos em cima da mesa.” (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 5)* Na parte da tarde deste mesmo dia, realizei com as crianças um registo escrito acerca do que aprenderam com o projeto como forma de avaliar as suas aprendizagens. *“Na parte da tarde depois do lanche pelas 16h45, solicitei a três crianças que montassem o tapete na área da leitura. Depois do tapete se encontrar montado disse às restantes crianças para se irem sentar. Quando me encontrava no tapete com todas as crianças coloquei no chão uma folha de papel manteiga e perguntei-lhes: “Que materiais conheceram do cabeleireiro?”, à medida que as crianças iam dizendo eu ia escrevendo quem dizia o quê escrevendo o nome da criança que disse o registo à frente do mesmo. Depois perguntei às crianças: “O que é que aprenderam com a visita da avó da Marg.?” , depois perguntei-lhes: “Que cores*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

de cabelos existem? Que tipos de cabelo existem”. Seguidamente, perguntei-lhes: “Em relação à manicure que materiais existem? O que aprenderam com a mãe da L. O.?”. As crianças respondiam colocando primeiro o dedo no ar que eu aleatoriamente escolhi quem respondia às questões. (Reflexão de intervenção nº 8- nota de campo 6)

O trabalho de projeto não tem um tempo limite e poderá ser desenvolvido apenas com as crianças que revelem interesse em participar.

Reflexão final

O presente projeto permitiu-me perceber o quanto difícil é articular o trabalho de projeto - que implica neste caso: perceber qual o interesse das crianças, depois perceber se o projeto é exequível, quais os materiais que já temos, quais precisamos e como podemos arranjar, como poderemos fazer o quê, como vamos dividir tarefas e como vamos divulgar - com o trabalho que se desenvolve a nível das outras áreas de conteúdo. Este aspeto que anteriormente mencionei penso que foi um dos grandes erros que cometi, pois por estar tão preocupada em desenvolver o projeto para que se concretizasse até à data limite acabei por não planificar tantas atividades a nível de outros conteúdos e agora sei que não é isso que se pretende, pois um educador deve conseguir articular o trabalho de forma integrada. Penso que ao início tive dificuldade em pensar na forma como poderia desenvolver o projecto, mesmo conhecendo o interesse das crianças por representarem situações de cabeleireiro, pois apesar de conhecer este seu interesse não sabia como podia partir dele para o projeto. A nível de situações que poderiam ter corrido melhor penso que poderia ter introduzido outros desafios de forma a aprofundar o conhecimento sobre o tópico, como por exemplo: criação dos cartões de cliente, o mapa de gestão de crianças na área e a escova com o nome do salão antes da inauguração do cabeleireiro, pois fazia mais sentido. No entanto, com medo de não cumprir com o planificado, planificava momentos para uma manhã que agora percebo que se faziam em meia manhã e daria para ter planificado mais momentos, possibilitando a mais grupos de crianças fazer coisas diferentes e diversificar aprendizagens que pudessem ser mote para partilha.

Os aspetos positivos prendem-se com o facto de ter conseguido atender a um interesse das crianças, quando consegui envolver familiares no projeto ao convidar a avó da Marg. e a mãe da L. O. para irem à sala falar da sua profissão e mostrarem os

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

seus materiais. Outro aspeto positivo prende-se com a relação e conhecimento do contexto local, já que através de uma visita a um cabeleireiro “a sério” as crianças conseguiram perceber o que lhes faltava no seu salão, ao mesmo tempo que proporcionei o contacto das crianças com a comunidade. Outro aspeto positivo deve-se ao facto de além de ter atendido ao interesse das crianças em criarem a área do cabeleireiro com os materiais que a mãe da L., a avó da Marg. e as crianças trouxeram, também ter conseguido transmitir conhecimentos às crianças quando lhes expliquei porque tínhamos de ir ao cabeleireiro, que existiam várias cores e vários tipos de cabelo, quando a mãe da L. explicou como se arranjavam as unhas e quando a avó da Marg. explicou como se utilizavam os diferentes materiais de cabeleireiro, sendo também este conhecimento relativo à Área do Conhecimento do Mundo. Em meu ver como futura educadora se não tivesse transmitido conhecimento às crianças e apenas me cingisse em criar a área do cabeleireiro para elas brincarem este projeto seria fútil e fazia com que as crianças não tivessem em mente uma situação para poderem imaginar, pois apenas alimentava o bicho que as crianças tinham por brincarem com materiais de cabeleireiro, daí a importância da imaginação ser contextualizada, pois depois de lhes ter transmitido conhecimento foi mais fácil para elas imaginarem situações. Porém, não sei até de que forma este meu ponto de vista está correto, pois as crianças podiam não ter interesse em saber nada acerca dos cabelos e quererem apenas brincar.

Nas diferentes fases do trabalho do Projeto “O Cabeleireiro”, senti que as crianças adquiriram novas aprendizagens, tiveram acesso à articulação de conteúdos de várias áreas como já fora mencionado e sobretudo ficaram felizes, o que de certa forma demonstra que este projeto foi fruto do seu interesse.

4. A Expressão Dramática no brincar

A Expressão Dramática no âmbito da atividade lúdica espontânea esteve quase sempre presente em momentos do meu estágio em ambas as valências, os quais já foram anteriormente referidos, mas sem grande pormenor. Neste ponto estes momentos serão descritos com um maior rigor.

Tive sempre a preocupação que a planificação ou partisse da minha ou da iniciativa das crianças no caso de Jardim de Infância.

A minha ação educativa fundamentou-se em proporcionar momentos no âmbito da atividade lúdica espontânea por intermédio da Expressão Dramática, contribuindo assim para a evolução das suas brincadeiras e enriquecimento das mesmas através das interações que mantive com as crianças e com os materiais que introduzi.

Posteriormente, serão mencionados os momentos que se encontram ligados à expressão dramática através da atividade lúdica espontânea em ambas as valências.

Segundo Gauthier (2000): “O jogo dramático é utilizado como instrumento ao serviço das diferentes matérias curriculares. Aprende-se pelo jogo e pela prática.” (Gauthier, 2000, p.34), podendo as crianças utilizar o jogo dramático tanto numa sessão de físico-motora, como numa sessão de expressão plástica, como num contexto de brincadeira livre.

Em relação à sala de creche, os momentos que desenvolvi que se encontram ligados à expressão dramática através da atividade lúdica espontânea estão presentes: nas interações e brincadeiras que mantive com as crianças no momento de brincadeira exploratória quando entrava na sua brincadeira colocando-me no chão perto de si e brincando com os brinquedos com que se encontravam a brincar. Neste sentido, as reflexões nº11 do dia 02/12/2014, exemplificam-no: “*Em relação ao momento de interação com as crianças, procurei colocar-me ao seu nível físico sentando-me no chão brincando com os brinquedos que estas se encontravam a brincar. Neste momento tive também oportunidade de observar o Sal. (13 m) e a Mar. E. (18 m) a colocarem objetos dentro de outros e a encaixarem copos de plástico uns nos outros, aprendendo assim a orientarem os objetos no espaço*”. Esta estratégia permitiu-me perceber como brincavam, e deste modo percebi que as crianças encaixam objetos dentro de outros, levavam objetos à boca e batiam com objetos noutros para ouvirem o seu som, exemplificado na reflexão nº8 do dia 11/11/2014, “*Em relação ao Sal., tive*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

oportunidade de interagir com o mesmo no tapete explorando caixas e batendo com objetos nas caixas, de modo a que este ouvisse o seu som”.

As crianças já efetuavam algumas situações de jogo de imitação, por exemplo quando representavam situações do quotidiano de observação de experiências próximas, por exemplo dando de comer a si próprias e às bonecas, quando mexiam uma colher dentro de uma chávena, quando representavam que mudavam a fralda aos bonecos e que lhe colocavam a chupeta, quando deitavam os bonecos, conforme constatei na reflexão nº 1 do dia 9/02/2015 a 13/02/2015, *“Em relação às crianças mais velhas, como é o caso da In. (16 m), da Mar. (15 m) e da H. (14 m) notei que estas já conseguem fazer jogo de imitação com mais pormenor que no semestre passado, pois seguram no boneco e imitam que lhe colocam a chupeta ao boneco, pegam num prato e fazem de conta que lhe dão de comida ou até mesmo fazem de conta que lhe mudam a fralda. “(...) Também constatei a situação de, através do uso de um lençol, representarem que limpavam o pó no caso das crianças mais velhas, e quando representavam que limpavam a cara aos bonecos, exemplificado pelas reflexões nº 2 do dia 16/02/2015 a 19/02/2015 “(...) Pouco depois tive oportunidade de observar a Mar. E. (21 m) em brincadeira com o seu irmão S. (21 m) imitando que limpavam uma mesa com dois panos da cama das bonecas”, e pela reflexão nº 11 do dia 02/12/2014, “Posteriormente, observei novamente a Mar. (13 m) a fazer jogo de imitação fazendo que limpava a cara a um boneco, deste modo entrei na sua brincadeira dizendo-lhe: “Olha acho que o bebé está com sono, podíamos deitá-lo” e fui buscar o berço. Seguidamente a Mar. (13 m) deitou o boneco e continuou limpando-lhe a cara.”*

Conforme Hohman & Post (2011) referiram, “Imitar e brincar ao faz-de-conta- imita (...) gestos de outras pessoas; repete (...) ações de outra pessoa (...); utilizando um ou mais objetos para fazer as vezes de outra coisa”. (Hohman & Post, 2011, p. 42)



Imagem 49 - Mar. tapa o boneco na cama



Imagem 50 - H. coloca chupeta a um boneco

Ainda no que respeita a situações de faz-de-conta, brinquei com as crianças ao cu-cu através de um lençol fazendo de conta que desaparecia, conforme a reflexão nº 9 do dia 20/11/2014, *“De forma a interagir com o grupo de crianças, levei um lençol e brinquei ao cu-cu tapando e destapando a minha cara, pois sabia que era uma brincadeira que as crianças iriam gostar (muitas vezes escondem a cara para ver se as procuramos) e por apreciarem brincadeiras de repetição. Esta brincadeira também foi pensada com o intuito das crianças conseguirem descobrir a permanência do objeto, estimulando-as a prever que eu poderia aparecer por detrás do lençol”*.

As crianças tiveram também a possibilidade de explorarem uma caixa de cartão a qual era revestida de texturas, além de apreciarem as texturas procuraram resolver problemas espaciais ao exploraram o espaço da caixa colocando-se lá dentro abrindo e fechando uma das partes como se fosse uma porta, de acordo com a reflexão nº11 do dia 02/12/2014, *“Enquanto algumas crianças viraram a caixa, colocaram-na na vertical, abriram a tampa e colocaram-se lá dentro, outras fecharam a tampa como se fosse uma porta, recorrendo assim à imitação do que vêem de experiências com adultos próximos.”*



Imagem 51 - Mar. E. coloca-se dentro da caixa e Mar. fecha a tampa como se fosse uma porta

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Realizei também com as crianças explorações de frascos sensoriais que continham no seu interior materiais tais com, tampas de garrafas, bolas de esferovite e corante alimentar no sentido de estimular os seus sentidos.



Imagem 52 - Crianças exploram frascos sensoriais

Explorei também com as crianças fantoches de dedo, lenços, e contei a história “A que sabe a lua” mediante a construção de um cenário em feltro com animais plastificados, os quais as crianças exploraram. Em relação ao conto da história com fantoches de dedo posso demonstrar a reflexão nº 12 do dia 09/12/2014 “*No momento de dramatização da história em que utilizei fantoches de dedo de animais, sentei as crianças no tapete e disse-lhes: “Agora vou contar-vos uma história”. À medida que a história era contada fazia aparecer os animais nos dedos das mãos consoante a ordem que apareciam na história e entoava vozes diferentes para diferentes personagens.*” Em relação ao conto da história “A que sabe a lua” evidencio a reflexão nº 6 do dia 16/03/2015 a 21/03/2015, “*Para finalizar, em relação à nota de campo 7 tenho a frisar que foi um momento bastante rico, na medida em que foi de encontro à temática dos animais abordada ultimamente indo ao mesmo tempo de encontro do interesse das crianças pelos mesmos. Julgo que a construção da história em pano de feltro foi uma mais-valia, pois permitiu dar um carácter lúdico à história e cativar a atenção das crianças através da apresentação das imagens reais dos animais da história (...)*”. Segundo Gauthier (2000): “*Às vezes, um simples adereço ou elemento do cenário serve para recriar o lugar necessário.*” (Gauthier, 2000, p. 57) e desta forma pude confirmar o que esta autora referiu.

A utilização dos adereços além de ter facilitado o conto da história devido ao facto de ter entoado diferentes vozes para diferentes personagens à medida que

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

contava a história dando vida às mesmas e de ter utilizado os animais de cartão, foi também uma forma de recriar o contexto da história e de enriquecer o espaço de dramatização e exploração, visto que depois do conto das histórias as crianças puderam explorar livremente os materiais.



Imagem 53 - Conto de histórias através de fantoches de dedo e de adereços. Exploração de lenços

Outra situação que apela também à expressão dramática através da brincadeira das crianças, aconteceu quando as crianças exploraram uma manga plástica de cor onde por cima livremente gatinhavam e faziam movimentos com os pés e com as mãos fazendo mover a tinta sob o plástico, consoante a reflexão nº10 do dia 25/11/2014 “*Em relação à Mar. (13 m), esta depois de ter explorado a manga de cor com as mãos brincou também com carrinhos em cima da mesma, pois em meu ver deve ter apreciado o rasto que estes deixavam na tinta por baixo do plástico ao serem movimentados.*” “*Em relação à H. (12 m), esta apesar de não revelado muito interesse em explorar a manga de cor teve a preocupação de a incentivar passando o carro em cima da mesma. De facto resultou, esta criança focou a atenção no rasto que o carro deixou marcado na tinta debaixo do plástico*”. Este momento fez com que as crianças expressassem os seus movimentos de forma livre e descobrissem novas formas de exploração através do movimento. Em complemento ao anteriormente referido, e segundo Gauthier citado por Chancerel (2000): “Convidam-se as crianças a criarem e a expressarem-se “livremente”, não apenas por intermédio do “teatro”, por exemplo, mas também por intermédio de múltiplas linguagens, tais como a expressão corporal (...)” (Gauthier,2000, p. 23)



Imagem 54 - Exploração de manga plástica

Através das experiências proporcionadas no âmbito da expressão dramática, as crianças tiveram a oportunidade de evoluir a nível das primeiras brincadeiras de faz-de-conta através da interacção com os pares e com os adultos e puderam também explorar diferentes materiais.

Durante a minha ação educativa na valência de Jardim de Infância, a brincadeira através da expressão dramática esteve presente em muitas situações, nomeadamente: através da interação que mantive com as crianças nas áreas da sala, designadamente na área da casa, conforme se constata na reflexão nº 7 do dia 13/11/2014, *“Para finalizar, gostaria de mencionar uma situação interessante que vivenciei com as crianças na área do faz-de-conta. Quando me juntei às crianças na área da casa disse-lhes. “Sou uma visita, o que é que me servem para o lanche?”, ao que as crianças me responderam: “Hoje fazes anos, vamos fazer bolo, mas bebe este chá”.* É interessante observar as crianças a representarem papéis que possivelmente observam de experiências próximas.

De acordo com Hohmann & Weikart (2011): “Através da sua brincadeira põem em ação as imagens mentais que formaram dos acontecimentos habituais, tais como, (...) fazer anos.” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 493-494)

Notei que ao ter entrado na brincadeira de forma não intrusiva fez com que as crianças de repente me integrassem na sua brincadeira. Julgo que é importante que o educador ao entrar nas brincadeiras das crianças não pergunte ao que estão a brincar, mas que simplesmente comece a entrar na conversa, pois só assim consegue brincar com as crianças.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Outras situações de representação de expressão dramática foram vivenciadas na área da garagem, na área das trapalhadas, na área dos blocos e construções e posteriormente na área do cabeleireiro, em que as crianças encarnaram personagens e transformaram a realidade consoante os seus desejos.

O projeto de criar a área do cabeleireiro surgiu a partir de observação do interesse das crianças em brincarem com escovas e depois eu perguntei se elas gostavam de ter um cabeleireiro na sala e a partir daí elas começaram a dar ideias. No entanto, foi feito um planeamento em que eu escrevia o que elas diziam, tendo como linhas orientadoras as frases: o que já temos para poder construir, o que é preciso para o construirmos, como podemos construir, quem traz o quê/ quem faz o quê e a quem vamos apresentar.

A nível dos materiais de cabeleireiro contámos com a ajuda da avó de uma criança que nos ofereceu os objetos quando nos demonstrou como se usavam, contámos com a ajuda de uma cabeleireira que tem um salão na rua do colégio o qual fomos visitar para as crianças conhecerem o espaço físico de um salão observando os materiais que este tinha, sendo uma forma destas perceberem o que era necessário e ao mesmo tempo foi uma forma de as incentivar a brincar aos cabeleireiros e de criarem a área na sala. Contámos também com a ajuda da mãe de uma criança que era manicure para demonstrar às crianças como se arranjavam as unhas a qual também nos disponibilizou materiais de manicure. Desta forma, envolvemos a comunidade e a família a participarem no projeto ao mesmo tempo que foi transmitido conhecimento às crianças e que se enriqueceu uma área com materiais. Depois da área estar criada, as crianças brincaram na mesma encarnando papéis de cliente e cabeleireiro.

Um dos aspetos que considero importante é observar primeiro as brincadeiras das crianças e só depois quando elas estiverem envolvidas se deve intervir como consta na reflexão nº 7 do dia 11 de Maio a 15 de Maio, *“Em relação à nota de campo 7, tenho a frisar que o facto de ter convidado as crianças da sala dos 5 / 6 anos foi uma forma de oficializar a inauguração da área do cabeleireiro, assim como foi uma forma de crianças de idades diferentes brincarem numa área criada pelas crianças com o auxílio de um adulto. Em relação à minha postura neste momento penso que se revelou adequada, pois primeiro limitei-me a observar a brincadeira das crianças e só depois quando vi que as crianças estavam muito envolvidas me integrei na brincadeira como forma de a complexificar quando lhes fui dando sugestões do que me poderiam colocar”*. Para este caso particular, e conforme Hohmann & Weikart

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

(2011): “Depois de ter observado e ouvido a brincadeira de faz-de-conta das crianças, e compreendido tanto quanto possível o seu conteúdo e linhas gerais, poderá juntar-se-lhes seja porque as crianças o/a convidam, ou porque supões que poderá apoiar, e até enriquecer, a brincadeira de uma forma respeitadora (...)” (Hohmann & Weikart, 2011, 497- 498)

Continuando a reflexão nº 7: *“Como pude observar a interação entre crianças de diferentes idades notei que uma criança de 5 / 6 anos já conseguem saber de senso comum que existem champôs para vários tipos de cabelo como foi o caso do Miguel, enquanto que uma criança de 3 / 4 anos apesar de lhes ter sido transmitido esse conhecimento ainda não o assimilou por completo. Talvez em relação a estas crianças mais novas como futura educadora deva incitar um diálogo falando várias vezes em diferentes tipos de champô para que as crianças assimilem, pois não basta falar uma vez num assunto para ele ser assimilado é necessário alguma repetição e cabe ao educador fazê-lo em meu ver. Outro aspeto que notei entre as crianças de diferentes idades é que a brincadeira pelos 3 / 4 anos não tem uma sequência tão lógica que uma brincadeira de uma criança com 5 / 6 anos, pois quando me encontrava apenas a observar notei as crianças 3 / 4 anos lavavam o cabelo, depois secavam e depois punham a tinta, enquanto as crianças mais velhas já tinham a preocupação de lavar o cabelo, por a tinta e depois secar. (...)”*



Imagem 55 - Representação de papéis de cabeleireiro e cliente na área do cabeleireiro

A expressão dramática também esteve presente nos momentos de expressão plástica quando as crianças modelavam massa de cor e brincavam dizendo que faziam bolos, conforme o que pude observar no dia 09/10/2014, *“No momento de exploração da massa de cor tive oportunidade de observar as crianças. Perguntei-lhes o que*

estavam a fazer aos que estas me responderam: “estou a fazer um bolo”, “estou a fazer um colar”, “estou a fazer uma cobra”. (Reflexão nº 3 do dia 09/10/2014).

As crianças ao entenderem que têm poder de transformar os objetos através da sua imaginação fazem-no em função das suas vontades. Para Garvey (1979) citando Piaget, “ (...) durante o jogo simbólico a criança adquire a capacidade de codificar a sua experiência em símbolos; as imagens dos factos podem ser recordadas. A criança começa a brincar com os símbolos e suas combinações, fazendo de conta, por exemplo, que enche um ninho com ovos, ao amontoar berlindes num chapéu de boneca (...).” (Garvey, 1979, p. 17)

A expressão dramática esteve também presente quando contei uma história por intermédio de objetos animados, conforme consta na reflexão nº 6 do dia 06/11/2014, *“Depois do jogo “O chefe manda” terminar, dei início ao momento do conto colocando no chão à minha frente os animais da história no sofá. Seguidamente mostrei a capa do livro às crianças e comecei a contar a história virando as páginas para elas, de modo a que as imagens e o texto fossem visíveis por todas. Ao mesmo tempo que contava a história ia entoando uma voz diferente para diferentes personagens, fazia expressões faciais e ia retirando os animais do sofá à medida que na história desapareciam, sendo uma forma de tornar a história mais cativante para as crianças.” De facto resultou, pois as crianças mostraram-se envolvidas no momento focando a atenção no livro e ao mesmo tempo nas personagens que iam saindo do sofá, que eu atirava ao ar para trás de mim, sendo motivo para gargalhada geral do grupo.”*

A expressão dramática esteve também presente num momento de expressão motora quando as crianças exploraram um balão movimentando-o pelas várias partes do corpo, como forma de explorarem o corpo por intermédio de um objeto enquanto estimulei a sua imaginação sugerindo-lhes para imaginarem que eram lagartas colocando o balão encostado às costas do colega da frente caminhando em fila e imaginando que o balão eram um volante, sendo uma forma de estimular a sua imaginação, a socialização e de as fazer evoluir a nível do jogo simbólico, conforme na reflexão nº 9 do dia 24/11/2014, *“Sugeri-lhes (...) que fizessem de lagarta indo atrás uns dos outros em fila com o balão equilibrado entre a barriga e as costas do colega da frente. Sugeri-lhes ainda que imaginassem que o balão era um volante, visto que a música que estava a tocar era sobre um autocarro, explorando assim com as crianças várias potencialidades de um balão.”*

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Como se pode constatar pelos exemplos de situações anteriormente referidas, pude confirmar que a temática “O papel da expressão dramática no brincar” foi importante para o desenvolvimento das crianças das salas das duas valências no respeito à evolução do jogo, no entanto penso que este desenvolvimento se deve ao facto de eu ter sempre apoiado as crianças nas brincadeiras ao me integrado nas mesmas e ao ter estado atenta às suas necessidades tal como aconteceu com o cabeleireiro.

De acordo com a entrevista à educadora de infância, na questão “Considera que o papel da expressão dramática está ligado com o brincar? De que forma?”, esta respondeu que:

Sim considero que o brincar como actividade lúdica espontânea é o iniciar da expressão dramática. A criança ao assumir o papel de outro está a dramatizar uma história ou uma vivência experimentada.

(P.L., 2015)

Esta ideia vem reforçar que atividade lúdica espontânea e expressão dramática estão ligadas na medida em que as crianças ao representarem papéis em momentos de brincadeira já estão por si só a dramatizar.

5. Considerações finais

Juntando todos os factores contribuintes para o desenvolvimento deste trabalho consegui chegar ao seu termo. A motivação inicial, a instituição, os seus participantes, os grupos, a dimensão investigativa, o projeto desenvolvido, o trabalho reflexivo, entre inúmeros outros, permitiram um culminar. Tendo alguns receios iniciais e algumas dificuldades pelo caminho, considero ter atingido os objetivos por mim propostos inicialmente. Pelo caminho cultivei-me enquanto aluna em formação e enquanto futura educadora

Levar a cabo uma temática como esta foi para mim muito gratificante, na medida em que sempre gostei de assuntos que se relacionassem com a psicologia, e neste caso posso dizer que a base da compreensão da atividade lúdica espontânea por intermédio da expressão dramática se baseia na forma como as crianças concebem interiormente as suas personagens, o espaço e os materiais, baseando-me em teorias de psicólogos e metodólogos.

No tempo decorrido durante o estágio tive momentos ricos em aprendizagem e conhecimentos obtidos através da interligação da teoria com a prática o que me enriquece enquanto futura educadora. No entanto, este caminho nem sempre foi fácil, visto que a adaptação aos grupos ao início foi difícil, e mais difícil ainda foi conseguir adequar a minha práticas às suas necessidades partindo de situações emergentes e ainda conseguir articular conhecimentos de vários domínios. Porém, e com o passar do tempo consegui no estágio contornar estes medos com o apoio das educadoras, das colegas de estágio com quem trocávamos experiências, na frequente interação com os grupos de crianças e nas observações dos interesses e necessidades dos mesmos. Comecei também a conseguir identificar com mais facilidade as suas necessidades e interesses o que é favorável para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

As propostas emergentes que referi partiram da observação e interação com as crianças, sendo fulcrais para que a planificação tenha sentido e se possa posteriormente avaliar se as propostas emergentes surtiram efeitos positivos e em que medida.

O meu trabalho diário reflexivo foi um componente essencial, pois permitiu-me perceber mais detalhadamente como os momentos tinham decorrido, o que poderia ter corrido melhor e de que forma o poderia ter feito, o que de certa forma ajudava a antever as próximas condutas na tentativa de melhorar a ação educativa.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

As dificuldades na valência de Creche prenderam-se ao facto de no início não saber como aplicar esta temática com crianças desta faixa etária, pois pensava que era difícil de encontrar presente a expressão dramática através do brincar. No entanto, com o apoio da orientadora, percebi que esta temática está sempre presente, pois as crianças não brincam só através da dramatização, brincam inicialmente a nível exploratório e perto dos 15 meses começam a fazer os primeiros jogos de imitação.

As dificuldades na valência de Jardim de Infância prenderam-se ao desenvolvimento do projeto em contexto de sala, pois sempre apesar de ser atenta aos interesses das crianças, foi difícil discernir quais seriam os seus maiores interesses e levar as crianças quererem desenvolver um projeto com base nalgum interesse. Contudo, tudo foi uma questão de tempo, visto que o interesse na área da casa ia quase sempre desabrochar nos penteados, logo parti desses momentos e as crianças mostraram interesse em levar avante o projeto. Outra situação não menos fácil foi conseguir articular o trabalho de projecto, que não podia ocupar dias inteiros, com a articulação de conteúdos de outros domínios. Esta foi talvez uma das grandes aprendizagens em que percebi o quanto difícil é um educador conseguir desenvolver um projeto do interesse das crianças sem esquecer que existem outros momentos a proporcionar noutros domínios que levem a criança a ter ao alcance um leque de aprendizagens diversificadas.

Considero muito positivo ter conseguido contactar com grupos com idades diferentes das que contactei durante a licenciatura, o que abona a meu favor na medida em que consigo ter uma perspetiva, ainda que linear, de como se deve interagir em cada idade e quais as necessidades que lhes estão inerentes.

Os objetivos que me propus a atingir inicialmente no âmbito da dimensão investigativa posso dizer que foram cumpridos. Pude aplicar em Creche as potencialidades de explorar o brinquedo, observando e percebendo como estas crianças brincam e exploram os objetos. Tive a oportunidade de elaborar notas de campo e refletir sobre elas, melhorando a minha ação futura. Promovi as potencialidades das áreas existentes, através de percepção do que as estimula, pois criei materiais com as crianças da valência de Jardim de Infância, como foi o caso da área do cabeleireiro, sendo este um caso em que parti de uma situação emergente onde estas puderam criar algo que as cativava e onde puderam representar situações de cliente e cabeleireiro. Na valência de creche introduzi materiais como lenços, uma manga plástica de cor, lençóis e criei histórias com adereços. No que respeita ao

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

envolvimento das crianças nas áreas da sala, notei que o adulto é uma “peça” importante nos momentos de jogo.

O trabalho desenvolvido em torno da dimensão investigativa permitiu-me ser atenta, questionar a minha ação educativa (avaliando as minhas capacidades) e permitiu-me avaliar as aquisições de cada grupo ou criança, enriquecendo assim os meus saberes e trabalhando em prol do crescimento destas crianças.

Estes momentos que proporcionei em torno da expressão dramática, sinto que de alguma forma contribuíram para a expansão da imaginação através da atividade lúdica espontânea, sendo a partir dos mesmos que a criança conhece o mundo na medida em que através das suas invenções experimentam papéis e situações.

Durante a maioria das ocasiões da minha PES observei o referido por Pemberton Billing citado por Guimarães & Costa (1986): “A expressão dramática é um meio através do qual a criança pode, duma forma criativa, dar livre curso às ideias. (...) As crianças inventam para descobrir. E é nas suas improvisações dramáticas que elas experimentam a vida. (...)” (Guimarães & Costa, 1986, p. 18)

Ao longo do desenvolvimento do presente relatório, inicialmente senti-me um tanto perdida, não sabendo que rumo tomar, pois não sabia se haveria de começar por ver todos os livros que constavam na bibliografia se haveria apenas de ver alguns que me pareciam pelo título estar relacionados. No entanto, pouco depois pensei que o melhor mesmo seria ver todos e começar a eliminar os que não interessavam. Depois de ter todos os livros necessários comecei por seguir pontos do índice procurando que interessava em cada um e só a partir daí comecei a sentir que o trabalho estava a começar a dar os seus frutos.

Ao longo da minha prática tentei sempre encarar as dificuldades e o trabalho como algo natural que faz parte do meu processo enquanto aprendiz, o que em meu ver torna o trabalho mais leve e o ambiente com as crianças mais afetivo. A base desta minha postura vem da minha força interior de querer atingir objetivos, sem nunca esquecer as pedras do caminho com que me deparei até chegar a escrever o presente relatório, sendo este o grande resultado desta batalha, enquanto uma profissional.

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Referências Bibliográficas

Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, p. 21-30.

Aguilar, L. (1983). *Movimento e drama no ensino primário*. Faro: Teatro Laboratório de Faro

Barret, G., Landier, J.L. (1994). *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Edições Asa.

Bertram, T. Pascal, C. (2009). *Manual DQP- Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Ministério da Educação.

Cordazzo, S. V. (2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estud. pesqui. psicol.*, 7. Acedido em 10 de julho de 2015, disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a09.pdf>

Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação Acção*. Porto: Porto Editora. Acedido em 5 de agosto de 2015, disponível em https://www.moodle.uevora.pt/1415/pluginfile.php/30480/mod_resource/content/1/VisaoInvAccaoII%5B1%5D.pdf

Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5, p. 5-12. Acedido em 18 de julho de 2015, disponível em https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3523/3/assun_rev5-1%20Vygotsky%20Escola%20Moderna.pdf

Fulgencio, L. (2011). A constituição do simbolo e o processo analítico para Winnicott. *Simbolo e processo analítico*, 21, p. 393-401. Acedido em 16 de julho de 2015, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000300012

Garvey, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Moraes Editores

Gauthier, H. (2000). *Fazer teatro desde os cinco anos*. Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra/Livraria Minerva

Guimarães, M. A., Costa, I. (1986). *Eu Era a Mãe- Perspectivas Psicopedagógicas de Expressão Dramática no Jardim de Infância*. Lisboa: Ed. M.E.

Hohmann, M., Post, Jacalyn. (2011) *Educação de bebês em infantários*. (4ª Ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

O Papel da Expressão Dramática no Brincar

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leenhardt, Pierre (1974). *“A criança e a Expressão Dramática”*. Lisboa: Ed. Estampa.

Ministério da Educação (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Col. Educação Pré-Escolar, nº 1. DEP-GEDEPE. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Col. Educação Pré-Escolar, nº 3. DEP-GEDEPE. Lisboa. Editorial M. E. Acedido em 2 de Agosto de 2015, disponível em https://www.moodle.uevora.pt/1415/pluginfile.php/19579/mod_resource/content/1/qualidade_projecto.pdf

Modesto, M. C., & Rubio, J. A. (2014). A importância da ludicidade na construção do conhecimento. *Revista Eletrónica Saberes da Educação*, 5. Acedido em 5 de julho de 2015, disponível em www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Monica.pdf

Rodari, G. (1993). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho.

Rosa, J. (2015). Dossiê de Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Jardim de Infância I e II - Caderno de Formação.

Spodek, B. (2002). *Manual de Investigação em educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Queiroz, N. L., Maciel, D. A., & Branco, A. U. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar socio-cultural construtivista. (U. d. Brasília, Ed.) p. 169-179. Acedido em 2 de julho de 2015, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000200005&script=sci_arttext

Rolim, A. A., Guerra, S. S., & Tassigny, M. M. (2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades*, 23, p. 176-180. Acedido em 25 de junho de 2015, disponível em <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20vygotsky.pdf>

Vasconcelos, T. (2009). Trabalho por projetos na Educação de Infância. Ministério da Educação e Ciência.

Wajskop, G. (1995). O brincar na educação infantil. *Cadernos de pesquisa*, p. 62-69. Acedido em 17 de julho de 2015, disponível em <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>

Legislação e Dec- Lei Consultados:

- Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básicos e secundários, Dec-Lei nº 240/2001 de 30 de agosto;
- Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico, Dec-Lei nº. 241/2001 de 30 de agosto;

Projetos Consultados:

- Projeto Pedagógico da Instituição Coopberço (2013/2017) Évora;
- Penedo, L. (2014/2015). Projeto Curricular da sala verde. Instituição Coopberço;
- Grazina, C. (2014/2015). Projeto Curricular de berçário e sala de 1 ano. Instituição Coopberço.

Apêndice I

Fichas de Observação do Envolvimento da Criança (Manual DQP)

**PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberca
 OBSERVADOR Joana M. Isabel S. M. A. Rosa
 DATA 22 de Dezembro de 2014
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado) _____
 NOME DA CRIANÇA Vasco Canas SEXO M IDADE 8m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 8 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios				
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.		
HORA (T) 14h30 vaso brinca com copo			✓												
HORA															
HORA															

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberco
 OBSERVADOR..... Joana Miguel S. M.A. Rose
 DATA..... 22 de Dezembro de 2014
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA..... Hadassah oliveira SEXO..... F IDADE..... 12m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 8 N.º DE ADULTOS PRESENTES..... 3

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento		Áreas de conteúdo / Domínios						
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.	
HORA (M) 10h Hadassah vê livros	X							X						
HORA														
HORA														

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO ... Coopbersa
 OBSERVADOR ... João Miguel Santiago M. A. Rosa
 DATA ... 22 de Dezembro de 2014
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA ... Salvador Gerardo SEXO ... M IDADE ... 13m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES ... 8 N.º DE ADULTOS PRESENTES ... 3

(M) Manhã/ (T) Tarde	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA (M) 9h30			X					X					
Salvador brinca com fita e com copo													
HORA													
HORA													

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberco
 OBSERVADOR Joaquim Miguel S. H. A. Rosa
 DATA 5 de Janeiro de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado) _____
 NOME DA CRIANÇA Guilherme Sordinha SEXO M IDADE 4
 Nº. DE CRIANÇAS PRESENTES 20 Nº. DE ADULTOS PRESENTES 3

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios				
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.		
HORA (M)	X							X							
Guilherme brinca no barco e fingem que está a comer docas com as contas de enfiar															
HORA															
HORA															

**PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberço
 OBSERVADOR Joana Isabel S. M. A. Rosa
 DATA 5 de Janeiro de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado) _____
 NOME DA CRIANÇA Ana Filipa Luz SEXO F IDADE 3
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 20 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

(M) Manhã/ (T) Tarde Nível de Envolvimento Áreas de conteúdo / Domínios

Descrição de períodos de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA (M)													
Ana Filipa "finge" que faz sopa e que o Santiago é seu filho	X							X					
HORA													
HORA													
HORA													

**PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberro
 OBSERVADOR João Miguel S.H.A. Rosa
 DATA 5 de Janeiro de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado) _____
 NOME DA CRIANÇA João Maria Silva SEXO M IDADE 3
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 20 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

(M) Manhã/ (T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo / Domínios

Descrição de períodos de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA (M) <u>João Maria brinca com carros e arruma-os como se fosse a grasem</u>		X						X					
HORA													
HORA													

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberco.....
 OBSERVADOR Josna Ross.....
 DATA 2 de Março de 2015.....
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA Hadassch oliveira. SEXO F IDADE 15m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 12 N.º DE ADULTOS PRESENTES 34

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios				
	5	4	3	2	1	E.P.S	L.F.M	L.F.D	L.F.P	L.F.Mu	L.A.E	MAT	C.M		
HORA <u>17:05</u> <u>Hadassch</u> <u>brinca com</u> <u>boneco</u>	X							X							
HORA															
HORA															

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberço
 OBSERVADOR Jana Rosa
 DATA 10 de Março de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA VASIS CANAS SEXO M IDADE 11m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 11 N.º DE ADULTOS PRESENTES 4

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios				
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.		
HORA <u>10.15</u> <u>VASIS brinca com copos e com carro</u>			X					X							
HORA															
HORA															

**PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberso
 OBSERVADOR Joana Rosa
 DATA 18 de Março de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA Isaac Pereira SEXO M IDADE 11m
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 10 N.º DE ADULTOS PRESENTES 4

Descrição de períodos de 2 minutos cada	(M) Manhã/ (T) Tarde					Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios			
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.	
HORA <u>11:16</u> <u>Isaac expõe brinquedos tentando tirar objetos dentro do mesmo</u>		X						X						
HORA														
HORA														

**PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS
FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberso
 OBSERVADOR Joana Ross
 DATA 18 de Maio de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA Lara Galeiro SEXO F IDADE 3
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 19 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

(M) Manhã/ (T) Tarde	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo / Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA <u>11:42 (M)</u> <u>Lara representa o momento de refeição distribuiu a comida Pebs Pretos</u>		X						X					
HORA													
HORA													

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopbera
 OBSERVADOR Jane Rose
 DATA 9 de Abril de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado)
 NOME DA CRIANÇA Santiago Ribeiro SEXO M IDADE 3
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 20 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

(M) Manhã/ (T) Tarde Nível de Envolvimento Áreas de conteúdo / Domínios

Descrição de períodos de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA <u>11:22 (M)</u> <u>Santiago assume o papel de docente na brincadeira dos médicos e doentes</u>	X												
HORA													
HORA													

PROJECTO DESENVOLVENDO A QUALIDADE EM PARCERIAS FICHA DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

NOME DO ESTABELECIMENTO EDUCATIVO Coopberco
 OBSERVADOR Jacira Rosa
 DATA 18 de Maio de 2015
 ÁREA DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (se apropriado) _____
 NOME DA CRIANÇA João Maria Silva SEXO M IDADE 4
 N.º DE CRIANÇAS PRESENTES 20 N.º DE ADULTOS PRESENTES 3

(M) Manhã/ (T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo / Domínios

Descrição de períodos de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E. Mu.	L.A.E.	MAT.	C.M.
HORA <u>17:08 (T)</u> <u>João Maria monta pista na área da garagem e monta carros</u>	x							x					
HORA													
HORA													

Apêndice II

Entrevista à educadora de Jardim de Infância



Guião de entrevistas à Educadora

Começo por informar dos objetivos do meu relatório da tese “O papel da expressão dramática no brincar” e daquilo que pretendo atingir, sendo esta entrevista um componente essencial para a elaboração do mesmo. Esta entrevista será transcrita e a sua informação será tratada, e será mantida numa classificação confidencial, pelo que preciso de autorização para a sua recolha e tratamento. O objetivo é perceber qual a opinião da educadora no que refere ao tema em questão.

N	Perguntas	Objetivos
1	É promovida alguma relação/parceria/protocolo especificamente com os agentes artísticos e culturais da cidade de Évora?	Saber de relações tidas com agentes artísticos e culturais de Évora.
2	Considera importante um educador interagir e entrar nas brincadeiras das crianças nas áreas da sala? Porquê?	Saber que nível de apoio a educadora dá às crianças na interação e perceber se o educador prefere manter-se de fora como observador ou se considera importante ser parte ativa das brincadeiras das crianças, e as razões que o levam a afirmar.
3	Quando brinca com as crianças nas áreas da sala como entra nas suas brincadeiras?	Saber como faz o educador quando entra nas brincadeiras das crianças: se encarna logo as suas personagens como se já fizesse parte da brincadeira; ou se pergunta às crianças o que estão a fazer.
4	Segundo as suas observações diretas perante as brincadeiras das crianças, quais as áreas em que nota que as crianças brincam menos? O que a leva a crer que as crianças brincam menos nessa área?	Perceber se o educador sabe quais as áreas mais e menos requeridas pelas crianças e perceber porque é que acha que são mais ou menos requeridas.
5	Com quem brincam as crianças? (Sozinhas? Em grupo? Interação com os adultos da sala?)	Perceber se as educadoras têm a perceção se as crianças costumam brincar sozinhas ou a pares/grupos, e quais os tipos de interações que estas estabelecem
6	Considera que o envolvimento das crianças está relacionado com o enriquecimento das áreas? Ou é de opinião que uma área não precisa de estar enriquecida para ser requerida bastando haver interesse? Que tipo de preocupações tem em relação aos espaços e materiais?	Perceber se o educador é de opinião que o envolvimento das crianças numa área se deve ao facto de estar mais ou menos enriquecida ou se o enriquecimento das áreas em nada tem a ver com o facto das crianças brincarem mais ou menos nessa área, visto que as crianças são capazes de atribuir significados diferentes a um objeto. Compreender de que forma é que a educadora altera o espaço consoante as necessidades das



		crianças.
7	Tem por hábito planificar partindo das observações que faz das brincadeiras das crianças nas áreas segundo algo que a tenho chamado a atenção em particular? Como o fez?	Perceber se o educador tem por hábito planificar intencionalmente para as áreas. Se responder que sim, perceber como o fez.
8	Considera importante que as crianças brinquem? Porquê?	Compreender se as educadoras consideram importante que as crianças brinquem, e o porquê.
9	De que forma considera que o brincar tem impacto no desenvolvimento das crianças?	Perceber qual a importância que as educadoras atribuem ao brincar como promotor de aprendizagem
10	Quais as brincadeiras preferidas mais frequentes?	Compreender qual a brincadeira mais frequente pelas crianças, e compreender ainda se a educadora têm perceção de tal
11	Considera que os espaços oferecidos às crianças para o efeito é o adequado? Quais são esses espaços?	Perceber se as crianças usufruem de um espaço adequado para brincar, e se a educadora o considera adequado
12	Quais os papéis que vê que as crianças representam com mais frequência? Personagens da fantasia ou personagens da vida real, p.e. pai e mãe?	Perceber quais os papéis que mais ocorrem nessa sala, relacionando com as idades em causa nessa sala.
13	Considera que o papel da expressão dramática está ligado com o brincar? De que forma?	Perceber se a educadora considera que a atividade lúdica espontânea se relaciona com a expressão dramática



Por favor, responder às questões anteriores nos respetivos pontos abaixo:

1. Não

2. Sim, acho importante a educadora participar nas brincadeiras das crianças nas várias áreas que compõem o espaço da sala. Observando, escutando e interagindo com as ideias e complementando com ideias mais complexas e intencionais com fim de desenvolver e promover conhecimento. É nestes espaços ao interagir que me apercebo das necessidades e interesses diretos das crianças nesse momento e assim poder planificar tendo isso em conta.

3. Depende, umas vezes peço permissão para entrar na brincadeira; outras escuto e tento entrar na brincadeira enriquecendo-a com uma nova personagem ou utilizando o brinquedo com uma utilidade diferente da que as crianças utilizaram até aquele momento; outras vezes sou convidada a entrar na brincadeira.

4. Penso que na sala todas as áreas existentes são exploradas de forma mais ou menos igual. Umhas crianças gostam mais de umas, outras de outras. Tentando promover o interesse das que gostam menos por essas áreas. Penso que devido ao espaço a que desenvolvemos menos ou menos participativa seja a área das ciências.

5. As crianças brincam tanto sozinhas como em pequenos grupos. Normalmente encontram-se na área que escolheram e daí começam a brincar sozinhas mas depois a própria área leva a que interajam e brinquem em grupo enriquecendo a brincadeira. Muitas vezes procuram os adultos para participarem na sua brincadeira. Umhas vezes só verbalizando as suas acções ou intenções, outras levando comida, sumo ou cafezinho para que comam ou bebam.

6. Embora a criança tenha a capacidade de transformar o objecto naquilo que na sua imaginação precisa para atingir o seu fim. Tento enriquecer as áreas segundo as brincadeiras que desenvolvem e as necessidades apontadas por elas mesmas. Na minha opinião devemos enriquecer os espaços mas também deixar ou promover a exploração do objecto utilizando a criatividade e a fantasia.

7. Sim planifico segundo o que observo e escuto as crianças nas áreas, dando importância ao que elas propõem. Como por exemplo construir uma pista com as peças blocos para passearmos com os carros; construir um a selva com os animais selvagens que existem na sala; dar banho aos bebés; Lavar a loiça da cozinha da área



da casa; construir uma nova área que considerem necessária. A proposta pode ser minha mas na maioria das vezes vem directamente das crianças.

8. Sim, a brincadeira é essencial para qualquer criança. É na brincadeira que experimenta, que repete até ter mestria, que acomoda os novos conhecimentos adquiridos e teína as suas competências. Mas principalmente tem a possibilidade de fantasiar e criar dentro do seu mundo oque lhe é estranho e novo em segurança e com afeto.
9. No Jardim de infância não pode ser de outra maneira, a criança aprende brincando. Na sua brincadeira a criança apropria-se do objecto , explora o espaço e experimenta as qualidades do objecto e interioriza as suas capacidades motoras e treina as suas competências.
10. As brincadeiras que mais surgem é de cozinheiros; pai e mãe; condutor; médicos; vestirem-se com a roupa das trapalhadas para assumirem vários personagens (piratas, palhaços, bombeiros, cowboys...)
11. As áreas mais procuradas são a área da casa; a área das trapalhadas; a área da garagem; e a área das construções
12. Como já referi anteriormente, eles assumem papeis da vida real e da fantasia. Com a ajuda das trapalhadas eles vestem e adaptam conforme o papel que querem representar. Podem ser a mãe e o pai com os seus filhos a viverem uma experiência real; podem ser fadas , princesas, bruxas, bombeiros, médicos, mecânicos, pescadores, cabeleireiras, etc...)
13. Sim considero que o brincar como actividade lúdica espontânea é o iniciar da expressão dramática. A criança ao assumir o papel de outro está a dramatizar uma história ou uma vivência experimentada.

Apêndice III- Creche – Análise das Planificações da PES I

Ação	Comentário
<p>Na planificação nº 5 do dia 20/11/2014 “(...) No entanto, se existirem crianças que não têm sono, irei sentá-las no tapete de atividades e colocar-me ao seu nível físico deitando-me no chão perto delas. Irei explorar conjuntamente com elas os materiais que lhes despertem mais atenção, sempre numa tentativa de diálogo, e irei brincar ao cu-cu com um lençol que irei levar”.</p>	<p>Nesta planificação a expressão dramática encontra-se patente quando procuro brincar com as crianças com materiais que lhes despertam atenção colocando-me ao seu nível físico e mantendo o diálogo, sendo uma forma de entrar na sua brincadeira e de descobrir a forma como exploram os objetos, visto que nesta faixa etária o importante é observar como a criança explora o brinquedo e desenvolver potencialidade de como se pode explorar um brinquedo, sendo uma forma de ir encontro ao meu projeto. Ao brincar ao cu-cu com um lençol também me encontro a fazer de conta que me escondo através do mesmo e que volto a aparecer envolvendo as crianças na situação imaginária que desapareci. A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois não existe melhor forma de perceber como os bebés brincam que é colocarmo-nos ao seu nível físico observando-os e entrando nas suas brincadeiras brincando com os brinquedos com que se encontram a brincar. Em relação à brincadeira do cu-cu, penso que ao esconder-me atrás do lençol foi uma forma de as envolver no mundo imaginário que desapareci e voltei a aparecer, estimulando-as ao mesmo tempo a descobrirem a permanência do objeto.</p>
<p>Na planificação nº8 do dia 09/12/2014: “Neste momento irei procurar explorar conjuntamente com elas os materiais que lhes despertem mais atenção tentando perceber de que forma os exploram. Seguidamente, caso se encontrem crianças acordadas em número razoável irei dizer-lhes: “Agora vamos ouvir uma história com animais e vamos ver as imagens deles”.</p>	<p>À medida que vou contando a história e os animais vão aparecendo na mesma, vou fazendo aparecer nos dedos das mãos os vários animais. Depois da história terminar irei dizer às crianças: “Agora vamos ver os animais da história. Aqui temos o sapo, aqui temos o leão, etc.”, à medida que os vou mostrando. Posteriormente, irei afixar estas imagens na parede da sala de modo a que as crianças tenham contacto com imagens reais de animais e não apenas com bonecos (...). Nesta planificação a expressão dramática encontra-se presente quando utilizo objetos animados e conto a história por intermédio destes. Apesar de ter tido a preocupação de utilizar objetos animados para contar a história tive a preocupação de aliar os animais da história à apresentação de imagens de animais reais para não distanciar as crianças da realidade, sendo também uma forma de abordar implicitamente conhecimentos da área do conhecimento do mundo.</p>

Apêndice IV - Creche – Análise das Reflexões da PES I

Ação	Comentário
<p>Na reflexão nº2 do dia 30/09/2014: “(...) Pouco depois aproveitando a riqueza deste clima de interação resolvi brincar ao cu-cu no túnel com o intuito de proporcionar às crianças a capacidade de entrarem dentro de algo e de desenvolverem a motricidade grossa, uma vez que gatinham. Coloquei-me numa das extremidades do túnel à espera que a In. (11 m) e a Mar. (13 m) entrassem na brincadeira, visto que eram as crianças que naquele momento se encontravam no tapete. A In. (9 m) retribuiu-me o cu-cu espreitando do lado oposto onde eu me encontrava mas depois foi-se embora, ao passo que a Mar. (13 m) não retribuiu”.</p>	<p>Nesta reflexão encontra-se presente uma situação de brincadeira de faz-de-conta de aparece e esconde, quando ao mesmo tempo estimei as crianças a subirem para o túnel, e para o atravessarem brinquei ao cu-cu colocando a cabeça ora dentro ora fora do túnel. A nível de estratégias penso que se adequaram, pois ao mesmo tempo que tive a preocupação de exercitar as crianças a nível da expressão motora ao incentivá-las a subirem o túnel, também me preocupei em proporcionar um momento promotor do desenvolvimento da expressão dramática ao brincar ao cu-cu, tendo-se os dois domínios interligado. No entanto, o facto das crianças se terem dispersado leva-me a crer que não estavam muito envolvidas no momento.</p>
<p>Na reflexão nº 5 do dia 21/10/2014, “Em relação à caixa cuja tinha apenas a função de guardar os frascos sensoriais acabou por se transformar num túnel, pois no momento da intervenção pensei que seria interessante as crianças explorarem a caixa passando por dentro da mesma, uma vez que a maior parte já gatinha, ao mesmo tempo que seria uma forma de procurarem resolver problemas espaciais ao explorarem.” (...) “A Mar. (13 m) e a H. (12 m) aderiram a esta atividade, visto que assim que coloquei a caixa no chão passaram por dentro da mesma para o outro lado e brincaram comigo ao cu-cu”</p>	<p>Nesta reflexão encontra-se presente uma situação de exploração das potencialidades do objeto o que nos remete para a expressão dramática, pois as crianças viram necessidade de transformar a caixa que continha os frascos sensoriais num túnel por onde podiam passar, transformando assim um objeto noutra com funções diferentes, ao mesmo tempo que desenvolvem problemas espaciais. Mais uma vez se encontra presente uma brincadeira de cu-cu. A nível de estratégias penso que deveria ter planificado esta situação em que as crianças poderiam explorar a potencialidade da caixa e não ter servido apenas para guardar as garrafas, no entanto as crianças espontaneamente atribuíram-lhe a função de túnel.</p>
<p>Na reflexão nº8 do dia 11/11/2014, “Em relação ao Sal., tive oportunidade de interagir com o mesmo no tapete explorando caixas e batendo com objetos nas caixas, de modo a que este ouvisse o seu som”</p>	<p>A expressão dramática encontra-se aqui presente quando o Sal. transforma um objeto noutra objeto, isto é, transforma a caixa num tambor, aliando-se a expressão musical à expressão dramática. Relativamente à estratégia utilizada penso que se adequou, pois procurei interagir com esta criança quando me apercebi que esta se encontrava a explorar a</p>

	potencialidade de um objeto transformando a caixa num tambor.
Na reflexão nº 9 do dia 20/11/2014, “De forma a interagir com o grupo de crianças, levei um lençol e brinquei ao cu-cu tapando e destapando a minha cara, pois sabia que era uma brincadeira que as crianças iriam gostar (muitas vezes escondem a cara para ver se as procuramos) e por apreciarem brincadeiras de repetição. Esta brincadeira também foi pensada com o intuito das crianças conseguirem descobrir a permanência do objeto, estimulando-as a prever que eu poderia aparecer por detrás do lençol”	Nesta reflexão encontra-se presente uma situação de expressão dramática ao ter brincando ao cu-cu escondendo a cara, tal como noutras reflexões que já foram mencionadas. As estratégias utilizadas foram adequadas, pois destapava e tapava a cara como forma das crianças imaginarem que eu tinha desaparecido, estimulando-as ao mesmo tempo a descobrirem a permanência do objeto.
Na reflexão nº10 do dia 25/11/2014 “Em relação à Mar. (13 m), esta depois de ter explorado a manga de cor com as mãos brincou também com carrinhos em cima da mesma, pois em meu ver deve ter apreciado o rasto que estes deixavam na tinta por baixo do plástico ao serem movimentados.” “Em relação à H. (12 m), esta apesar de não revelado muito interesse em explorar a manga de cor tive a preocupação de a incentivar passando o carro em cima da mesma. De facto resultou, esta criança focou a atenção no rasto que o carro deixou marcado na tinta debaixo do plástico”.	Nesta situação encontra-se presente a exploração de uma potencialidade de como se pode explorar um objeto. A nível de estratégias penso que se adequam, pois incitei a exploração de um objeto com uma potencialidade diferente da que possui que foi o facto de ter passado o carro em cima da manga plástica de cor, a qual deixou rasto.
Reflexão nº11 do dia 02/12/2014, “Em relação ao momento de interação com as crianças, procurei colocar-me ao seu nível físico sentando-me no chão brincando com os brinquedos que estas se encontravam a brincar. Neste momento tive oportunidade de observar o Sal. (13 m) e a Mar. E. (18 m) a colocarem objetos dentro de outros e a encaixarem copos de plástico uns nos outros, aprendendo assim a orientarem os objetos no espaço”.	Nesta situação além de aprenderem a orientar objetos no espaço que nos remete para a orientação espacial do domínio da matemática, remete-nos ao mesmo tempo para uma situação de exploração das potencialidades de como se pode explorar um brinquedo. A nível de estratégias devia ter incentivado várias formas de explorar o brinquedo e não deixar apenas a brincadeira fluir
Reflexão nº11 do dia 02/12/2014, “Enquanto algumas crianças viraram a caixa, colocaram-na na vertical, abriram a tampa e colocaram-se lá dentro, outras fecharam a tampa como se fosse uma porta, recorrendo assim à imitação do que vêm de experiências com adultos próximos.”	Nesta situação encontra-se presente uma situação de faz-de-conta que talvez seja presenciada de experiências próximas. A nível de estratégias julgo que no momento da planificação me foquei de mais no facto das crianças apreciarem as texturas da caixa e não tanto numa possível exploração das potencialidades da caixa,

	talvez devesse ter investido nesse aspeto que ia mais de encontro ao tema da minha investigação.
Reflexão nº11 do dia 02/12/2014, “Neste momento tive oportunidade de observar dois momentos que considere extremamente relevantes, pois tal como há pouco, vão de encontro ao meu tema de investigação-ação. Primeiro observei a Mar. E. (18 m) mexendo uma colher dentro de um copo fazendo jogo de imitação e intervi dizendo-lhe: “Olha dá-me um leitinho?”, ao que esta respondeu com um grande sorriso. Neste momento tentei entrar na sua brincadeira como se fizesse parte da mesma numa tentativa de diálogo. Julgo que é importante o educador entrar nas brincadeiras das crianças assumindo o papel de participante, pois é uma forma de não destruir a brincadeira, de estimular a criança, de contribuir para níveis mais elevados de envolvimento e de fomentar o diálogo”.	Nesta situação encontra-se presente uma situação de jogo de imitação em que julgo que as estratégias que apliquei foram adequadas, pois assumi o papel de observadora e entrei na brincadeira da criança falando para ela a que esta me respondeu com um sorriso, sendo uma forma de estimular a criança a brincar
Reflexão nº11 do dia 02/12/2014, “Posteriormente, observei novamente a Mar. (13 m) a fazer jogo de imitação fazendo que limpava a cara a um boneco, deste modo entrei na sua brincadeira dizendo-lhe: “Olha acho que o bebé está com sono, podíamos deitá-lo” e fui buscar o berço. Seguidamente a Mar. (13 m) deitou o boneco e continuou limpando-lhe a cara. Este comportamento da Mar. (13 m) deixou-me a pensar que talvez se deva à repetição das suas próprias experiências de bebé. Mais uma vez consegui encontrar uma ponte para recolha de informação para o meu projeto de investigação”	Nesta situação também se encontra presente mais uma situação de dramatização que demonstra que esta criança está a representar uma situação que presencia de si própria ou de experiências próximas. Em relação às estratégias implementadas penso que foram as adequadas, pois ao observar esta brincadeira por parte desta criança aproximei-me da mesma interagindo com ela de forma a entrar na sua brincadeira e fui buscar o berço como forma de complexificar a brincadeira.
Na reflexão nº 12 do dia 09/12/2014 “No momento de dramatização da história em que utilizei fantoches de dedo de animais, sentei as crianças no tapete e disse-lhes: “Agora vou contar-vos uma história”. À medida que a história era contada fazia aparecer os animais nos dedos das mãos consoante a ordem que apareciam na história e entoava vozes diferentes para diferentes personagens. Ao início as	Nesta reflexão a expressão dramática encontra-se presente quando utilizo objetos animados e conto a história por intermédio destes. Apesar de ter tido a preocupação de utilizar objetos animados para contar a história recorrendo assim à expressão dramática, tive a preocupação de aliar os animais da história à apresentação de imagens de animais reais para não distanciar as crianças da

crianças focaram a atenção, mas por fim dispersaram-se talvez devido ao facto de não terem dormido de manhã. Depois de ter terminado de contar a história mostrei às crianças as imagens reais dos animais que apareceram nos fantoches e coleí-as no chão, sendo uma forma de lhes promover o contacto com a realidade.”	realidade, sendo uma forma de abordar implicitamente conhecimentos da área do conhecimento do mundo.
---	--

Apêndice V - Análise dos Vídeos em Creche da PES I

Ação	Comentário
No que respeita ao 1º vídeo este envolveu o Sal. de 13 m. Esta criança encontra-se a brincar com um prato e com um copo explorando assim as potencialidades de explorar os dois brinquedos. Ao longo do vídeo esta criança pega num prato e num copo segurando um em cada mão, depois tira e põe um triângulo de plástico dentro do copo, depois bate com o triângulo no prato ouvindo o seu som, depois volta a pegar novamente no prato e no copo tendo um em cada mão, depois junta o copo com o prato e depois bate com um no outro.	A criança ao longo do momento encontra-se ausente, pois olha muitas vezes para o ar, contudo consegue retomar a tarefa que se encontra a fazer daí ter partilhado da mesma opinião da educadora quando coloquei uma cruz no nível de envolvimento 3. Em relação à área de conteúdo, coloquei uma cruz na expressão dramática, visto que estamos a observar como a criança explora a potencialidade de utilização do brinquedo.
No que respeita ao 2º vídeo este envolveu a H. de 12 m. Esta criança encontra-se a explorar um livro manipulando as suas folhas com as mãos, o livro entretanto cai e esta apanha-o do chão o que revela persistência da sua parte colocando-o novamente em cima da mesa voltando a manipulá-lo com as mãos. Pouco depois olha para outro livro que se encontra em cima da mesa e manipula-o também. Este livro cai também ao chão e esta explora-o com ambas as mãos.	Ao longo do momento nada distrai esta criança, pois manipula os livros fixamente utilizando uma das mãos e quando um deles cai ao chão volta a apanhá-lo retomando o que se encontrava a fazer. A criança demonstra energia, sendo demonstrada pelo alargar da voz e persistência quando apanha o livro e retoma a tarefa. Todas estas características me levaram a colocar uma cruz no 5, partilhando a educadora da mesma opinião. Em relação à área de conteúdo coloquei expressão dramática, visto que este momento se relaciona com a forma como a criança explora as potencialidades de utilização do livro.
Em relação ao 3º vídeo este envolveu o V. de 8 m. Esta criança encontra-se a tentar alcançar um copo esticando o corpo. Depois de alcançar o copo explora-o levando-o à boca, depois agarra-o com as duas mãos e larga-o depois volta a agarrá-lo levando-o novamente à boca. Depois	Esta criança ao longo do momento encontra-se ocupada na atividade, mas não demonstra sinais de envolvimento real distraíndo-se algumas vezes do que está a fazer, daí tanto eu como a educadora termos colocado uma cruz no nível de envolvimento 3. Em relação à área de

volta a agarrá-lo mas sem grande interesse, pois dispersa-se olhando para algo. Seguidamente pega numa maraca que lhe alcancei levando-a à boca	conteúdo coloquei uma cruz na expressão motora, pois a criança estica-se para alcançar o objeto pretendido, coloquei expressão dramática, pois este momento relaciona-se com a forma como a criança explora as potencialidades de utilização do copo.
---	---

Apêndice VI- Jardim de Infância – Análise das Planificações da PES I

Ação	Comentário
Na planificação nº 8 do dia 11/12/2014, “Neste momento irei dizer às crianças que poderão ir brincar para as áreas que escolheram. Seguidamente, irei procurar interagir com elas nas diversas áreas numa tentativa de diálogo, entrando nas suas brincadeiras como participante e aceitando as suas regras. No decorrer deste momento irei realizar filmagens para perceber de que forma as crianças brincam (...)”. Nesta planificação a expressão dramática encontra-se presente quando pretendo interagir com as crianças nas áreas numa tentativa de diálogo, sendo uma forma de entrar na sua brincadeira e de descobrir a forma como brincam.	No que respeita às estratégias utilizadas poderia ter investido em enriquecer o espaço a nível de materiais.

Apêndice VII- Jardim de Infância – Análise das Reflexões da PES I

Na reflexão nº 3 do dia 09/10/2014, “No momento de exploração da massa de cor tive oportunidade de observar as crianças. Perguntei-lhes o que estavam a fazer aos que estas me responderam: “estou a fazer um bolo”, “estou a fazer um colar”, “estou a fazer uma cobra”.	Nesta reflexão encontra-se presente a expressão dramática quando as crianças transformam objetos noutros objetos, isto é, quando dizem que estão a fazer um colar com massa de cor ou que estão a fazer um bolo. A nível de estratégias penso que foram adequadas, na medida em que procurei dialogar com elas como forma de perceber e delas transmitirem oralmente o que se encontravam a fazer.
Na reflexão nº 6 do dia 06/11/2014, “Depois do jogo “O chefe manda” terminar, dei início ao momento do conto colocando no chão à minha frente os animais da história no sofá. Seguidamente mostrei a capa do livro às crianças e	A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando utilizo entoações de vozes diferentes para encarnar personagens diferentes e quando utilizo objetos animados, como é o caso do sofá e dos bonecos da história,

<p>comecei a contar a história virando as páginas para elas, de modo a que as imagens e o texto fossem visíveis por todas. Ao mesmo tempo que contava a história ia entoando uma voz diferente para diferentes personagens, fazia expressões faciais e ia retirando os animais do sofá à medida que na história desapareciam, sendo uma forma de tornar a história mais cativante para as crianças.” De facto resultou, pois as crianças mostraram-se envolvidas no momento focando a atenção no livro e ao mesmo tempo nas personagens que iam saindo do sofá, que eu atirava ao ar para trás de mim, sendo motivo para gargalhada geral do grupo”.</p>	<p>sendo uma forma de contar a história. A nível de estratégias, penso que foram adequadas, pois as crianças mostraram-se interessadas na dramatização que fiz da história utilizando os bonecos e um sofá.</p>
<p>Na reflexão nº 7 do dia 13/11/2014, “Para finalizar, gostaria de mencionar uma situação interessante que vivenciei com as crianças na área do faz-de-conta. Quando me juntei às crianças na área da casa disse-lhes. “Sou uma visita, o que é que me servem para o lanche?”, ao que as crianças me responderam: “Hoje fazes anos, vamos fazer bolo, mas bebe este chá”. É interessante observar as crianças a representarem papéis que possivelmente observam de experiências próximas. Notei que ao ter entrado na brincadeira de forma não intrusiva fez com que as crianças de repente me integrassem na sua brincadeira. Julgo que é importante que o educador ao entrar nas brincadeiras das crianças não pergunte ao que estão a brincar, mas que simplesmente comece a entrar na conversa, pois só assim consegue brincar com as crianças.”</p>	<p>Nesta reflexão encontra-se presente a expressão dramática quando me envolvo com as crianças na área da casa entrando na sua brincadeira como se já fizesse parte da mesma, sendo uma estratégia de não destruir a brincadeira. Outro aspeto que nesta situação nos remete para a expressão dramática prende-se ao facto de ter notado que as crianças representam papéis de experiências próximas. A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois procurei entrar na brincadeira das crianças de uma forma disruptiva conversando com elas como se já fizesse parte da mesma.</p>
<p>Na reflexão nº 9 do dia 24/11/2014, “Sugeri-lhes (...) que fizessem de lagarta indo atrás uns dos outros em fila com o balão equilibrado entre a barriga e as costas do colega da frente. Sugeri-lhes ainda que imaginassem que o balão era um volante, visto que a música que estava a tocar era sobre um autocarro, explorando assim com as crianças várias potencialidades de um balão.”</p>	<p>Nesta reflexão a expressão dramática encontra-se presente quando sugiro às crianças para representarem que o balão é uma lagarta ou um volante promovendo assim a exploração de potencialidades do balão, neste caso. A nível de estratégias utilizadas penso que foram adequadas, pois envolvi a expressão dramática num momento de expressão motora.</p>
<p>Na reflexão nº 12 do dia 11/12/2014, “Depois das crianças terem escolhido as</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente nesta reflexão em todas as</p>

áreas para onde queriam ir brincar, fui primeiro ao encontro das que se encontravam na área da casa. Pude observar o S. com um alguidar com legumes lá dentro fazendo o gesto que mexia algo com a mão segurando num garfo. Como forma de ir entrando na brincadeira das crianças sem destruí-la e de fomentar o diálogo disse-lhes: “Que bom estarem a cozinhar estou com tanta fome! Hoje sou a vossa convidada”, ao que o S. me respondeu: “Estamos a fazer um bolo”, ao que eu comentei: “Agora podíamos por o bolo no forno”, tendo a Sof. imediatamente fingido que ligava os botões do forno e eu seguidamente peguei no alguidar e coloquei-o lá dentro. Posteriormente como forma de estimular a brincadeira e de a tornar mais complexa disse às crianças: “Olhem como já fizemos a sobremesa agora podíamos fazer uma sopa. Querem fazer uma sopa de que?”, ao que o S. respondeu: “De cenoura”, ao que eu seguidamente perguntei: “E de que cor é a sopa?”, ao que me responderam: “A sopa é laranja”. “Como forma de não sair desta área bruscamente, disse às crianças que iria brincar um pouco com os colegas e voltaria, pois as crianças tinham de perceber a razão que me levou a sair da área, visto tinha de observar as crianças nas várias áreas da sala”. “Quando me desloquei para a área das trapalhadas tive oportunidade de observar o M. e o S. (esta criança mudou de área talvez devido ao facto de se ter desinteressado da brincadeira existente na área da casa) com um lenço atado na cabeça, com umas calças de disfarce vestidas e uma pala de pirata no olho a dizerem que iria haver um espetáculo das tartarugas ninja, tendo-se pouco depois deslocado para a área da leitura onde iria ser o espetáculo”. “Quando me aproximei do M. perguntei-lhe: “Olha posso ver o espetáculo?”, ao que este me respondeu: “Senta-te neste banco”. Notei que pouco depois de ter entrado na sua brincadeira, as outras crianças que também se encontravam na

situações, pois este dia focou-se principalmente na interação com as crianças nas áreas do faz-de-conta, pois encontra-se presente quando: o S. faz o gesto que mexe a sopa com um garfo num alguidar; quando a Sof. representa que liga o forno; quando o M. e o S. transformam o espaço da área da leitura num local de espetáculos, pois transformam o espaço em função dos seus desejos; quando o M. e o S. encarnam as personagens das tartarugas ninja; quando as crianças colocam a toalha aos quadrados no chão representando que estão a fazer um piquenique, situação derivada da observação de experiências próximas; a A. C. transformou o espaço da leitura na praia deambulando-se por esta área com uns óculos de sol; O M., O G., a A. C. e a A. F. me colocam ganchos no cabelo representam que estão a pentear, situação esta que surgiu da iniciativa do M.; o A. e o J. P. representam que constroem prédios com blocos de construção empilhados; o G. representa que os carros passam em cima de uma ponte de madeira. A nível de estratégias utilizadas penso que foram adequadas, pois quando o S. e a Ir. se encontravam na área da casa tentei entrar na brincadeira mantendo o diálogo como se já fizesse parte da brincadeira e tentei complexificar a brincadeira perguntado do que era a sopa que estavam a fazer, quando saí da área da casa tive a preocupação de dizer às crianças que já voltava e que ia brincar um pouco com os colegas, participei na brincadeira das tartarugas ninja como observadora da sala de espetáculos sentando-me num banco, depois do M. ter tomado a iniciativa de me colocar ganchos no cabelo e de representar que me lavava o cabelo procurei perceber se esta crianças costumavam ir ao cabeleireiro com a mãe, quando as crianças que se encontravam na área das trapalhadas colocaram no chão da área da leitura uma toalha aos quadrados resolvi perguntar se poderia ir ao piquenique ao que as crianças

área das trapalhadas foram-se aproximando deste espaço (área da leitura). Todavia, pareceu-me que essas crianças não aderiram à brincadeira do M., pois colocaram bonecos encostados à parede sentados no chão, colocaram uma toalha aos quadrados no chão e foram buscar à área da casa pratos, copos e talheres, transformando assim a área da leitura num piquenique”. “Quando me aproximei destas crianças perguntei-lhes: “Posso ir ao vosso piquenique?”, ao que me responderam que sim e me disseram: “Viemos fazer um piquenique no jardim zoológico com os bebés”. Neste momento interliguei esta situação com o facto das crianças em Junho irem numa visita de estudo ao jardim zoológico e a existência deste piquenique talvez se deva ao facto da educadora lhes ter dito que iriam almoçar por lá. Porém, ainda neste espaço tive oportunidade de observar a A. C. com uns óculos de sol falando sozinha, então aproximei-me desta e perguntei-lhe: “Onde vais de óculos de sol?”, ao que esta me respondeu: “Vou à praia” e mais uma vez temos um novo cenário criado no espaço da área da leitura”, “Pouco depois como me encontra sentada no chão, a A. F., o G., o M. e a A. C. começaram por me colocar ganchos no cabelo e pentearem-me o cabelo com as mãos, então como forma de enriquecer a brincadeira disse-lhes: “Gostaria que me lavasse o cabelo e me fizesse um penteado muito chique porque vou a uma festa”, ao que as crianças responderam com uma grande gargalhada e começaram a fingir que me lavavam o cabelo esfregando-me as mãos na cabeça, depois colocaram-me os ganchos e disseram: “Está pronto”. A iniciativa desta brincadeira partiu primeiramente do M. o que me levou a perguntar-lhe: “Costumas ir à cabeleireira com a tua mãe”, ao que este me respondeu que sim.” “Em relação à área da garagem e das construções pude observar o A. e o J. P. a construírem prédios. Quando me aproximei destas crianças disse-lhes: “Tantos blocos em

responderam que era no jardim zoológico situação esta que interliguei com o facto de em Junho irem fazer uma visita ao jardim zoológico. No entanto, houve um pequeno aspeto a nível de estratégias que correu menos bem, pois quando me aproximei das crianças que se encontravam a brincar na área dos blocos ter-lhes dito que estavam tanto blocos em cima uns dos outros, pois deveria antes ter-lhes dito que o prédio estava muito grande o que em meu ver desmotivou as crianças e as levou a dispersarem-se.

<p>cima uns dos outros”, ao que me responderam: “São prédios”. No entanto, não pude observar mais pormenores visto que estes se dispersaram, tendo-se deslocado pelas outras áreas a observarem o que os colegas se encontravam a fazer. Ainda nesta área pude observar o G. a encaixar uma ponte de madeira, onde seguidamente brincou com carros em cima da mesma fazendo que era a estrada. Notei que este passou várias vezes com os carros em cima da ponte, mas depois também se dispersou, pois observou de igual modo as brincadeiras dos colegas que se encontravam nas outras áreas”.</p>	
<p>Reflexão nº 13 do dia 18/12/2014, “Quando as crianças se encontravam na área da casa, tive oportunidade de observar a A. F. mexendo um garfo dentro de um balde com legumes de plástico, o que me levou a perguntar-lhe: “Estás a fazer o que A. F.?”, ao que esta me respondeu: “Estou a fazer uma sopa”. Enquanto esta se encontrava fazendo o gesto que mexia a sopa com um garfo, o San. estava na área das construções a colocar peças de construção dentro de uma chaleira dizendo que eram caracóis. Seguidamente a A. F. disse ao San.: “Filho vem cá”, ao que este correspondeu dirigindo-se à mesma dizendo: “caracóis”, ao mesmo tempo que deitava as peças de construção dentro do balde de legumes (a sopa) que a A. F. mexia.”, “Quando as crianças se encontravam na área do barco, pude observar a La. e o Gui. sentados lá dentro brincando com botões de plástico que por norma são para fazer colares. Neste momento procurei interagir com estas crianças perguntando-lhes: “O que é isso com que estão a brincar? É um tesouro?”, ao que o Gui. me respondeu: “Sim é um tesouro. É bom, prova!”, ao que eu seguidamente lhe perguntei: “O teu tesouro come-se?”, ao que este me respondeu: “São bolachas de chocolate”, ao que eu por conseguinte respondi: “Ahh o teu tesouro são bolachas de chocolate!”. Pouco depois o Gui. disse: “Prova, isto são rebuçados”. Pouco depois perguntei à</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente nesta reflexão em todas as situações, pois este dia focou-se principalmente na interação com as crianças nas áreas do faz-de-conta, pois encontra-se presente quando: a A. F. representa que faz sopa mexendo com um garfo num alguidar; a A. F. representa que o San. é seu filho representando um papel de autoridade; o San. transforma as peças de construção em caracóis revelando a necessidade de transformar um objeto em função do seu desejo; o Gui. e a La. quando se encontram no barco o Gui. transforma as peças de enfiamento em bolos e doces enquanto a La. transforma as peças de enfiamento em jogos, o que demonstra os significados diferentes atribuídos ao mesmo objeto que variam em função dos desejos das crianças; o Gui. diz que ainda falta muito para chegarem à Terra do Nunca regula a sua própria brincadeira; as crianças representaram uma fila de trânsito colocando carros atrás uns dos outros, talvez tenha sido uma experiência vivenciada por alguma criança. A nível de estratégias penso que foram adequadas na medida em que procurei interagir com as crianças através do diálogo nas diversas áreas, no entanto talvez não lhes devesse ter feito tantas perguntas, pois senti que na área do barco e quando as crianças se encontravam a brincar às filas de trânsito não deixei a conversa fluir naturalmente,</p>

La. o que eram os seus botões de plástico, ao que esta me respondeu: “Os meus são um jogo”. Posteriormente perguntei-lhes ainda onde iam, tendo-me respondido que iam para a Terra do Nunca e que faltava ainda muito para lá chegarem.” “Em relação ao momento de brincadeira com carros que o J. M. trouxe, tive primeiramente oportunidade de observar o San. brincando sozinho com um carro, mas pouco depois o J. M. trouxe uma caixa com os seus carros e veio juntar-se à brincadeira. Neste momento de igual modo, apesar de me encontrar a filmar procurei interagir com estas crianças e perguntei-lhes: “Ao que estão a brincar?”, ao que o J. M. me respondeu: “Aos carros”. Pouco depois notei que o grupo de crianças que brincava aos carros aumentou, pois o F. O., o J. P. e a Marg. vieram juntar-se à brincadeira. Nesta altura observei o J. M. a colocar os carros nas divisórias da caixa o que me levou a perguntar-lhe: “Isso são as garagens dos carros?”, ao que este me respondeu: “São sim”. Seguidamente observei-os a colocarem os carros em fila o que me levou a perguntar-lhes: “Porque é que os carros estão em fila?”, ao que estes me responderam: “Isto é o trânsito”, ao que eu comentei: “Então se calhar estes carros estão numa cidade”. Posteriormente perguntei-lhes: “Estes carros vão para onde?”, ao que o A. respondeu: “Para a praia”, tendo o J. P. repostado: “Não, vão ao circo”, ao que eu seguidamente perguntei: “Onde é o circo”, ao que o J. P. me respondeu: “O circo é depois da praia” o que me levou a comentar: “Ahh o circo é perto da praia!”, ao que em coro me responderam que sim”.

limitando as crianças a responderem às minhas perguntas e por vezes influenciando-as a responderem ao que eu esperava da brincadeira.

Apêndice VIII- Jardim de Infância – Análise dos vídeos da PES I

Ação	Comentário
<p>No que respeita ao 1º vídeo este envolveu a A. F. de 3 anos. Esta criança encontra-se a representar que faz sopa fazendo o gesto que esmaga os legumes com uma colher. Esta criança representa também que o San. é o seu filho, pois chama-o tratando-o por filho e diz-lhe que esta sopa está feita.</p>	<p>A criança ao longo do momento encontra-se envolvida, pois nada a distrai e demonstra a presença dos quatro sinais fundamentais, concentração, criatividade e complexidade, energia, e persistência, o que leva a que tanto eu como a educadora termos colocado uma cruz no nível de envolvimento 5. Em relação à área de conteúdo, tanto eu como a educadora colocámos uma cruz na expressão dramática, visto que estamos a observar uma criança a representar o papel de mãe que está a fazer uma sopa para o filho representando uma situação do quotidiano dos adultos.</p>
<p>Em relação ao 2º vídeo este envolveu o Gui. de 4 anos. Esta criança encontra-se dentro da área do barco representando que a viajar e que está comendo bolachas com peças de enfiamento. Pouco depois pode-se notar a transformação das peças de enfiamento em doces. No final do vídeo nota-se ainda que a criança regula a brincadeira quando diz que falta muito para chegar à Terra do Nunca.</p>	<p>A criança ao longo do momento encontra-se envolvida, pois nada a distrai e demonstra a presença dos quatro sinais fundamentais, concentração, criatividade, complexidade, energia e persistência o que eu leva a que tanto eu como a educadora termos colocado uma cruz no nível de envolvimento 5. Em relação à área de conteúdo tanto eu como a educadora colocámos uma cruz na expressão dramática visto que a criança transforma os objetos noutros objetos em função dos seus desejos e regula a sua ação quando diz que ainda não chegaram ao destino.</p>
<p>Em relação ao 3º vídeo este envolveu o J. M. de 3 anos. Esta criança veio juntar-se ao San. que se encontrava na área central da sala e trouxe uma caixa com carros o que demonstra que procura companhia para brincar. Pouco depois o J. M. abre a caixa dos carros, entretanto surge outra criança e o J. M. dá-lhe um carro para brincar. Seguidamente o J. M. faz o gesto de um carro a andar no ar e outra criança bate-lhe com um carro no seu. Pouco depois o J. M. tira uma divisória da caixa e começa a colocar os carros lá dentro como se fossem garagens e foi depois</p>	<p>Esta criança ao longo deste momento mostra-se envolvida, pois apesar de haver ligeiras interrupções a criança consegue retomar o nível da atividade. As características que envolvem este envolvimento são: a concentração, pois a criança mesmo que se distrai volta a fazer o que estava a fazer; a persistência, pois a criança não abandona a atividade; a complexidade e criatividade encontra-se presente, pois a criança aproveita as divisórias da caixa para serem as garagens do carro. Todas estas características me levaram tanto a mim como à educadora a</p>

arrumar a divisória da caixa dentro da caixa e brinca com um carro no chão.	colocar uma cruz no nível de envolvimento 4, pois apesar destes sinais de envolvimento estarem presentes, a criança por vezes distrai-se, o que não nos levou a colocar uma cruz no nível de envolvimento nº 5.
---	---

Apêndice IX - Creche – Análise das Planificações da PES II

Ação	Comentário
Na planificação nº 3 do dia 19/02/2015, “Neste momento irei encontrar-me no tapete com as crianças explorando brinquedos que lhes despertem mais atenção colocando-me ao seu nível físico sempre numa tentativa de diálogo como forma de perceber como exploram os objetos e quais lhes despertam mais a atenção. Porém este momento de interação com as crianças é flexível, pois as interações que irei manter com as crianças dependerão das que se encontrarem na sala no momento, visto que nem sempre vão à creche (...)”, “Neste momento irei dizer às crianças que irão fazer jogos sentadas à mesa. Seguidamente irei colocar os jogos de encaixe de madeira em cima da mesa e irei sentar as crianças à mesa. Depois das crianças se encontrarem todas sentadas, irei incentivá-las a explorarem os jogos jogando com elas e fazendo comentários como: “Vamos ver da peça que é a cabeça da galinha”, “Olha esta peça não é daqui é daqui!” como forma de promover o diálogo, de entrar na sua brincadeira e de as estimular”.	Nesta planificação a expressão dramática encontra-se patente quando procuro brincar com as crianças com materiais que lhes despertam atenção colocando-me ao seu nível físico e mantendo o diálogo, sendo uma forma de entrar na sua brincadeira e de descobrir a forma como exploram os objetos, visto que nesta faixa etária o importante é observar como a criança explora o brinquedo e desenvolver potencialidade de como se pode explorar um brinquedo, sendo uma forma de ir encontro ao meu projeto. Outra situação onde a expressão dramática se encontra presente é quando incentivo as crianças a explorarem jogos em cima da mesa, pois estou a sensibilizá-las a procurarem as peças do jogo para construírem as imagens através do encaixe das peças. A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois não existe melhor forma de perceber como os bebés brincam que é colocarmo-nos ao seu nível físico observando-os e entrando nas suas brincadeiras brincando com os brinquedos com que se encontram a brincar. Em relação à exploração dos jogos em cima da mesa foi uma forma de incentivá-las a explorarem algo mas com um objetivo mais definido que é encontrar as peças das imagens que através da minha participação facilita a concretização desse objetivo, ao mesmo tempo que estimula a criança a envolver-se no momento.
Na planificação nº 4 do dia 20/02/2015, “Neste momento irei dizer às crianças que irão sentar-se à mesa porque irão brincar sentadas à mesa. Seguidamente irei colocar os livros e os brinquedos em cima da mesa e irei sentar as crianças à	Nesta planificação a expressão dramática encontra-se presente quando disponibilizo às crianças livros e brinquedos para explorarem em cima da mesa como tanto gostam, ao mesmo tempo que interajo com as mesmas estimulando a sua atenção para aspetos existentes nos livros. A nível de estratégias penso que foram

<p>mesa. Depois das crianças se encontrarem todas sentadas, irei incentivá-las a explorarem os livros e os brinquedos brincando com elas e lendo-lhes ao mesmo tempo que faço comentários, como por exemplo: “Olha o ursinho da história foi à praia”, como forma de promover o diálogo, de entrar na sua brincadeira e de as estimular (...).</p>	<p>adequadas na medida em que atendi ao interesse das crianças em explorarem livros e brinquedos em cima da mesa e depois ao procurar interagir com as mesmas enriqueci a brincadeira na medida em que as crianças se envolvem mais num momento quando existe um adulto a incentivar essa brincadeira e a despertar a atenção das crianças para vários aspetos como foi exemplo quando disse: ““Olha o ursinho da história foi à praia”</p>
<p>Na planificação nº 17 do dia 11/03/2015, “Neste momento aproveitando o facto das crianças se encontrarem a brincar no tapete irei dizer-lhes: “A Joana hoje trouxe uns panos muito giros para pormos na cama das bonecas” ao mesmo tempo que tiro os panos de dentro do saco como forma de despertar o interesse das crianças pelos mesmos. Seguidamente irei espalhar os panos pelo tapete e deixo as crianças explorarem-nos livremente como forma de se envolverem em experiências de faz-de-conta, como por exemplo colocarem o pano pelas costas, na cabeça, utilizarem o pano como pano do pó (...).”</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando enriqueço o espaço de faz-de-conta através da introdução de panos para que as crianças os explorem livremente colocando-os, por exemplo na cabeça, escondendo-se debaixo dos memos ou atribuindo-lhe um significado distinto do que realmente tem. A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois enriqueci a área do faz de conta dando panos às crianças mas deixei-as explorarem-nos livremente, pois quando se introduz um objeto novo na sala deve-se deixar a criança explorá-lo livremente e só depois o adulto deve entrar na brincadeira dirigindo-a dando sugestões à criança como pode utilizar o pano.</p>
<p>Na planificação nº 22 do dia 18/03/2015, “Depois de todos os brinquedos se encontrarem arrumados irei dizer às crianças, por exemplo: “Agora vamos brincar com os blocos”, ao mesmo tempo que os espalho pelo tapete da sala. No decorrer deste momento irei primeiramente deixar as crianças explorar os jogos livremente e só depois irei dirigir um pouco mais o momento dizendo-lhes, por exemplo: “Podíamos fazer uma torre”, ao mesmo tempo que coloco os blocos em pilha, entre outras propostas que surgirem no momento (...).”</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando incentivo as crianças a explorarem blocos de encaixe de forma livre espalhando-os pelo tapete da sala e observo a forma como estas exploram os blocos e encontra-se presente quando dirijo a brincadeira dando sugestões às crianças do que poderemos fazer com os blocos de encaixe ao mesmo tempo que exemplifico empilhando os blocos. A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas, pois primeiro deixei as crianças explorarem os blocos de forma livre para poder perceber o que é que elas já conseguiam fazer com os blocos e só momentos depois me integrei na brincadeira dando sugestões às crianças como forma destas perceberem as várias formas com que os blocos se podiam utilizar, sendo ao mesmo tempo uma forma de as incentivar a reproduzirem o que eu fazia.</p>

Apêndice X- Creche – Análise das Reflexões da PES II

Ação	Comentário
<p>Na reflexão nº 1 do dia 9/02/2015 a 13/02/2015, “Em relação às crianças mais velhas, como é o caso da In. (16 m), da Mar. (15 m) e da H. (14 m) notei que estas já conseguem fazer jogo de imitação com mais pormenor que no semestre passado, pois seguram no boneco e imitam que lhe colocam a chupeta ao boneco, pegam num prato e fazem de conta que lhe dão de comida ou até mesmo fazem de conta que lhe mudam a fralda. (...)”.</p>	<p>Nesta reflexão encontram-se presentes situações de brincadeira de faz-de-conta quando as crianças seguraram no boneco e imitaram que lhe colocaram a chupeta, quando pegaram num prato e fizeram de conta que lhe deram de comer ou quando imitaram que lhe mudavam a fralda. A nível de estratégias revelaram-se adequadas tendo em conta que a minha intenção era apenas em observar a forma como as crianças brincavam para ver se as crianças evoluíram, tendo sido o que aconteceu, pois em relação à H. nota-se que a brincadeira evoluiu, pois esta anteriormente não representando ainda situações de observação dos comportamentos dos adultos, agora ao colocar a chupeta na boca do boneco, ao representar que dá de comida ao boneco e que lhe muda a fralda já se nota que isso acontece o que me leva a querer que evolui a nível do jogo de imitação.</p>
<p>Na reflexão nº 2 do dia 16/02/2015 a 19/02/2015, “Em relação à Mar. E. (21 m) e ao S. (21 m), tive oportunidade primeiramente de observar a Mar. E. (21 m) com um pano da cama das bonecas na cabeça fazendo que era um lençol. Pouco depois tive oportunidade de observar a Mar. E. (21 m) em brincadeira com o seu irmão S. (21 m) imitando que limpavam uma mesa com dois panos da cama das bonecas. Através desta observação pude constatar que estas crianças deram uma finalidade diferente ao lençol da que tinha e que talvez tenham repetido a situação de limpar o pó porque a observaram de experiências com adultos próximos fazendo deste modo jogo de imitação dos adultos. A partir da observação deste gosto das crianças por explorarem panos estou a pensar introduzir na zona da casa das bonecas panos da loiça, lenços e talvez alguns casacos como forma de</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando a Mar. E. (22 m) pega num lençol da cama das bonecas atribuindo-lhe o significado de lenço e quando esta se encontrava com o seu irmão S. (22 m) imitando que limpavam a mesa com o lençol, deste modo estas crianças atribuíram um significado diferente ao objeto diferente do que ele possui e representaram vivências talvez por observação de comportamentos de adultos próximos. A nível das estratégias utilizadas mostraram-se adequadas, tendo em consideração que a minha intenção era observar a forma como as crianças brincavam espontaneamente.</p>

<p>responder a um interesse das mesmas e de enriquecer as suas experiências de faz-de-conta, assim como é uma forma de desenvolver o meu projeto indo ao mesmo tempo de encontro à temática do meu relatório final.”</p>	
<p>Na reflexão nº 4 do dia 02/03/2015 a 06/03/2015, “Em relação à nota de campo 3, gostaria de referir que tenho observado várias vezes as crianças a irem buscar os lençóis da cama das bonecas e mais uma vez o fizeram, pois colocaram o lenço na cabeça e nas costas, dando deste modo um significado diferente ao objeto do que realmente ele possui. Como forma de atender ao interesse das crianças por brincarem com panos, na próxima semana irei levar lenços e lençóis, ao mesmo tempo que enriqueço a área da casa indo de encontro ao tema do meu projeto de investigação e ao tema do meu relatório final. Julgo que um educador tem de estar atento a este tipo de interesses das crianças, pois é uma mais-valia na medida em que pode atender a uma necessidade de uma criança ou mesmo a um interesse grupal, ao mesmo tempo que enriquece o próprio espaço (...)”.</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando as crianças exploraram os lençóis das camas das bonecas e os colocaram na cabeça atribuindo um significado diferente ao lençol diferente do que ele tem. A nível das estratégias utilizadas mostraram-se adequadas, tendo em consideração que a minha intenção era observar a forma como as crianças brincavam espontaneamente.</p>
<p>Na reflexão nº 5 do dia 02/03/2015 a 06/03/2015, “ Em relação à nota de campo 7, tenho a frisar que as crianças se mostraram envolvidas no momento de exploração dos lenços porque este foi de encontro aos seus interesses, dado que eu já as tinha observado a explorarem os lençóis da cama das bonecas o que de certo modo revela o seu interesse por explorarem panos e envolverem em pequenas experiências de faz-de-conta, tendo-se o momento mostrado adequado. Em meu ver a envolvência das crianças no momento deve-se também ao facto de eu as ter deixado primeiro explorarem os lenços livremente e só depois ter dirigido um pouco mais o momento colocando os lenços na minha cabeça como forma destas entrarem na minha brincadeira de faz-de-conta brincando ao cú-cú. Outra situação em que incentivei as crianças a explorarem os lenços foi quando coloquei</p>	<p>A Expressão dramática encontra-se presente neste momento quando eu enriqueci a área do faz-de-conta introduzindo lenços de forma a atender a uma observação que eu tinha feito sobre a s crianças em que estas exploraram os lençóis da cama das bonecas atendendo assim a esta necessidade. Outro aspeto em que se encontra presente a expressão dramática foi quando explorei com as crianças o lenços dando exemplo de algumas formas de exploração como foi o caso quando coloquei o lenço na cabeça da H. como se fosse uma velha. A nível de estratégias julgo que se mostraram adequadas na medida em que ao introduzir os lenços procurei atender a um interesse das crianças que observei em dias anteriores, ao mesmo tempo que interagi com as crianças quando estas exploravam os lenços demonstrando várias potencialidade de exploração</p>

<p>o lenço e o prendi em cima da cabeça da H. (15 m) como se fosse uma velha entre outras situações. Julgo que é muito importante o educador observar os interesses das crianças e enriquecer a sala com materiais que vão de encontro a esses interesses, pois a envolvimento das crianças é muito maior quando assim acontece e o facto de interagir com as mesmas entrando na sua brincadeira é outro fator importante para que a brincadeira seja rica”.</p>	<p>daquele objeto.</p>
<p>A reflexão nº 6 do dia 16/03/2015 a 21/03/2015, “ Para finalizar, em relação à nota de campo 7 tenho a frisar que foi um momento bastante rico, na medida em que foi de encontro à temática dos animais abordada ultimamente indo ao mesmo tempo de encontro do interesse das crianças pelos mesmos. Julgo que a construção da história em pano de feltro foi uma mais-valia, pois permitiu dar um carácter lúdico à história e cativar a atenção das crianças através da apresentação das imagens reais dos animais da história (...).”.</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando eu recorri à introdução de adereços animados com a construção de um cenário em feltro onde se colavam os animais com velcro para conseguir adaptar a história à faixa etária das crianças. A nível de estratégias revelaram-se adequadas, na medida em que consegui captar a atenção das crianças ao contar a história recorrendo à utilização de adereços, pois foi a forma que descobri em adaptar a história à faixa etária das crianças, tendo em conta que é bastante extensa.</p>

Apêndice XI- Creche – Análise dos vídeos da PES II

Ação	Comentário
<p>No que respeita ao 1º vídeo este envolveu I. (11 m). Esta criança encontra-se a explorar um brinquedo e tenta tirar objetos de dentro do mesmo. Ao longo deste vídeo esta criança encontra-se envolvida a tentar tirar objetos de dentro de um brinquedo, depois segura no brinquedo com as mãos virando-o ao contrário. Depois explora o brinquedo com as mãos batendo no mesmo e retoma o que se encontrava a fazer (tirar objetos de dentro de um brinquedo).</p>	<p>Esta criança ao longo do momento encontra-se envolvida na atividade, pois mesmo havendo interrupções conseguiu retomar o que se encontrava a fazer, pois os outros estímulos que rodeiam a criança como é o caso da H. que se coloca um momento perto de si mesmo assim não a distraem, daí tanto eu como a educadora termos atribuído uma cruz no nível de envolvimento 4. Em relação à área de conteúdo colocámos uma cruz na Expressão Dramática, pois este momento relaciona-se com a forma como a criança explora o objeto.</p>
<p>No que concerne ao 2º vídeo este envolveu a H. (15 m). Esta criança encontra-se a brincar com um boneco agarrando-o e tapando-o com um lençol.</p>	<p>Ao longo do vídeo esta criança encontra-se fortemente envolvida, pois várias vezes vira o boneco e agarra-o tapando-o sempre com um lençol, apresentava-se</p>

	concentrada com energia e persistência, daí tanto eu como a educadora termos atribuído uma cruz no nível de envolvimento 5. Em relação à área de conteúdo colocámos uma cruz na Expressão Dramática pelo facto da criança se encontrar a fazer jogo de imitação tapando o boneco com o lençol.
No que concerne ao 3º vídeo este envolveu o V. (11 m). Esta criança encontra-se a brincar com um copo de plástico levando-o à boca. Depois tira um outro copo de plástico a um colega e fica com um copo em cada mão batendo com um no outro, depois volta a pegar no 1º copo que tinha e deixa o outro cair levando o 1º à boca e bate nele com a mão ao mesmo tempo que o vai virando. Pouco depois deixa cair o copo desistindo do mesmo e tenta alcançar um carro que também se encontra no tapete. Depois de alcançar o carro leva-o à boca e fica com o olhar disperso a olhar para algo ,mas parecendo que se encontra no vazio.	Esta criança nos primeiros momentos encontra-se ocupada na atividade mas a um nível rotineiro não demonstrando grandes sinais de envolvimento real e no final acaba mesmo por ficar no vazio, daí tanto eu como a educadora termos atribuído uma cruz no nível de envolvimento 3. Em relação à área de conteúdo colocámos uma cruz na Expressão Dramática, pois este momento relaciona-se com a forma como a criança explora o objeto.

Apêndice XII- Jardim de Infância – Análise das Planificações da PES II

Ação	Comentário
Na planificação nº7 do dia 15/04/2015, “Quando me encontrar a brincar as áreas com as crianças vou procurar fomentar o diálogo de acordo com as suas brincadeiras, ao mesmo tempo que vou dando sugestões que complexificam e enriquecem a brincadeira, como por exemplo: “Além de fazermos um muro podíamos fazer um conjunto de prédios muito grandes”. Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando ao brincar com as crianças nas áreas dou sugestões de brincadeiras que se podem fazer.	A nível de estratégias, penso que se revelaram adequadas, pois mesmo observando e aceitando as brincadeiras das crianças tive a preocupação de lhes dar sugestões como forma de enriquecer e de complexificar a brincadeira.
Na planificação nº 8 do dia 16/04/2015, “Podíamos fazer um livro de receitas para pormos na área da casa”, dado que na área da casa eles representam que fazem bolos é uma forma de enriquecer a sua brincadeira (...)”.	Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando sugiro às crianças construirmos um livro de receitas para colocarem na área da casa, tendo em consideração que costumam representar que fazem receitas. A nível de estratégias

	<p>penso que não deveria ter exposto diretamente a questão devendo deixar as crianças chegarem à mesmas, pois assim este momento acaba por partir de mim adulto e não delas e não é isso que se pretende.</p>
<p>Na planificação nº 12 do dia 22/04/2015, “Neste momento quando me encontrar a brincar com as crianças nas áreas da sala, irei procurar entrar nas suas brincadeiras representando o que elas se encontrarem a representar apoiando a brincadeira nas várias áreas. Quando me encontrar na área do médico irei incentivar as crianças a cortarem-me o cabelo com a tesoura como já aconteceu e a fazerem-me penteados, ao mesmo tempo que incentivo a brincadeira pegando na mesma e perguntando: “Quem é que me faz um corte radical ao cabelo? Quero um penteado da moda, mas precisava que me o enrolassem com uma escova para volume”. Caso as crianças revelem interesse começo a introduzir em cima de uma mesa uma escova de enrolar e pergunto-lhes: “Não acham que dava jeito termos uma mesa para colocarmos as escovas?”, como forma de cativar a atenção do grupo e de incentivar as crianças a darem ideias que poderão dar frutos na construção da área do cabeleireiro. Caso as crianças comecem a dar ideias surge o projeto do cabeleireiro que irei desenvolver com as crianças envolvidas (...).”</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando ao envolver-me na brincadeira das crianças parto de uma brincadeira que sei se elas gostam por já ter sido representada pegando numa tesoura de plástico e começo a brincar aos cabeleireiros em que dependendo do envolvimento das crianças irei introduzir materiais de cabeleireiro (...). A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois para desenvolver um projeto do interesse das crianças fui buscar um interesse das crianças quando peguei na tesoura existente na área dos médicos e lhes sugeri cortarem-me o cabelo e fazerem-me um penteado. No entanto, penso que deveria ter deixado as crianças terem sugerido a falta dos materiais de cabeleireiro em vez de ter sido eu a sugerir.</p>
<p>Na planificação nº 14 do dia 24/04/2015, “Neste momento irei procurar interagir com as crianças nas várias áreas entrando nas suas brincadeiras, mas irei focar-me mais em observar como exploram os adereços de cabeleireiro no caso das crianças se terem mostrado envolvidas em desenvolver o projeto de criar a área do cabeleireiro.</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando procuro observar como as crianças exploram os adereços de cabeleireiro que introduzi. A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas na medida em que através da observação do envolvimento a brincarem com adereços de cabeleireiro percebo se o projeto “tem pernas para andar”, sendo a introdução destes adereços uma confirmação do envolvimento das crianças em brincadeiras de cabeleireiro.</p>
<p>Na planificação nº 15 do dia 27/04/2015,</p>	<p>Neste momento a expressão dramática</p>

<p>“Quando as crianças se encontrarem a brincar nas áreas irei dizer a três crianças, por exemplo: “M., Sof. e A. F. venham afixar o espelho com a Joana para fazermos o cabeleireiro”. Depois irei perguntar-lhes onde é que gostariam que ficasse o espelho para que pudéssemos por perto colocar os produtos em cima da cómoda como tinham sugerido”. Depois das crianças responderem irei retirar o espelho do plástico onde se encontra envolto, irei colocá-lo na zona onde as crianças mencionaram que queriam que ficasse e irei solicitar-lhes que me ajudem a pressioná-lo na parede para que cole, visto que estes espelhos têm cola. Depois do espelho se encontrar afixado irei dizer às crianças que poderão voltar a brincar onde se encontravam. Caso haja crianças a brincar com os adereços de cabeleireiro já poderão visualizar-se no mesmo. Depois de ter afixado o espelho com as crianças, no caso de se encontrarem crianças a brincar com os adereços de cabeleireiro irei procurar interagir com as mesmas, caso se encontrem a brincar noutras áreas interajo com as mesmas noutras áreas (...).”</p>	<p>encontra-se presente quando nomeio três crianças para afixarem comigo o espelho na parede para se começar a construir uma área nova na sala a “área do cabeleireiro” e quando procuro interagir com as crianças nas áreas da sala. A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas, pois procurei enriquecer em conjunto com as crianças uma área que se vai criar na sala e procurei interagir com as crianças nas áreas de forma a perceber como as crianças brincam.</p>
<p>Na planificação nº 19 do dia 04/05/2015, “Depois de todas as crianças terem lavado as mãos e se encontrarem sentadas irei dizer-lhes para irem brincar para as áreas da sala com mães. As crianças que não tiverem as mães presentes poderão brincar com as mães das outras crianças e com as outras crianças nas áreas da sala. Neste momento irei procurar interagir com as mães das crianças e com as crianças nas áreas da sala entrando nas suas brincadeiras e participando nas suas conversas (...).”</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando promovi a interação entre as crianças e as mães nas áreas da sala e quando entrei nas suas brincadeiras. A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas, pois ao envolver os pais nas brincadeiras das crianças promovo a interação entre a escola e a família, observo a forma como os pais brincam com os seus filhos e ao entrar na brincadeira deles tenho oportunidade de perceber como as crianças brincam com a presença de dois adultos, um dos quais fazendo parte da família e o outro não.</p>
<p>Na planificação nº 24 do dia 11/05/2015, “Quando nos encontrarmos na área da leitura irei solicitar a duas crianças ao acaso que peguem na caixa de cartão que faz de calha e a coloquem na área do cabeleireiro e depois irei dizer a estas crianças que colocaram a calha na área do</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando solicito às crianças para colocarem um objeto na área do cabeleireiro criado por si para enriquecerem a mesma. A nível de estratégias penso que se adequaram, pois dei autonomia às crianças ao envolvê-las</p>

cabeleireiro para se irem sentar (...).”.	a introduzirem no cabeleireiro os objetos criados por si.
Na planificação nº 28 do dia 15/05/2015, “Neste momento irei encontrar-me a interagir com as crianças nas áreas da sala como forma de observar como exploram os materiais da área do cabeleireiro e a forma como interagem umas com as outras, sendo estes momentos captados através das notas de campo e fotografias. Enquanto este momento decorre, a educadora em cooperação comigo irá terminar de pintar os chapéus com três crianças da sala. Entretanto irão chegar as crianças da sala dos 5 anos à sala para irem brincar com as crianças da nossa sala. Quando estas crianças chegarem, irei primeiro dar-lhes a conhecer o cabeleireiro, depois irei apresentar as outras áreas da sala e depois irei perguntar-lhes para onde querem ir brincar (...).”.	A expressão dramática encontra-se presente neste momento envolvo as crianças da minha sala e da sala dos 5 anos a brincarem umas com as outras.
Na planificação nº 29 do dia 18/05/2015, “Quando as crianças se encontrarem a mostrar a área do cabeleireiro aos pais, à avó da Marg. e à Noélia e estiverem a brincar na área do cabeleireiro vou procurar entrar nas suas brincadeiras encarnando os seus papéis. (...)”	A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando procurei entrar nas brincadeiras das crianças e dos pais de forma a perceber como os pais brincam com as crianças. A nível de estratégias mostraram-se adequadas, no entanto não me integrei na brincadeira tendo ficado apenas a observar.
Na planificação nº 33, do dia 25/05/2015, “Quando me encontrar sentada no tapete com todas as crianças irei solicitar a três ao acaso que vão comigo para a sala de fora colar as letras em massa de cor na cartolina em formato de escova, quanto as restantes irão brincar para as áreas da sala. Quando me encontrar com estas crianças na sala de fora irei solicitar-lhes que cole as letras na cartolina. Depois das letras se encontrarem coladas irei solicitar-lhes que lavem as mãos, irei arrumar as colas e irei ao encontro do grupo que se encontra a brincar na sala de dentro chamando-o a atenção para o facto de irmos afixar a escova na parede da área do cabeleireiro (...).”.	Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando em conjunto com as crianças elaboro uma escova em massa de cor para enriquecermos a área do cabeleireiro, enriquecendo-se desta forma o espaço de faz-de-conta A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas, pois a forma como geri o grupo na elaboração da escova mostrou-se eficaz. No que respeita à afixação da escova de massa de cor na parede da sala penso que não pensei no facto da cola ter de secar e de não se poder afixar logo a escova na parede.
Na planificação nº 34, do dia 26/05/2015, “Neste momento as crianças da sala dos 2 anos virão à nossa sala brincar com as	Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando envolvi as crianças da sala dos 2 anos a conhecerem

<p>crianças da nossa sala e eu como forma de as receber irei conduzi-las até à área do cabeleireiro. Quando as crianças se encontrarem a brincar na área do cabeleireiro irei procurar interagir com as mesmas entrando nas suas brincadeiras (...)"</p>	<p>a área que as crianças da minha sala criaram e quando interagi com as crianças na área. A nível de estratégias revelaram-se adequadas, pois envolvi-me na brincadeira das crianças de forma a perceber como as crianças dos 2 anos brincam comparativamente às crianças dos 5 / 6 anos.</p>
<p>Na planificação 35, do dia 27/05/2015, "Neste momento as crianças irão encontrar-se a brincar nas áreas da sala e eu irei encontrar-me como observadora atenta aos seus diálogo e à forma como brincam como forma de recolher instrumentos para o relatório (...)"</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando me observo a observar a brincadeira das crianças nas áreas. A nível de estratégias penso que foram adequadas, pois o meu objetivo era apenas de observadora atenta.</p>
<p>Na planificação nº 36, do dia 28/05/2015, "Neste momento irei apoiar a educadora do berçário a transportar os bebés para a nossa sala indo buscá-los ao colo e pela mão à sua sala. Quando chegar à sala dos 3 anos com os bebés irei coordená-los até à área do cabeleireiro incentivando a brincadeira colocando-me sentada numa cadeira perto da calha representando que quero lavar a cabeça, sendo uma forma de cativar os bebés para a brincadeira, ainda que esta se cinja apenas ao jogo de imitação. Enquanto os bebés se encontrarem a explorar a área do cabeleireiro, as crianças dos 3 / 4 anos irão encontrar-se a brincar nas outras áreas da sala. Caso os bebés se interessem em explorar as outras áreas da sala também o poderão fazer visto que o grande objetivo é dar-lhes a possibilidade de explorarem a área do cabeleireiro e interagirem uns com os outros. Quando as crianças da sala do berçário tiverem de ir para a sua sala irei auxiliar a educadora a levá-las para a sua sala (...)"</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando procuro envolver as crianças da sala do berçário/ 1 ano a explorarem os materiais da área do cabeleireiro criada pelas crianças da sala dos 3 / 4 anos.</p>
<p>Na planificação nº 37, do dia 29/05/2015, "Neste momento irei observar as brincadeiras das crianças nas áreas da sala ao mesmo tempo que interajo com as mesmas (...)"</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando observar e interagir com as crianças nas áreas da sala. A nível de estratégias penso que se revelaram adequadas, pois preocupei-me em observar as crianças e interagir com elas para observar como brincam nas diferentes áreas.</p>

Apêndice XIII- Jardim de Infância – Análise das Reflexões da PES II

Ação	Comentário
<p>Na reflexão nº 1 do dia 23 de Março a 27 de Março, “Em relação à nota de campo 22, tenho a realçar que quando me encontrava a observar as crianças nas áreas notei que têm o gosto pelas mesmas áreas em relação ao outro semestre em que estagiei e penso que as suas brincadeiras se devem à imitação de comportamentos que vêm de adultos próximos. No que concerne ao gosto do M. por representar que é o cabeleireiro, gostaria de atender ao seu interesse criando a área do cabeleireiro através da introdução de espelhos na parede, de uma cadeira, de um secador, de pinças, de rolos e de frascos de shampoo, pois pelas minhas observações não é só M. que gosta, pois a Sof. também representa algumas vezes situações de cabeleireiro. Desta forma, vou tentar arranjar os materiais essenciais para criar a área do cabeleireiro, pois penso que é importante desenvolver um trabalho em torno dos interesses das crianças e é importante renovar as áreas do faz-de-conta dado que ao fim de algum tempo ficam saturadas, pois as crianças acabam por cansar-se de brincar sempre com as mesmas coisas e com os mesmos cenários. Como tal, na minha opinião um educador deve assumir uma postura de observador atento das brincadeiras das crianças, pois muitas vezes elas ao brincarem e representarem determinados papéis muitas vezes dão-nos pistas do que gostam de brincar a que nós devemos atender enriquecendo e complexificando a brincadeira. (...)”</p>	<p>Neste momento a expressão dramática encontra-se presente quando me encontrava a observar as crianças a brincarem nas áreas da sala onde observei o M. a representar situações de cabeleireiro que me deu uma pista para poder desenvolver um projeto em torno desse interesse. A nível de estratégias revelaram-se adequadas pois como observadora observei um interesse por parte das crianças que pode ser atendido através da criação de uma área de cabeleireiro na sala.</p>
<p>Na reflexão nº 3 do dia 13 de Abril a 17 de Abril, “Porém, para que a educadora conseguisse terminar os trabalhos em pequeno grupo, fiquei na sala de dentro a brincar com as restantes crianças nas áreas da sala. Neste momento quando a Sof. representava que me cortava o cabelo com a tesoura da caixa dos médicos a mim e ao T., senti que estas crianças têm necessidade em representar situações de cabeleireiro, pois o</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando a Sof. representa que me corta ao cabelo e ao T. e quando o Gui. representa que vai viajar para o Algarve. A nível de estratégias penso que se adequou o facto de eu ter interagido com a Sof. e com o T. na brincadeira, no entanto em relação ao Gui. poderia ter interagido com o mesmo na brincadeira de ir</p>

<p>M. entre outras crianças também já o fizeram noutras situações o que me leva a querer que estas representações se devam à observação de experiências próximas ou regulares de cabeleireiro. A repetição destas situações de representação de cabeleireiro, foram pistas que me levaram a querer que estas crianças possivelmente têm necessidade de ter a área do cabeleireiro na sala, a qual pretendo introduzir caso as crianças revelem interesse quando introduzir adereços de cabeleireiro que recolhi durante o momento de brincadeira nas áreas da sala. A introdução destes adereços de cabeleireiro irá surgir implicitamente, isto é, quando me encontrar a observar as crianças que se encontrarem a brincar com a caixa dos médicos irei comentar que precisava de um corte de cabelo e de o arranjar com volume, o que eu meu ver levará as crianças a irem buscar a tesoura e a terem necessidade de ir buscar uma escova e aí irá surgir a escova de enrolar que irei colocar no chão com o intuito de perguntar às crianças se não acham que precisamos de uma mesa para colocar as escovas e assim o grupo de crianças começará a vir ao nosso encontro e dará sugestões que possivelmente irão despoletar o interesse em construir a área do cabeleireiro. No entanto, depois desta introdução dos adereços de cabeleireiro pretendo perguntar às crianças se seria boa ideia termos a área do cabeleireiro na sala, caso esta não surja em conversa e a partir daí surgirá o registo escrito que se irá intitular “O que precisamos para fazer um cabeleireiro?” em que iremos fazer o levantamento do que temos, do que há hum cabeleireiro e do que não temos e precisamos de levar sugerindo às crianças levarem materiais e assim surgirá um projeto em que irão participar as crianças envolvidas. Em relação à brincadeira do Gui. no barco quando representava que ia viajar para o Algarve dizendo que ainda não tinha chegado, notei que este regulou o tempo da brincadeira ao dizer-me que ainda faltava muito para chegar, ao mesmo tempo que pensei que estaria a representar uma situação semelhante a uma experiência próxima. (...)”</p>	<p>viajar como forma de perceber se a sua conversa ia mais além, pois o facto de eu poder entrar podia fazer com que a brincadeira se desenrolasse de outra forma.</p>
<p>Na reflexão nº 4 do dia 20 de Abril a 24 de</p>	<p>Em relação às estratégias que utilizei</p>

<p>Abril, “ Em relação à nota de campo 6, tenho a frisar que já tinha em mente introduzir os adereços de cabeleireiro, pois já tinha observado que as crianças costumavam representar situações de cabeleireiro e atendendo a esse interesse de forma implícita planejei interagir com as crianças nas áreas de forma a perceber se esse interesse novamente se manifestava, tendo sido o que aconteceu. Desta forma, quando notei que a Sof. representou que me cortava o cabelo com a tesoura da caixa dos médicos e que outras crianças se aproximaram entrando na brincadeira, confirmei mais uma vez a existência de interesse por parte das crianças em representarem situações de cabeleireiro. Deste modo, introduzi os adereços de cabeleireiro colocando-os no chão o que levou as crianças a integrarem-me na brincadeira, visto que eu fui a cobaia para estas representarem que faziam os seus penteados e como tal comecei a interagir com as mesmas dizendo-lhes que queria um penteado, sendo uma forma de incentivar a brincadeira das crianças, destas desenvolverem a linguagem e de complexificarem a brincadeira. Depois no decorrer da brincadeira como forma de obter feedback por parte das crianças, comecei por lhes dizer que me doíam as costas, sendo uma forma de incitar estas a lembrarem-se e a dizerem que tinham de ir buscar uma cadeira. Depois ainda como forma de as por a pensar e a falar, disse-lhes que os nossos adereços não podiam estar no chão, sendo uma forma destas darem ideias de um sitio onde poderíamos colocar os adereços, o que as levou a sugerirem colocarmos em cima da cómoda que servia de apoio às coisas das bonecas. Julgo como futura educadora que o adulto deve conduzir o discurso de forma a que a criança dê ideias desenvolvendo a criatividade e a linguagem, no entanto o adulto ao fazer este discurso deve ter cuidado em não impor coisas, pois deve abordar as crianças de forma a que as suas sugestões sejam abertas permitindo às crianças pensarem e poderem ter à disposição um leque de ideias. Pretendo nas futuras intervenções durante a construção deste projeto levar a que</p>	<p>penso terem sido adequadas dadas as circunstâncias anteriormente referidas. De acordo com as Metas Curriculares para a Educação Pré-Escolar, as crianças já atingiram de forma geral as metas 13 e 14 do subdomínio: Experimentação e criação/Fruição e análise, pois utilizam e recriam o espaço e situações imaginárias do quotidiano como foi o caso da Sof. em representar que me cortava o cabelo e o entusiasmo das crianças quando introduzi os adereços de cabeleireiro e puderam representar a experiência quotidiana do encarnarem-se cabeleireiras. (Metas de Aprendizagem da Educação Pré-Escolar) A expressão dramática encontra-se presente neste momento ao ter interagido com a Sof. quando este se encontrava a representar que me cortava o cabelo com a tesoura da caixa dos médicos em que eu representava que era a cliente. A nível de estratégias penso que foram muito adequadas, pois ao ter entrado na brincadeira da Sof. em que esta representava que me cortava o cabelo e ao ter observado que várias crianças vieram ao nosso encontro tive a confirmação que um projeto que tivesse relacionado com o cabeleireiro iria ser levado avante e melhor que isso era ir de encontro à expressão dramática. No entanto, como não queria dirigir o surgimento do projeto à minha maneira, tive a preocupação de conduzir as crianças às questões dando-lhes sugestões quando lhes disse que me doíam as costas era uma forma destas se lembrarem que uma cadeira fazia falta e dizendo-lhes que os materiais do cabeleireiro não podiam estar no chão sendo uma forma de as levar a dizerem que precisavam de uma cómoda para as colocar em cima ou de um armário-</p>
--	--

<p>as crianças formulem ideias plausíveis em conjunto comigo e que as coloquemos em prática, mantendo sempre esta atitude de não impor nada nem limitações às crianças, é claro que quando me refiro a limitações me refiro a limitações impostas segundo a vontade do adulto, pois caso veja que as ideias das crianças são inconcebíveis aí sim terei de impor limitações, mas limitações estas relativas à possibilidade de concretização.</p>	
<p>Na reflexão nº 7 do dia 11 de Maio a 15 de Maio, “Em relação à nota de campo 7, tenho a frisar que o facto de ter convidado as crianças da sala dos 5 / 6 anos foi uma forma de oficializar a inauguração da área do cabeleireiro, assim como foi uma forma de crianças de idades diferentes brincarem numa área criada pelas crianças com o auxílio de um adulto. Em relação à minha postura neste momento penso que se revelou adequada, pois primeiro limitei-me a observar a brincadeira das crianças e só depois quando vi que as crianças estavam muito envolvidas me integrei na brincadeira como forma de a complexificar quando lhes fui dando sugestões do que me poderiam colocar. Como pude observar a interação entre crianças de diferentes idades notei que uma criança de 5 / 6 anos já conseguem saber de senso comum que existem shamos para vários tipos de cabelo como foi o caso do Mig, enquanto que uma criança de 3 / 4 anos apesar de lhes ter sido transmitido esse conhecimento ainda não o assimilou por completo. Talvez em relação a estas crianças mais novas como futura educadora deva incitar um diálogo falando várias vezes em diferentes tipos de shampoo para que as crianças assimilem, pois não basta falar uma vez num assunto para ele ser assimilado é necessária alguma repetição e cabe ao educador fazê-lo em meu ver. Outro aspeto que notei entre as crianças de diferentes idades é que a brincadeira pelos 3 / 4 anos não tem uma sequência tão lógica que uma brincadeira de uma criança com 5 / 6 anos, pois quando me encontrava apenas a observar notei as crianças 3 / 4 anos lavavam o cabelo, depois secavam e depois punham a tinta, enquanto que as crianças mais velhas já</p>	<p>Neste momento a expressão dramática quando observo as crianças dos 5 / 6 anos a brincarem na área do cabeleireiro com as crianças dos 3 / 4 anos e quando interajo com as mesmas entrando na sua brincadeira. A nível de estratégias penso que se adequaram, pois primeiro procurei observar a brincadeira das crianças e só depois de ter notado que estavam fortemente envolvidas me integrei na mesma como forma de a tornar mais complexa e de lhes dar sugestões. Ao ter observado a brincadeira antes de ter intervindo percebi que as crianças de 5 / 6 anos já têm uma brincadeira com uma sequência mais lógica, pois notei que as crianças de 3 / 4 anos lavavam o cabelo, depois secavam e depois punham a tinta, enquanto que as crianças mais velhas já tinham a preocupação de lavar o cabelo, por a tinta e depois secar.</p>

<p>tinham a preocupação de lavar o cabelo, por a tinta e depois secar. (...)”</p>	
<p>Na Reflexão nº 8 do dia 18 de Maio e de 20 a 22 de Maio, “Em relação à nota de campo 1, tenho a frisar que a inauguração da área do cabeleireiro correu como previsto, pois os pais brincaram com os filhos numa área criada por si através de um projeto desenvolvido na sala encarnando o papel de clientes que vão a um cabeleireiro e que dão sugestões do que pretendem fazer. Como foi mencionado na nota de campo, primeiro os pais brincaram apenas com os filhos e depois foram entrando novas crianças na brincadeira o que me levou a pensar que o facto de um adulto viver a brincadeira da criança e se envolver na mesma faz com que esta se torne mais atrativa e mais real aos olhos da criança daí a importância do adulto brincar com a criança complexificando a brincadeira ao mesmo tempo que enriquece os diálogos através de sugestões ou comentários. Em relação à minha conduta neste momento posso dizer que apenas fui observadora. Não sei se agi bem se agi mal, mas a minha intenção era tornar aquele momento especial para as crianças e para os pais, no entanto por outro lado a minha intervenção também podia ter sido benéfico na medida em que podia observar a diferença entre a forma como eles brincam com uma pessoa que é familiar ou exterior à sala em relação a uma pessoa da sala como era o meu caso. Outro aspeto em que poderia ter sido benéfico eu entrar na brincadeira era passar-me por uma cliente que se encontrava à espera de vez no salão, tendo em consideração que este se encontrava cheio como forma de perceber se as crianças dariam uma solução. (...)”</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando proporcionei um momento de brincadeira entre pais e filhos numa área criada pelas crianças em que os pais representavam que eram os clientes e os filhos eram os cabeleireiros. A nível de estratégias julgo que se mostraram adequadas, pois ao proporcionar este momento de brincadeira entre pais e filhos pode perceber a forma como brincam e perceber até de que forma o facto de um adulto entrar na brincadeira pode ser estimulante a pontos de envolver outras crianças na brincadeira, tendo sido o que aconteceu.</p>
<p>Na reflexão nº 9 do dia 25 de Maio a 29 de Maio, “Em relação à nota de campo 5, tenho a frisar que foi importante as crianças da sala do berçário terem visitado a nossa sala, pois foi uma forma de haver interação entre crianças de diferentes idades, de darmos a conhecer um pouco do nosso trabalho à educadora desta sala, de mostrarmos que temos uma sala aberta para receber todos e que o facto de serem bebés não é impedimento. No entanto, notei que as</p>	<p>A expressão dramática encontra-se presente neste momento quando proporcionei aos bebés poderem explorar materiais de uma área criada pelas crianças dos 3 / 4 anos. A nível de estratégias mostraram-se adequadas tendo em atenção que a minha intenção era apenas as crianças explorarem os materiais da área, visto que dada sua idade não têm noção do que é um cabeleireiro.</p>

<p>crianças da sala do berçário não se envolveram tanto na área do cabeleireiro como seria já de esperar, pois envolveram-se mais na área da casa e com as bonecas. Esta situação talvez aconteça por ser algo que para elas não existe, pois acredito que para uma criança desta idade não exista ainda a realidade de cabeleireiro, sendo assim mais fácil para elas brincarem com bonecas e na área da casa, pois é uma realidade mais parecida com a sua tendo em conta que na sua realidade existe uma casa onde as pessoas comem e que tratam de bebés que são elas. Deste modo, como para elas existe esta realidade é mais fácil elas representarem-na através da brincadeira. (...)”.</p>	
--	--

Apêndice XIV- Jardim de Infância – Análise dos Vídeos da PES II

Ação	Comentário
<p>No que respeita ao 1º vídeo este envolveu o San. de 3 anos. Esta criança encontrava-se deitada no chão assumindo o papel de doente, enquanto os colegas representavam que lhe davam remédio e injeções e lhe punham pomadas. Ao longo da brincadeira esta criança encontrava-se envolvida em assumir o papel de doente, a meio da brincadeira levantou-se e pôs-se a olhar para a cara dos colegas como a desafiá-los para brincarem outra vez aos médicos sendo ele o doente. No entanto, estes não lhe deram atenção e este foi ver o que se passava nas outras áreas, mas voltou para perto dos colegas que se encontravam a brincar com a caixa dos médicos e quando voltou para a área voltou-se a deitar no chão e os colegas voltaram a brincar com ele fazendo de médicos e ele de paciente.</p>	<p>A criança encontrava-se fortemente envolvida no momento, revelava sinais de energia e de persistência o que me levou a mim e à educadora a atribuir-lhe uma cruz no nível de envolvimento 5. Em relação à área de conteúdo tanto eu como a educadora colocámos uma cruz na expressão dramática devido ao facto deste encarnar o papel de doente.</p>
<p>Em relação ao 2º vídeo este envolveu o J. M. de 4 anos. Esta criança encontra-se a brincar com carros numa pista de madeira, outra criança entra na brincadeira tira-lhe os carros ficando o J. M. apenas com um, mas mesmo assim continua envolvido na brincadeira.</p>	<p>A criança encontrava-se fortemente envolvida no momento, revelava sinais de energia e de persistência o que me levou a mim e à educadora a atribuir-lhe uma cruz no nível de envolvimento 5. Em relação à área de conteúdo tanto eu como a educadora colocámos uma cruz na expressão dramática devido ao facto deste estar a representar que os carros andavam</p>

	na pista.
Em relação ao 3º vídeo este envolveu a La. de 3 anos. Esta criança encontra-se na área da casa a representar que coloca a comida na mesa e colocando os talheres na mesa.	Esta criança durante a tarefa encontra-se envolvida no momento, no entanto abandona a área e vai ao encontro de crianças que se encontram noutra área o que me levou a mim e à educadora a atribuímos-lhe uma cruz no nível de envolvimento 4, pois apesar de se encontrar envolvida acabou por abandonar a área. Em relação à área de conteúdo tanto eu como a educadora colocámos uma cruz na expressão dramática devido ao facto deste representar um momento de refeição quando coloca a comida e os talheres na mesa.